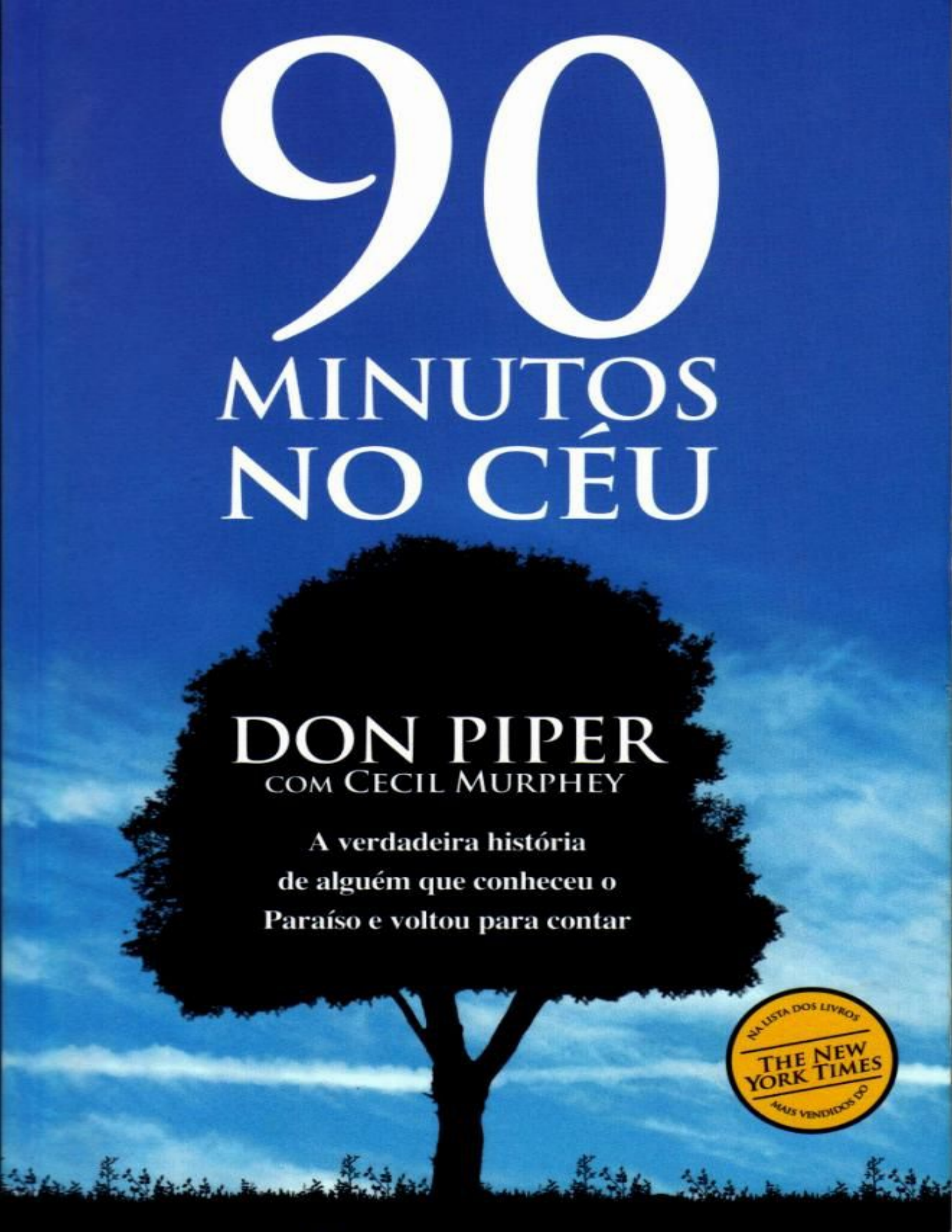
90 MINUTOS NO CÉU



DON PIPER
COM CECIL MURPHEY

A verdadeira história
de alguém que conheceu o
Paraíso e voltou para contar

NA LISTA DOS LIVROS
THE NEW YORK TIMES
MAIS VENDIDOS DO

Aos guerreiros de oração...

Vocês oraram, por isto estou aqui!

Agradecimentos

Escrevi este livro como uma forma de autodefesa. Desde 1989, raramente consegui satisfazer as pessoas dando respostas rápidas ou fazendo breves palestras sobre a experiência pela qual passei. No rádio, na televisão, nos jornais, do alto de inúmeros púlpitos e em muitas outras oportunidades que tive para falar, costumava deixar mais perguntas no ar do que oferecer respostas satisfatórias. As pessoas sempre queriam saber mais, cada vez mais. Escrevi três manuscritos diferentes sobre essa experiência com o objetivo de satisfazer as pessoas mais curiosas, mas nenhum deles conseguiu me satisfazer.

Foi então que convenci um dos mais destacados escritores dos Estados Unidos a ser meu parceiro na autoria de um livro que ofereceria respostas às questões mais inquietantes a respeito da minha morte e da minha vida. Cecil Murphey, autor de biografias de grande sucesso sobre figuras exponenciais, como Franklin Graham,Truett Cathey, B. J.Thomas, Dino Karsanakas e o Dr. Ben Carson proporcionou a perspectiva que eu desejava para escrever o livro de que precisava. Você o tem em mãos neste momento.

Cec tornou-se um amigo dedicado, um confidente e um mentor. De fato, uma das bênçãos que recebi durante a elaboração deste livro foi a oportunidade de conhecer Cec Murphey. A paixão que ele demonstrou por esse projeto pode ser identificada em cada página. Obrigado, Cec! Sou profundamente grato a você. Da mesma forma, sou grato pela fé que Deidre Knight, da agência Knight, depositou nesse projeto. E a Dra. Vicki Crumpton, do Baker Publishing Group, é uma pessoa que passei a admirar cada vez mais. Prezo muito sua dedicação para ver minha história publicada.

Gostaria de agradecer à equipe da Unidade de Trauma do Centro Médico Memorial Hermann e ao Hospital Episcopal de St. Luke's, em Houston, pela maneira como se dedicam à arte da cura. Um agradecimento especial ao Dr. Thomas Greider, meu cirurgião ortopedista desde aquela noite fatídica de 18 de janeiro de 1989.

Pessoas de Deus preciosas de várias igrejas permitiram-me servi-las. Elas foram fundamentais não apenas pelo fato de terem orado por minha sobrevivência — a presença delas também tem sido uma bênção para o meu ministério. Também sou muito grato à Igreja Batista South Park de Alvin, no Texas, onde congregam grandes guerreiros de oração. E importante reconhecer as contribuições especiais da Primeira Igreja Batista, da Igreja Batista Airline e da Igreja Batista Barksdale, todas localizadas em Bossier City, Louisiana. Tenho uma dívida incomensurável com meu patrono de ministério, o Dr. Damon V. Vaughn, ex-pastor das primeiras duas igrejas mencionadas.

Por permanecer fiel comigo nos dias que se seguiram ao meu acidente, quero expressar um amor sem fim pela Primeira Igreja Batista de Rosharon, assim como pelas igrejas batistas Hunters' Glen e Murphy Road de Plano, todas no Texas. Desde 1996, tenho considerado a Primeira Igreja Batista de Pasadena, no Texas, o lugar onde sirvo. Seu apoio a esse projeto tem sido muito bom e inabalável. Obrigado a todos por sua paciência, sua boa vontade, suas orações e seu amor.

A Anita Onerecker e seu falecido esposo, Dick, obrigado por permitir que Deus os usasse de maneira

tão radical. A todos os meus amigos, irmãos e irmãs em Cristo, que oraram de forma apaixonada, agradeço muito. Só Deus conhece os sacrifícios que vocês fizeram, bem como seus atos de bondade. Acima de tudo, agradeço a meus amigos de longa data, Cliff McArdle e David Gentiles, verdadeiros presentes de Deus. Seja de dia ou de noite, em momentos oportunos ou não, em situações convenientes ou de sacrifício, vocês sempre demonstraram ser amigos fiéis. E obrigado a todos vocês pelo incentivo que me deram para tornar este livro uma realidade.

Por fim, desejo expressar minha profunda gratidão aos pais de minha esposa, Eldon e Ethel Pentecost, e a meus pais, Ralph e Billie Piper, pelos sacrifícios incalculáveis que fizeram e pelo apoio fiel que ofereceram. Aos meus três filhos, Nicole, Chris e Joe, digo o seguinte: Deus me concedeu filhos muito melhores do que eu poderia um dia merecer. Sou grandemente abençoado por isso. Como poderia agradecer por tudo o que vocês significam para mim, ainda mais depois daquela sexta-feira, há tanto tempo?

E à minha esposa há trinta anos, Eva. Ninguém deveria precisar fazer por outra pessoa o que você precisou fazer por mim. Mesmo assim, você fez, e de um modo fiel e compassivo, sem hesitar em momento algum. De todas as pessoas que fazem parte de minha família e de meu círculo de amizades, só Eva consegue chegar perto de compreender, de fato, como essa jornada tem sido penosa a cada dia, pois tem suportado esse fardo ao meu lado. Eva, você é um presente de Deus.

Deus, o senhor sabe que nem sempre fui capaz de entender as razões para tudo o que me aconteceu, mas nunca deixei de confiar. Oro: "Aba, Pai." Que esse esforço humilde de contar a minha história possa agradá-lo e abençoar muitas pessoas. Amém.

Don Piper

Fevereiro de 2004

Prólogo

"Morri em 18 de janeiro de 1989. Os paramédicos chegaram à cena do acidente em poucos minutos. Viram que eu não tinha pulso e me declararam morto. Cobriram meu corpo de modo que os passantes não parassem para olhar enquanto eles cuidavam das pessoas feridas. Eu não tinha nenhuma consciência da presença dos paramédicos ou de qualquer outra pessoa que estivesse à minha volta. Imediatamente depois da minha morte, fui direto para o céu. Enquanto eu estava no céu, um pastor batista chegou à cena do acidente. Embora soubesse que eu estava morto, correu na direção do meu corpo sem vida e orou por mim. Apesar da zombaria dos técnicos da equipe de emergência, ele se recusava a parar de orar. Noventa minutos depois de ser declarado morto por aqueles técnicos, Deus ouviu a oração daquele pastor. Voltei à Terra. Essa é a minha história."

Don Piper

Capítulo 1

O ACIDENTE

Podemos, pois, dizer com confiança:

"O Senhor é o meu Ajudador, não temerei.

O que me podem fazer os homens?"

Hebreus 13:6

A Convenção Geral Batista do Texas (BCGT, a sigla em inglês) promove conferências estaduais todos os anos. Em janeiro de 1989, escolheram o litoral norte do lago Livingston, onde a Associação Unida Batista, composta por todas as igrejas batistas na área metropolitana de Houston, opera um grande centro de convenções chamado Trinity Pines. A conferência era focada no crescimento das igrejas, e fui porque estava pensando seriamente em dar início a uma nova igreja.

A conferência começou em uma segunda-feira, e deveria ser encerrada com um almoço na quarta-feira. Na noite de terça-feira, encontrei-me com um amigo que também era executivo da BGCT. Ele se chamava J. V Thomas, e nossa intenção era a de fazer uma longa caminhada. J. V. havia aderido a caminhadas desde que sofrerá um ataque do coração, por isso resolvemos nos exercitar juntos na última noite da conferência.

Alguns meses antes, eu começara a pensar se não seria o momento adequado de dar início a uma nova congregação. Antes de embarcar em um empreendimento dessa envergadura, eu queria reunir toda a informação que me fosse possível. Sabia que J. V. tinha tanta experiência e conhecimento sobre o desenvolvimento de novas igrejas quanto qualquer outra pessoa da BGCT. Por ter fundado muitas igrejas de sucesso no estado, a maioria de nós o reconhecia como um especialista no assunto. Conforme caminhávamos juntos naquela noite, conversamos a respeito de meus planos de iniciar uma nova igreja, quando fazê-lo e qual seria o lugar mais apropriado para isso. Eu queria saber das dificuldades que enfrentaria, assim como era importante conhecer as armadilhas a serem evitadas. Ele respondeu a todas as minhas perguntas, que pareciam nunca acabar, e levantou questões sobre as quais eu ainda não havia pensado bem.

Caminhamos e conversamos por mais ou menos uma hora. Apesar do tempo frio e chuvoso, aquele encontro foi maravilhoso. J. V. se lembra bem daquela oportunidade que tivemos de trocar idéias.

Eu também, mas por uma razão diferente: seria a última vez na vida que eu caminharia normalmente.



Na manhã de quarta-feira, o tempo piorou. Chovia sem parar. Se a temperatura caísse mais alguns graus, não poderíamos viajar, pois tudo teria congelado.

Os encontros matinais começaram na hora certa. O último orador fez algo que os pastores batistas quase nunca fazem: terminou cedo. Em vez do almoço, a equipe em Trinity Pines nos serviu um brunch por volta das dez e meia da manhã. Minhas malas já estavam prontas desde a noite anterior e devidamente guardadas no porta-malas de meu carro, um Ford Escort 1986.

Assim que terminamos o brunch, me despedi de todos os meus amigos e entrei no carro para pegar a estrada de volta à igreja que dirigia, a Igreja Batista South Park, em Alvin. Tratava-se de uma comunidade na região de Houston.

Quando liguei o motor, lembrei-me de que, apenas três semanas antes, havia recebido uma multa por não usar cinto de segurança. Eu ia pregar no lugar de um amigo pastor que estava prestes a fazer uma cirurgia na garganta. Um patrulheiro do Texas me pegou. Aquela multa ainda permanecia no banco do carona como um lembrete de que eu deveria pagá-la assim que voltasse a Alvin. Até recebê-la, não costumava usar o cinto de segurança, mas, depois disso, mudei meus hábitos.

Quando olhei para a multa, pensei: "Não quero ser parado pelo guarda de novo." Por isso, ajustei cuidadosamente o cinto de segurança. Aquele gesto tão simples revelou-se uma decisão crucial.

Havia duas maneiras de voltar a Houston e, em seguida, a Alvin. Assim que cheguei aos portões de entrada de Trinity Pines, precisei escolher entre dirigir através de Livingston e seguir pela Autoestrada 59 ou tomar a direção oeste até Huntsville e chegar à Interestadual 45, conhecida como a Autoestrada do Golfo. A distância era praticamente a mesma, independentemente da escolha que eu fizesse. Em todas as outras vezes que fui a Trinity Pines ou voltei de lá, usei a Autoestrada 59. Naquela manhã, decidi pegar a Autoestrada do Golfo.

Fiquei aliviado pelo fato de podermos voltar para casa mais cedo. Passava pouco das onze da manhã, por isso eu conseguiria voltar à igreja por volta das duas da tarde. O pastor principal estava guiando um grupo de pessoas em uma visita à Terra Santa, e me incumbiu de dirigir nosso culto de meio de semana na igreja South Park. Ele também me pedira para pregar nos dois domingos seguintes. Naquela noite, haveria uma reunião de oração, que não exigia grandes preparações. Mesmo assim, eu precisava trabalhar em meu sermão para a manhã de domingo seguinte.

Antes de sair de Alvin, eu havia escrito um esboço para o primeiro sermão. Era intitulado "Eu creio em um grande Deus". Conforme dirigia, planejei reler o esboço do sermão e avaliar o que tinha conseguido escrever até então.

Em várias oportunidades, desde aquela época, pensei sobre minha decisão de tomar a Autoestrada do Golfo. É impressionante ver como deixamos de prestar atenção nas decisões mais simples no momento em que as tomamos. Mesmo assim, sempre me vem à lembrança o fato de que até as

decisões mais singelas costumam gerar resultados significativos. Aquela foi uma decisão desse tipo.

Saí de Trinity Pines, virei à direita e segui pela Autoestrada 19 do Texas. Dessa forma, eu chegaria a Huntsville e à interseção com a Interestadual 45, que me levaria a Houston. Não precisei dirigir muito antes de chegar ao lago Livingston, uma obra das mãos humanas, criado a partir do represamento do rio Trinity. Onde antes havia um rio hoje existe um lago muito grande e bonito. Margeando o lago Livingston, há uma rodovia de duas pistas cujo leito foi construído acima do nível do lago. A estrada não tem acostamento, o que faz dela uma via demasiadamente estreita. Eu teria de atravessar uma grande extensão de água dirigindo por aquela estrada estreita até chegar ao outro lado. Não tive nenhum pressentimento ruim em relação à viagem, embora tivesse sido alertado a respeito da ausência de acostamentos na estrada.

Ao fim da rodovia que cruza o lago, está a ponte originariamente erguida sobre o rio Trinity. Logo depois da ponte, surge na estrada uma subida pronunciada que escala a margem do rio Trinity. A ladeira é tão íngreme que a visibilidade se torna um problema para os motoristas que trafegam nas duas mãos da estrada.

Aquela era a primeira vez que via a ponte, e ela me pareceu curiosamente fora de lugar. Não tinha idéia da extensão, mas era muito longa. Trata-se de uma ponte antiga, construída sobre uma estrutura de aço muito rígida e forte. Eu não conseguia ver muito além do trecho de estrada que tinha à minha frente. Com certeza, não conseguia distinguir outros veículos trafegando. Era uma ponte perigosa e, como fiquei sabendo depois, muitos acidentes aconteceram ali. (Embora não seja usada há bastante tempo, a ponte ainda está lá. O governo construiu outra ao lado dela.)

Eu dirigia a cerca de oitenta quilômetros por hora porque, para mim, aquele era um território desconhecido. Encolhi os ombros por causa do frio que sentia dentro do carro. O vento fazia com que aquela manhã parecesse ainda mais fria do que estava de fato. A chuva constante havia se transformado em um pé d'água. Se eu conseguisse chegar a Alvin, já me daria por satisfeito.

Por volta das 11h45min, pouco antes de eu alcançar o fim da ponte, no lado leste, uma carreta de dezoito rodas, guiada por um presidiário em condicional do Departamento de Correções do Texas, atravessou a linha central que dividia as pistas e bateu de frente contra meu carro. O cavalo mecânico imprensou o meu carrinho contra a mureta da ponte. Todas as rodas passaram por cima do teto de meu carro, esmagando-o.

Lembro-me de partes do acidente, mas a maior parte das informações dique disponho obtive do relatório da ocorrência e das pessoas que estavam próximas ao local.

Segundo relatos de testemunhas do acidente, depois de bater em meu carro, o caminhão deu uma guinada para o outro lado da ponte estreita e pegou a lateral de outros dois veículos. Eles estavam na frente da carreta e já haviam passado por mim na direção contrária. O registro policial indica que o caminhão trafegava em alta velocidade quando atingiu o meu carro — no mínimo, estava a quase cem quilômetros por hora. O motorista inexperiente só conseguiu parar o caminhão quase no fim da ponte.

Um jovem vietnamita dirigia um dos veículos que foram atingidos. O outro era de um idoso. Embora tivessem ficado muito abalados, os dois sofreram apenas alguns cortes e contusões sem gravidade. Eles recusaram ajuda, de modo que os paramédicos não precisaram levar nenhum deles para o

hospital. Por causa da alta velocidade da carreta, o relatório do acidente afirma que a força do impacto chegou a quase 180 quilômetros por hora. Ou seja, o caminhão me atingiu quando trafegava a aproximadamente cem quilômetros por hora, enquanto eu dirigia a oitenta quilômetros por hora. O presidiário recebeu uma ultimação por não conseguir controlar o veículo e por dirigir em alta velocidade. Mais tarde, recebi a informação de que o detento não tinha habilitação para dirigir aquela carreta pesada. No presídio, os supervisores procuraram voluntários para guiar o veículo e buscar itens de alimentação. Como ele era um dos voluntários, deixaram que guiasse. Dois guardas o seguiriam de perto, logo atrás, em uma picape do governo do estado.

Depois do acidente, o motorista do caminhão saiu completamente ileso. Não tinha um arranhão sequer. A carreta do presídio quase não sofreu prejuízos. No entanto, aquele veículo pesado tinha esmagado e arrastado meu Ford naquela via estreita. Só a mureta da ponte conseguiu impedir que meu carro fosse atirado para dentro do lago.

De acordo com as pessoas presentes na hora do acidente, os guardas pediram que as equipes médicas do presídio fossem correndo ao local. Elas chegaram poucos minutos depois. Alguém me examinou, viu que eu não tinha pulso e declarou que eu havia morrido instantaneamente por causa do choque.

Não tenho nenhuma lembrança do impacto ou de qualquer outra coisa que tenha acontecido depois. Em um lapso de tempo inesperado, eu era um homem morto.

Capítulo 2

O TEMPO QUE PASSEI NO CÉU

Teve medo e disse: "Temível é este lugar! Não é outro,

senão a casa de Deus; esta é a porta dos céus."Gênesis 28:17

Quando morri, não saí flutuando por um túnel comprido e escuro. Não senti nada especial quando fui ou quando voltei. Nunca senti meu corpo sendo transportado na direção de nenhuma luz. Não ouvi vozes me chamando, nem qualquer outra coisa assim. Logo depois de minha última recordação visual da ponte e da chuva, uma luz me envolveu totalmente com um fulgor muito além de qualquer compreensão ou descrição humana. Só isso. Assim que recobrei a noção das coisas, eu estava de pé no céu.

Senti a alegria pulsando através de meu ser quando olhei em volta, e naquele momento percebi que havia uma grande multidão naquele lugar. As pessoas estavam diante de um portão brilhante e adornado. Eu não tinha a menor idéia de quão distantes estavam; coisas como distância não eram importantes. Quando a multidão correu em minha direção, não vi Jesus, mas vi pessoas que eu conhecera. Conforme elas avançavam, instantaneamente tive a noção de que todas haviam morrido durante minha vida na Terra. A presença delas parecia algo muito natural.

As pessoas se lançaram em minha direção, e todas estavam sorrindo, gritando e louvando a Deus. Embora ninguém dissesse, intuitivamente percebi que elas faziam parte de meu comitê celestial de boas-vindas. Era como se todas tivessem se reunido do lado de fora do portão do céu, esperando por minha chegada.

A primeira pessoa que reconheci foi Joe Kulbeth, meu avô. A aparência dele era exatamente como a lembrança que eu guardava: os cabelos brancos e algo que eu costumava chamar de "um nariz de banana gigante". Ele parou por um momento e ficou diante de mim. Seu rosto estava tomado por um grande sorriso. Talvez eu tenha chamado seu nome, mas não tenho certeza.

"Donnie!" (Era assim que meu avô sempre me chamava.) Seus olhos brilharam. Ao descer os últimos degraus, ele abriu os braços e me envolveu neles, apertando meu corpo junto ao seu. Voltara a ser aquele avô robusto e forte de quem eu me lembrava dos tempos de minha infância.

Eu estava com ele quando sofreu um enfarte em casa. Também o acompanhei no trajeto da ambulância até o hospital. Eu estava na porta do pronto-socorro quando o médico saiu e me encarou. Balançou a cabeça e disse, com ternura: "Fizemos tudo quanto nos foi possível."

Depois de receber o abraço de meu avô, fiquei olhando seu rosto. Uma sensação de grande alegria me invadiu. Não pensei no enfarte ou em sua morte, pois só me concentrava na felicidade de estar

junto dele. A maneira como cada um de nós chegara ao céu parecia irrelevante.

Não sei dizer o porquê de meu avô ter sido a primeira pessoa que vi. Talvez tivesse alguma coisa a ver com o fato de eu estar ao lado dele quando morreu. Ele nunca fora um dos grandes orientadores de minha vida espiritual, embora tenha, com certeza, me influenciado positivamente durante minha jornada.

Não me lembro de quem me abraçou depois de meu avô. A multidão me cercava, algumas pessoas me abraçavam e beijavam meu rosto; outras, por sua vez, me davam apertos de mão. Nunca me senti tão amado quanto naquele momento.

Uma das pessoas que compunham aquele comitê de recepção era Mike Wood, meu amigo de infância. Mike era alguém especial. Foi ele que me convidou para participar da escola dominical. Também exerceu forte influência no processo de minha conversão. Mike era o jovem cristão mais dedicado que eu conhecera. Ainda por cima, era um garoto muito popular. Durante quatro anos, destacou-se no futebol americano, no basquete e em exploração de trilhas — um feito e tanto. Ele também se transformou em um herói para mim, pois vivia a vida cristã da qual costumava falar.

Depois do Ensino Médio, Mike recebeu uma bolsa de estudos integral da Universidade Estadual de Louisiana. Quando tinha dezenove anos, morreu em um acidente automobilístico. Ao receber a notícia de sua morte, fiquei muito triste. Levei muito tempo para me recuperar. A morte de Mike fora o maior choque e a experiência mais dolorosa por que passara em minha vida até aquela época.

Quando fui ao funeral de meu amigo, fiquei pensando se um dia seria capaz de parar de chorar. Não conseguia entender por que Deus havia levado um discípulo tão dedicado. Desde então, ao longo dos anos, não esqueci mais o sofrimento e a sensação de perda. Não que eu pensasse nele o tempo todo, mas quando isso acontecia, eu era tomado de uma enorme tristeza.

Agora eu via Mike no céu. Quando ele colocou o braço sobre meus ombros, meu sofrimento e minha tristeza se esvaíram. Nunca tinha visto um sorriso tão luminoso no rosto de Mike. Eu ainda não sabia por que, mas a alegria que tomava conta daquele lugar dispensava todo tipo de questionamento. Tudo emanava alegria. Era perfeito.

Mais e mais pessoas me procuraram e me chamaram pelo nome. Senti-me intimidado ao ver tanta gente chegando para me dar as boas-vindas ao céu. Havia muitas pessoas, e eu nunca imaginei que alguém pudesse ser tão feliz quanto toda aquela gente. O rosto de cada um irradiava uma serenidade jamais vista na Terra. Todos eram cheios de vida e demonstravam uma alegria radiante.

O tempo não significava nada ali. No entanto, à guisa de esclarecimento, faço o relato de minha experiência usando o tempo como uma referência.

Vi meu bisavô, ouvi sua voz e senti que me abraçou enquanto me dizia como estava entusiasmado com minha chegada para me juntar a eles. Vi Barry Wilson, que fora meu colega de classe no Ensino Médio, mas depois morrera afogado em um lago. Barry abraçou-me, e seu sorriso irradiava uma alegria que eu não imaginava ser possível. Ele e as pessoas que vieram em seguida louvaram a Deus e me disseram como estavam entusiasmadas por me ver; explicaram que estavam ali para me receber no céu e na comunhão que viviam naquele lugar.

Nesse momento, vi dois professores que me amavam e costumavam falar comigo sobre Jesus Cristo. Conforme caminhava entre eles, passei a ter a noção da grande variedade de idades: idosos, jovens e todas as faixas etárias entre eles. Muitos não conheciam uns aos outros na Terra, mas cada um deles havia influenciado a minha vida de alguma maneira. Embora jamais tivessem se conhecido na Terra, davam a impressão de se conhecer bem agora.

Quando tentei explicar isso, minhas palavras pareceram fracas e pouco adequadas, pois eu tive de usar termos terrenos para me referir a uma alegria, um entusiasmo e um acolhimento inimagináveis, além de total felicidade. Todos continuavam a me abraçar, a me tocar, a falar comigo, a rir e a louvar o Senhor. Parecia não ter hora para acabar e, mesmo assim, eu não me cansava de tudo aquilo.

Meu pai tinha dez irmãos e irmãs. Alguns deles tiveram treze filhos. Quando eu era garoto, as reuniões de família eram tão grandes que alugávamos um parque de diversões inteiro em Monticello, em Arkansas. Nós, os Pipers, somos pessoas muito afetivas, que gostam de se abraçar e se beijar toda vez que se encontram. No entanto, nenhuma daquelas reuniões de família de que participara na Terra me preparou para o encontro sublime com os santos às portas do céu.

As pessoas que costumavam participar das reuniões em Monticello eram algumas das que estavam esperando por mim. O céu pode ser definido de várias maneiras, mas, sem dúvida, era a maior reunião familiar de todas as que se pode imaginar.

Tudo pelo que passei era como um banquete de primeira classe para todos os sentidos. Nunca fora abraçado de maneira tão calorosa nem vira tanta beleza reunida antes. A luz e a textura do céu estão além do olhar humano e de qualquer explicação. Uma luz cálida e radiante me envolvia. Quando olhei à minha volta, mal consegui captar tantas cores vivas e deslumbrantes. Todas as nuanças e todos os tons ultrapassavam qualquer outra coisa que eu já tivesse visto.

Com todos os meus sentidos muito mais aguçados, minha impressão foi a de nunca ter visto, ouvido ou sentido nada tão real em minha vida. Não me lembro de ter degustado nada, mas, ainda assim, tenho certeza de que, se tivesse essa oportunidade de provar alguma coisa, seria mais gostosa e gloriosa do que qualquer outra já experimentada na Terra. A melhor maneira que encontro de explicar isso é dizendo que me senti como se estivesse cm outra dimensão. Nunca, mesmo em meus momentos mais felizes, me senti tão plenamente vivo.

Fiquei de pé, sem palavras, diante daquela multidão de pessoas amadas, ainda tentando compreender tudo quanto estava acontecendo. Ouvia todo o tempo as pessoas dizendo quão felizes estavam por me ver, e como se sentiam entusiasmadas pelo fato de eu estar entre elas. Não tenho certeza se elas usaram essas palavras ou não, mas eu estava convicto de que estavam me esperando, mesmo sabendo que, no céu, não existe essa noção de passagem de tempo.

Fiquei admirando o rosto das pessoas mais uma vez ao perceber que todas contribuíram para que eu me tornasse um cristão ou incentivaram meu desenvolvimento espiritual. Cada uma delas me influenciou de modo positivo; cada uma, de alguma maneira, exerceu determinado impacto sobre a minha vida e me ajudou a ser um discípulo melhor. Eu sabia — mais uma vez, uma daquelas situações em que eu sabia sem ter muita certeza de como assimilara a informação — que a influência delas havia contribuído para eu poder estar ali, com toda aquela multidão, no céu.

Não falamos sobre o que elas fizeram por mim. Nossas conversas se concentraram na alegria de minha presença naquele lugar e de como as pessoas estavam felizes por me ver.

Ainda sob o impacto daquele comitê de recepção, eu não sabia como reagir às palavras de boas-vindas. "Estou feliz por estar com você", eu disse, e mesmo essas palavras não eram capazes de exprimir a grande alegria de estar cercado e ser abraçado por todas as pessoas a quem eu amava tanto.

Eu não tinha consciência de nada que deixara para trás. Também não sentia arrependimento por ter deixado a família ou minhas posses. Era como se Deus tivesse removido de minha consciência tudo quanto havia de negativo ou que fosse motivo de preocupação. Eu só conseguia exultar por estar com aquela gente tão maravilhosa.

As pessoas pareciam exatamente como eu as havia conhecido, embora estivessem mais radiantes e alegres do que no tempo em que viviam na Terra.

Minha bisavó, Hattie Mann, era uma americana nativa. Quando criança, só a vi depois de ela desenvolver o problema da osteoporose. Sua cabeça e seus ombros eram arqueados para frente, o que dava a ela uma aparência de corcunda. Lembro-me especialmente do rosto muito enrugado. Outro traço de minha bisavó que permanece em minha lembrança é o fato de ela usar dentaduras, apesar de não fazê-lo sempre. No entanto, quando ela sorriu para mim no céu, seus dentes brilharam. Eu sabia que não se tratava de uma dentadura, e quando ela sorriu, foi o sorriso mais bonito que eu já vira em minha vida.

Foi então que percebi outra coisa: ela não tinha mais o corpo inclinado para frente. Lá estava minha bisavó de pé, forte e ereta, e o rosto não apresentava mais as rugas. Eu não tinha idéia de qual fosse a sua idade, e sequer parei para pensar nisso. Ao olhar para o rosto dela, tão radiante, percebi que a questão da idade não faz o menor sentido no céu.

A idade denuncia a passagem do tempo, e não há tempo no céu. Todas as pessoas a quem encontrei tinham a mesma idade de quando eu as vira pela última vez — à exceção do fato de não apresentarem nenhum sinal das agruras enfrentadas na vida. Embora alguns de seus traços pudessem não ser considerados atrativos na Terra, no céu todos eram perfeitos, lindos e maravilhosos de se olhar.

Mesmo agora, passados muitos anos, às vezes fecho meus olhos e consigo ver aqueles semblantes e sorrisos perfeitos que me surpreenderam com a mais humana ternura e amizade que tive a oportunidade de testemunhar. Só de estar com tais pessoas tornava o momento sagrado, e ainda hoje guardo aquela memória como um tesouro de esperança.

Assim que cheguei ao céu, vi as pessoas diante de mim, correndo em minha direção para me abraçar. Em qualquer direção que eu olhasse, via alguém a quem amara ou que havia me amado. A multidão me cercava, movimentando-se de modo que todos tivessem a oportunidade de me dar boas-vindas ao céu.

Eu me senti muito amado — mais amado do que fora durante minha vida na Terra. Ninguém precisava declarar seu amor por mim. Não me lembro das palavras que as pessoas usavam. Quando elas olhavam para mim, eu entendia o significado bíblico de "amor perfeito". Ele emanava de todas as pessoas à minha volta.

Fiquei olhando para elas e, ao fazer isso, senti como se estivesse assimilando o amor que demonstravam por mim. Em determinado momento, olhei em volta, e a visão que tive me causou um grande impacto. Tudo era de um fulgor muito intenso. Vindo da direção do portão — que ficava logo adiante —, havia um brilho mais claro do que a luz que nos cercava, de uma luminosidade absoluta. Assim que deixei de olhar para o rosto das pessoas, percebi que tudo quanto me cercava resplandeceu de modo intenso. Tentar descrever aquela cena usando palavras é inútil, pois nenhum termo humano seria capaz de expressar minha sensação de espanto e admiração diante do que eu estava vendo.

Tudo o que eu conseguia ver resplandeceu com grande fulgor. O máximo que posso dizer para descrever a cena é que começamos a nos movimentar na direção daquela luz. Ninguém precisou dizer que deveríamos fazer aquilo, mas, mesmo assim, todos nós começamos a caminhar em frente ao mesmo tempo. Quando olhei adiante, tudo parecia ficar maior, como se fosse uma colina que continuava a crescer sem parar. Achei que veria alguma escuridão do outro lado do portão, mas até onde eu conseguia distinguir, nada mais havia além de uma luz intensa e radiante.

Em contraste, a luz poderosa que eu vira quando encontrei meus amigos e entes queridos era ofuscada e desaparecia na proporção em que cresciam o resplendor e o brilho que vinha do portão. Era como se cada passo meu intensificasse a luminosidade. Eu não sabia como, mas o lugar se tornava mais e mais deslumbrante. Era algo semelhante a abrir, de uma só vez, a porta de um quarto escuro e penetrar na luminosidade do sol do meio-dia. Assim que a porta se abre, os raios do sol irrompem, deixando a pessoa cega durante alguns instantes.

Eu não fiquei cego, mas me impressionou o fato de o resplendor e a intensidade da luz continuarem aumentando. Pode até parecer estranho, mas por mais brilhantes que fossem todas as coisas naquele lugar, a cada passo que eu dava, maior era o esplendor. Quanto mais eu caminhava, mais intensa era a luz. Fui envolvido por ela e tive a sensação de que estava sendo conduzido à presença de Deus. Embora nossos olhos terrenos precisem se

ajustar gradualmente à luz ou à escuridão, meus olhos celestiais enxergavam tudo com facilidade absoluta. No céu, todos os nossos sentidos são potencializados para que sejamos capazes de perceber tudo quanto nos cerca. É uma grande celebração Sensorial!

Fui tomado de um espanto santo conforme segui adiante. Eu não tinha idéia do que estava por ver, mas sentia que, a cada passo que dava, a coisa ficava mais extraordinária.

Foi então que comecei a ouvir a música.

Capítulo 3

Música celestial

Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos...

Apocalipse 5:11

Quando eu era garoto, passava muito tempo no campo e na floresta. Quando caminhava pelo meio do mato seco, cuja altura chegava até a cintura, costumava pegar de surpresa um bando de pássaros, afugentando-os dos ninhos que faziam no chão. O som forte das asas batendo acompanhava a fuga das aves.

Minha lembrança mais vivida do céu é do que ouvi enquanto estive lá. Só consigo descrever como uma grande revoada de pássaros. Mesmo assim, eu teria de multiplicar milhares de vezes para poder explicar o efeito do som celestial. Era o som mais lindo e agradável que já ouvi, e não parava. Era como uma canção interminável. Senti-me extasiado, e não queria mais nada além de ficar ouvindo. Não se tratava apenas de uma música. Era como se eu fizesse parte daquela canção, que tocava dentro de mim e através do meu corpo. Fiquei paralisado e, mesmo assim, me sentia envolvido pelos sons.

Conforme me acostumava com as melodias e os sons maviosos que enchiam o ambiente, nada mais conseguia desviar a minha atenção. Sentia como se aquele concerto celestial permeasse todas as partes de meu ser, mas, ao mesmo tempo, eu me mantinha concentrado em tudo quanto havia à minha volta.

Não identifiquei nada que estivesse produzindo aquele som. Tive a sensação de que, qualquer que fosse a origem daquela música celestial, essa fonte estava acima de mim. Mesmo assim, não olhei para cima. Não sei bem qual a razão para agir dessa maneira. Talvez tenha sido pelo fato de eu estar muito encantado com as pessoas que me cercavam; ou então por causa de meus sentidos, tão envolvidos naquele banquete que eu queria aproveitar tudo ao mesmo tempo. Não fiz nenhuma pergunta, e em momento algum quis saber o que estava acontecendo. Tudo era perfeito. Senti que sabia tudo quanto precisava, e não havia necessidade de questionamentos.

Uma infinidade de sons tomou conta de minha mente e de meu coração. É muito difícil tentar explicá-los. Contudo, o mais impressionante de todos era o das asas dos anjos. Eu não os via, mas o som era uma melodia linda e santa, em uma cadência que parecia não ter fim. O sibilar das asas ressoava como se fosse uma forma de louvor eterno. Quando ouvi, simplesmente sabia do que se tratava.

Outro som permanece ainda hoje como a lembrança mais vivida e singular que tenho de toda a minha experiência celestial. Eu o chamo "música", mas era diferente de tudo quanto eu já ouvira ou um dia poderia ouvir na Terra. As melodias de louvor tomavam conta de todo o ambiente. Fiquei impressionado com a intensidade e com a variedade interminável de sons.

O louvor não tinha fim, mas o que mais me chamou a atenção foram as centenas de canções entoadas ao mesmo tempo — todas de louvor a Deus. Conforme eu me aproximava do grande e magnífico portão, ouvia as músicas chegando de todas as direções. Percebi que cada uma daquelas vozes louvava a Deus. Eu uso o termo "vozes", mas era bem mais do que isso. Alguns sons se assemelhavam ao de instrumentos musicais, mas eu não tinha certeza nem estava muito preocupado com isso. O louvor se espalhava por todos os lugares, e era inteiramente musical. Mesmo assim, se compunha de melodias e tons que eu jamais ouvira antes.

"Aleluia!"; "Louvado seja!"; "Glória a Deus!"; "Louvado seja o Rei!" Palavras como essas surgiam em meio a toda aquela música. Não sei se eram os anjos que as proferiam ou se vinham de vozes humanas. Eu estava tão extasiado e envolvido no clima celestial que nem me dava ao trabalho de olhar em volta. Meu coração fora tomado da mais profunda alegria que eu jamais sentira em toda a minha vida. Eu não participava daquele movimento de adoração, mas era como se o meu coração também se manifestasse com o mesmo tipo de alegria e exuberância.

Se uma pessoa resolvesse tocar três CDs de canções de louvor ao mesmo tempo, produziria uma mistura de sons que levaria qualquer um à loucura. Mas aquilo que ouvi no céu era totalmente diferente. Todos os sons se misturavam de maneira harmônica, e cada voz ou instrumento potencializava os demais.

Por mais estranho que pareça, eu conseguia distinguir com clareza cada canção. Minha impressão era a de que todos os hinos de louvor estavam sendo entoados para que eu os ouvisse enquanto estivesse entrando pelos portões.

Muitos dos antigos hinos e cânticos que eu cantara em diversos momentos de minha vida faziam parte da música, assim como centenas de canções que eu nunca ouvira antes. Hinos de louvor, músicas modernas e antigos cânticos enchiam-me os ouvidos e proporcionavam não apenas uma paz profunda, mas a maior sensação de alegria que eu já havia experimentado.

Quando fiquei de pé diante do portão, não pensei imediatamente nisso, mas depois percebi que não ouvira músicas que mencionassem a cruz ou a crucificação. Nenhum dos hinos que se espalhavam pelo ar falava do sacrifício ou da morte de Jesus. Não ouvi canções com letras melancólicas, e compreendi, por instinto, que não há música triste no céu. Por que haveria? Todos os louvores falavam sobre o reinado de Cristo como Rei dos reis, nossa adoração alegre por tudo quanto ele fez por nós e quão maravilhoso é o Filho de Deus.

As melodias celestiais eram superiores a qualquer outra que eu ouvira antes. Eu não consegui calcular o número de canções — talvez fossem milhares — oferecidas a Deus ao mesmo tempo. Apesar disso, não havia caos, pois eu tinha a capacidade de ouvir e discernir a letra e a melodia de cada uma delas.

Fiquei maravilhado ao ouvir aquela música gloriosa. Embora minha voz nunca tivesse sido grande

coisa durante a vida terrena, eu sabia que, se tentasse cantar, o som sairia perfeito, tão melodioso e harmonioso quanto os milhares de instrumentos e as outras vozes que invadiam meus ouvidos.

Mesmo hoje, de volta à Terra, ainda consigo ouvir, de vez em quando, ecos bem suaves daquela música. Quando estou particularmente cansado e deito na cama de olhos fechados, vez por outra adormeço ao som das canções celestiais que tomam conta de meu coração e de minha mente. Não importa quão difícil tenha sido o meu dia, a paz imediatamente preenche cada parte de meu ser. Ainda tenho alguns momentos de retrospecto, embora eles sejam um pouco diferentes daquilo que normalmente chamamos "flashbacks". Lembro-me mais dos sons do que das coisas que vi no céu.

Quando paro e penso no significado da lembrança que tenho daquela música, acontece algo curioso. O natural seria que a experiência mais marcante tivesse relação com alguma coisa que eu tivesse visto, ou então a lembrança do abraço físico de uma pessoa amada. No entanto, sobre todas as outras coisas, me apeguei mais àqueles sons. Às vezes, penso: "Mal posso esperar para ouvi-los de novo... pessoalmente." É por isso que mais anseio. Quero ver todas as pessoas, mas sei que estarei com elas por toda a eternidade. Quero provar tudo o que o céu tem para oferecer, mas, acima de tudo, quero voltar a ouvir aquelas canções sem fim.

E claro que não sei o que Deus acha de tudo isso, mas encontro alegria e consolo na idéia de que ele se deleita e é louvado naquele louvor contínuo.



Durante os minutos que permaneci no céu (sendo que, enquanto estive lá, eu não tive a noção de tempo), outras pessoas me tocaram, e os abraços carinhosos que recebi eram absolutamente reais. Vi cores que jamais imaginara que pudessem existir. Nunca me senti tão vivo quanto naquele momento.

Eu estava em casa; estava no lugar ao qual pertencia. Queria continuar ali mais do que jamais desejei estar em qualquer outro lugar da Terra. O tempo havia desaparecido, e eu estava simplesmente no céu. Todas as preocupações, ansiedades e tensões sumiram. Eu não tinha necessidade de nada; sentia-me perfeito.



Fico frustrado quando tento descrever como era o céu porque não consigo colocar em palavras as coisas que vi, ouvi e senti. Tudo era perfeito; eu sabia que não tinha necessidade de nada, e jamais voltaria a ter. Nem mesmo pensava na Terra ou nas pessoas que deixara nela.

Não vi Deus. Embora soubesse que Deus estava lá, nunca vi nenhum tipo de imagem ou grande fulgor que indicasse a presença divina. Ouvi as pessoas falando sobre o movimento de entrada e saída do

portão. Isso não aconteceu comigo.

Tudo o que vi foi um brilho muito intenso. Olhei para dentro do portão, pois desejava ver o que havia do outro lado. Não se tratava de ansiedade, mas uma disposição tranqüila de experimentar toda a graça e a alegria do céu.

A única forma que encontro de entender o sentido daquela experiência é pensando da seguinte maneira: se eu tivesse mesmo visto Deus, nunca desejaria voltar à Terra. Minha sensação é a de que, uma vez tendo estado de fato na presença de Deus, nunca mais voltaremos a este mundo, pois será vazio e sem sentido, se comparado ao céu.

Para mim, só o fato de chegar aos portões do céu já era extraordinário. Era uma degustação da alegria divina. Minhas palavras são insuficientes para descrever o que aconteceu.

Na condição de pastor, já estive ao lado de muitos esquifes e dirigi várias cerimônias fúnebres. Eu dizia: "Para aqueles que conhecem e amam ao Senhor, estar ausente do corpo é estar em sua divina presença." Eu já acreditava naquelas palavras; hoje acredito ainda mais.



Depois de algum tempo (volto a usar termos humanos), começamos a nos movimentar juntos, subindo na direção do portão. Ninguém precisou dizer, mas eu simplesmente sabia que Deus havia enviado todas aquelas pessoas para me guiar para o lado de dentro dos portais celestiais.

Surgindo por cima da cabeça das pessoas que compunham o meu comitê de recepção, havia um imenso portão cravado em um muro enorme que se perdia de vista em ambas as direções. Impressionou-me o fato de a entrada ser bem pequena em comparação com o tamanho do próprio portão. Fiquei olhando, mas não consegui distinguir os limites do muro, tanto em uma direção quanto na outra. Ao olhar para cima, também não conseguia ver o topo.

Uma coisa me causou surpresa: na Terra, toda vez que eu pensava a respeito do céu, ficava ansioso pelo dia em que veria um portão feito de pérolas, pois a Biblia se refere aos portões de pérola. O portão não era feito de pérolas, mas era perolizado — talvez "cintilante" fosse uma descrição mais adequada. Para mim, parecia que alguém tinha espalhado glacê perolizado sobre um bolo. O portão brilhava e resplandecia.

Parei perto do portão, ainda do lado de fora, e pude ver o que havia do lado de dentro. Era como uma cidade com ruas pavimentadas. Para meu espanto, elas eram construídas de ouro de verdade. Tente imaginar uma rua pavimentada com tijolos de ouro; é o mais próximo que posso chegar para descrever o que havia do lado de dentro do portão.

Tudo o que eu via era brilhante — as cores mais brilhantes sobre as quais meus olhos já haviam pousado. O brilho era tão intenso que nenhum ser humano poderia suportar vivendo na Terra.

Em meio àquela cena tão maravilhosa, continuei caminhando na direção do portão. Presumi que

deveria entrar. Meus amigos e parentes iam todos à minha frente, chamando, incentivando e convidando a segui-los.

Foi então que a cena mudou. Só consigo explicar da seguinte maneira: em vez de continuar atrás das pessoas, de repente todas estavam ao meu lado. Senti que elas queriam entrar comigo quando eu atravessasse o portão luminoso.

De vez em quando, alguém me pergunta: "Como você se movia? Caminhava? Flutuava?" Não sei Apenas seguia junto daquela multidão que me recepcionara. Conforme nos aproximamos do portão, a música cresceu em intensidade e se tornou ainda mais viva. Era como se eu estivesse subindo para assistir a um evento glorioso depois de ouvir sons vagos e ver tudo à distância. Quanto mais perto chegávamos, tudo ficava mais intenso e vivo. Assim que alcancei o portão, meus sentidos se aguçaram ainda mais. Senti uma alegria que beirava o delírio.

Parei (não sei dizer o motivo) do lado de fora do portão, bem perto da entrada. Meu coração palpitava com a perspectiva de ver o que havia do lado de dentro do portão. Eu queria entrar. Sabia que seria muito mais emocionante do que tudo por que havia passado na minha vida até então. Naquele exato momento, eu estava prestes a ver o maior anseio de todo ser humano transformado em realidade. Eu estava no céu, pronto para entrar pelo portão cintilante.

Durante aquela pausa momentânea, algo mais mudou. Em vez de apenas ouvir a música e milhares de vozes louvando a Deus, eu me tornara parte do coro. Era um com eles; havia me misturado ao grande coral, como se tivesse sido absorvido por ele. Eu tinha acabado de chegar a um lugar ao qual desejava ir havia muito tempo; parei um pouco para olhar antes de seguir adiante.

Em seguida, da mesma maneira repentina que chegara aos portões do céu, eu saí daquele lugar.

Capítulo 4

Do céu À Terra

Mesmo quando eu andar por um vale de trevas e

morte, não temerei perigo algum, pois tu estás comigo;

a tua vara e o teu cajado me protegem.

Salmo 23:4

A equipe de emergência médica me declarou morto assim que chegou ao local do acidente. Segundo as pessoas que me atenderam, minha morte havia sido instantânea. De acordo com o relatório, a colisão ocorreu às 1lh45min. A equipe de emergência estava tão ocupada cuidando das outras pessoas envolvidas que só conseguiu voltar para resgatar meu corpo por volta de 13hl5min. Mais uma vez, sentiram meu pulso. Eu ainda estava morto.

A Lei estadual dizia que eles precisariam me declarar oficialmente morto antes de poder remover meu corpo do local do acidente. Se não fizessem isso, uma ambulância teria de me transportar para o hospital. Aquele município não dispunha de um médico-legista, mas fiquei sabendo depois que um juiz local poderia me declarar morto, e então a equipe teria condições de remover o meu corpo.

Chegaram ambulâncias do presídio, do município e de Huntsville. Quase todas foram embora sem carregar nenhum paciente. Só restou uma, que já estava se preparando para ir embora também. Entre as informações que colhi posteriormente, alguém tomou as providências necessárias para que outro veículo levasse meu corpo para o necrotério.

Eles haviam telefonado para a equipe do Jaws of Life[1], pedindo que removessem meu corpo das ferragens do carro. Como eu estava morto, aparentemente não havia necessidade de pressa. Eles estavam mais preocupados em liberar a ponte para que o tráfego voltasse a fluir.

Quando o caminhão perdeu o controle e veio para cima de mim, esmagou o teto do carro. O painel desceu sobre minhas pernas, prensando a direita. A perna esquerda foi partida em duas partes entre o banco do carro e o painel. Meu braço esquerdo, deslocado, passou por cima de minha cabeça e voltou. Ainda estava preso ao corpo, mas de modo precário.

O braço esquerdo ficou sobre a porta do lado do motorista, pois eu estava dirigindo com a mão direita. Como eu ficaria sabendo depois, os ossos principais haviam se soltado, por isso meu antebraço se limitava a um pedaço de carne que ligava a mão ao restante do braço. O mesmo acontecera com minha perna esquerda. Havia algum tecido por cima do joelho que ainda permitia a circulação de sangue na parte de baixo da perna e no pé. Mais de dez centímetros do fêmur

desapareceram e nunca mais foram encontrados. Os médicos não conseguiam explicar por que eu não perdera todo o sangue do corpo.

Havia vidro e sangue espalhados por todos os lugares. Meu rosto estava cheio de pequenos orifícios provocados pelos estilhaços do vidro do carro cravados na carne. O volante atingiu meu peito em cheio. O sangue corria por meus olhos, pelas orelhas e pelo nariz.

Só de olhar para o resultado da batida, a equipe de emergência já sabia que eu tinha sofrido ferimentos graves na cabeça e que meu corpo estava totalmente mexido por dentro. Quando viu pela primeira vez que eu não tinha pulso, um dos membros da equipe me cobriu com uma lona à prova d'água que também protegia a parte de cima do carro. Eles não tomaram nenhuma iniciativa imediata de mexer em meu corpo, assim como não tentaram tirá-lo das ferragens — nem poderiam mesmo, pois seria impossível me puxar ou erguer para fora do veículo sem a ajuda do Jaws of Life.

Um fator que acelerou a chegada de socorro ao local do acidente foi a presença dos dois guardas do presídio que dirigiam a picape. Eles ligaram na mesma hora para a equipe de emergência da instituição. Se não procedessem assim, estaríamos muito distantes para que algum outro veiculo de emergência pudesse chegar com rapidez.

Eles examinaram os motoristas dos outros dois carros; nenhum deles estava muito ferido, por isso ambos recusaram socorro médico. O detento que dirigia o caminhão também não apresentava ferimentos. Assim que a equipe de emergência constatou que ele estava bem, o presidiário foi levado de volta à penitenciária. A polícia interditou a ponte, interrompendo o tráfego até a chegada da ambulância. Enquanto ela não chegava, o trânsito ficou parado por quilômetros em ambas as mãos da estrada, especialmente no sentido em que eu vinha. Era uma ponte estreita de apenas duas pistas, por isso não tinha largura suficiente para um carro manobrar e voltar. Mesmo que os carros pudessem fazer isso, teriam de fazer um trajeto extra de setenta ou oitenta quilômetros para poder contornar o lago e chegar a alguma outra estrada que levasse ao mesmo destino.

Saindo do meio daquele engarrafamento, Dick e Anita Onerecker caminharam quase um quilômetro até chegar ao local do acidente. Eles haviam inaugurado uma igreja em Klein, que fica ao norte de Houston. Ambos haviam sido oradores na conferência da qual eu também acabara de participar. Não tenho muita certeza de que tenhamos nos conhecido em Trinity Pines, embora isso possa ter acontecido. Durante anos eu ouvira falar de Dick Onerecker, mas foi naquela conferência que o vi pela primeira vez.

Na manhã de quarta-feira, os Onereckers deixaram Trinity Pines poucos minutos antes de mim. Para os padrões de Houston, aquela manhã de janeiro estava fria demais. Conforme seguiam pela estrada, Anita comentou: "Estou com muito frio. Será que poderíamos parar e tomar um café? Acho que ajudaria a me aquecer."

Dick viu uma loja de conveniência à direita do lago Livigston, por isso eles resolveram estacionar. Ao que parece, passei pelo casal enquanto os dois tomavam café. Depois do acidente, por várias vezes Dick comentou, com as mãos sobre o rosto: "Quer saber de uma coisa? O acidente poderia facilmente ter acontecido conosco. Como paramos para tomar café e você nos ultrapassou, acabou sendo a vítima."

Antes de os Onereckers chegarem à ponte, o acidente já havia ocorrido e o tráfego estava interrompido. As pessoas saíam dos carros e andavam a esmo, fazendo perguntas e comentários baseados na pouca informação de que dispunham.

Depois que Dick e Anita saíram do carro, perguntaram aos outros motoristas:

— O que está acontecendo lá adiante?

A notícia de que um grave acidente ocorrera já havia se espalhado.

— Um caminhão esmagou um carro — comentavam as pessoas,

pois era tudo o que sabiam.

Dick e Anita ficaram parados perto do carro por alguns minutos, mas nada acontecia. Era cada vez maior o número de carros que engrossavam a fila do engarrafamento. Em algum momento entre 12h30min e 12h45min, eles decidiram caminhar para ver o local do acidente. Quando viram um policial, Dick disse:

— Sou um pastor. Será que posso ajudar alguém por aqui? Há alguma pessoa por quem eu possa orar?

O policial balançou a cabeça.

— As pessoas que estavam naqueles dois carros — disse, apontando. — Elas estão um pouco abaladas, mas estão bem. Se vocês quiserem, podem conversar com eles.

E o que aconteceu com o outro carro? Aquele que está coberto com uma lona.

O homem no carro vermelho morreu.

Enquanto Dick conversava com o policial, Anita aproximou-se dos outros veículos. Ela ofereceu o café que mal começara a tomar ao idoso que dirigia um dos carros. Mais tarde, Dick contaria essa parte da história mais ou menos assim: "Deus falou comigo e disse: 'Você precisa orar pelo homem no carro vermelho'."

Dick era um excelente pastor batista. Orar por uma pessoa morta certamente ia contra sua teologia. "Não posso fazer isso", pensou. "Como posso chegar perto do carro e orar? O sujeito já morreu."

A chuva havia se transformado em uma simples garoa, mas Dick não estava prestando atenção ao que ocorria em volta. Ele ficou olhando para o policial, sabendo que estava por dizer algo que não faria muito sentido. No entanto, Deus falara a ele de uma forma tão clara que Dick não tinha dúvidas a respeito daquilo que deveria fazer. O Senhor o orientara a orar por um homem morto. Por mais esquisito que lhe parecesse, Dick também tinha certeza de que o Espírito Santo o estava capacitando a agir.

Eu gostaria de orar pelo homem no carro vermelho — finalmente disse ao policial.

Como eu disse, ele está morto.

Sei que isso pode parecer estranho, mas eu gostaria de orar por ele, mesmo assim.

O policial olhou para Dick por um bom tempo antes de responder.

— Bem, sabe como é. Se é isso que o senhor deseja fazer, vá em frente, mas preciso avisar que a visão é bem desagradável. Ele está morto, e a coisa embaixo da lona está muito feia. Há estilhaços de vidro e sangue espalhados por todo lugar, e o corpo foi mutilado no choque.

Dick, que estava na faixa dos quarenta anos de idade naquela época, disse:

— Fui treinado para trabalhar com equipes médicas no Vietnã. Ver sangue não me incomoda.

— Preciso alertá-lo — continuou o policial, fazendo uma pequena pausa e encolhendo os ombros —, faça o que quiser, mas garanto que o senhor nunca viu uma pessoa em um estado tão deplorável.

— Obrigado.

Depois de agradecer, Dick caminhou até o carro coberto de lona.

Vendo as fotos daquele veículo esmagado, é quase impossível acreditar, mas, de alguma maneira, Dick teve de rastejar para dentro do porta-malas de meu Ford. Antes da batida, era um modelo hatchback (dois volumes, sem porta-malas destacado do habitáculo), mas aquela parte do carro tinha sofrido um impacto muito violento. Eu ainda estava coberto pela lona, que Dick não chegou a remover, por isso estava muito escuro dentro do veículo. Ele se arrastou até chegar por trás de mim, inclinou-se sobre o assento traseiro e colocou a mão sobre o meu ombro direito.

Dick começou a orar por mim. Como ele contaria depois: "Senti-me compelido a orar. Eu não sabia quem era o homem ou mesmo se era um cristão. Só sabia que Deus tinha me orientado a orar por ele."

Conforme Dick orava, foi ficando muito emocionado e chorou várias vezes. Em seguida, começou a cantar. Dick tinha uma voz maravilhosa, e costumava cantar em público. Ele parou várias vezes para cantar um hino, voltando a orar em seguida.

Dick não apenas cria que Deus o havia orientado a orar por mim, como também orou especificamente para que o Senhor me livrasse de ferimentos ocultos, como seqüelas cerebrais ou hemorragias internas.

Isso pode parecer estranho, pois Dick sabia que eu estava morto. Além de ter ouvido as palavras do policial, ele também procurou ver se eu tinha morrido mesmo. Dick não tinha idéia do motivo de estar orando daquela maneira. Só sabia que Deus dera a ordem. Ele não orou pelos ferimentos que podia ver, só pela cura dos problemas dentro do corpo. Dick conta que fez a oração mais apaixonada, fervorosa e emocionada de toda a sua vida. Como fiquei sabendo depois, ele era um homem muito emotivo.

Em seguida, Dick voltou a cantar.

Oh, que paz perdemos sempre. Oh, que dor no coração. Só porque nós não levamos Tudo a Deus

em oração.[2]

A única coisa da qual tenho certeza em relação a tudo quanto aconteceu ali é que, enquanto ele cantava um antigo hino abençoado, 0 grande amigo, eu comecei a cantar com ele.

Naquele primeiro momento depois de recobrar minha consciência, tive noção de duas coisas. A primeira era a de que eu estava cantando — um jeito de cantar diferente das melodias que ouvira no céu. Ouvi minha voz e, em seguida, percebi que outra pessoa também cantava.

A segunda coisa que notei foi alguém segurando minha mão. Era um toque forte, firme. Foi a primeira sensação física que tive em meu retorno à vida terrena.

Mais de um ano se passaria antes que eu pudesse entender o significado daquela mão segurando a minha.

---

[1] Popularmente chamado "Jaws of Life" ("Mandíbulas da vida"), trata-se de uma marca registrada de ferramentas fabricadas pela Hurs Jaws of Life Company. O termo se refere a vários tipos de ferramentas hidráulicas, como cortadores, extensores e martelos, usados por equipes de resgate para remover vítimas de acidentes automobilísticos que ficam presas nos destroços. (O nome é um trocadilho com a aparência dos cortadores hidráulicos, que se assemelham às mandíbulas de um animal; também remete à idéia de contraponto ao filme Tubarão, em que há muitas mortes, e cujo título original é Jaws — N.T.)

[2] What a Friend We Have in Jesus, letra de Joseph Scriven, 1855. (A versão em português foi incluída no Hinário do Culto Cristão, da igrejas batistas, sob o título O grande amigo — N.T.)

Capítulo 5

Da Terra ao hospital

Em vez disso, esperavam eles uma pátria melhor, isto é,
a pátria celestial. Por essa razão Deus não se envergonha
de ser chamado o Deus deles, e lhes preparou uma cidade.
Hebreus 11:16

Não sei muito bem qual é o recorde mundial para sair de dentro de um carro destruído, mas Dick Onerecker deve tê-lo quebrado naquela tarde de quarta-feira. Quando um homem morto começou a cantar junto, ele se arrastou para sair do meio das ferragens e correu na direção da primeira pessoa da equipe de emergência médica que conseguiu encontrar. "O homem está vivo! Ele não morreu! Ele está vivo!"

Quem poderia acreditar nele? Um pastor começara a orar por um homem que estava morto havia uma hora e meia. Em seguida, saiu correndo pela estrada, gritando:

— O homem voltou à vida!

O homem da equipe de emergência ficou olhando.

— Ele está vivo! O sujeito que estava morto começou a cantar comigo — insistiu.

Mais tarde, Dick se conscientizou do fato de que suas palavras naquele momento não faziam sentido. No entanto, tudo o que ele conseguiu fazer na hora foi continuar gritando:

Ele está cantando! Ele está vivo!

Ah, é mesmo? — perguntou um paramédico.

Estou falando sério, o homem está vivo.

Somos profissionais, meu amigo. Sabemos quando uma pessoa está morta. O sujeito está morto.

Estou dizendo a você, o homem cantou comigo. Ele está vivo.

O juiz local está a caminho.

O paramédico explicou que, embora a equipe de emergência soubesse que eu estava morto, não poderia remover meu corpo enquanto alguém com a devida autoridade realmente declarasse a minha morte.

— Mas eu posso garantir ao senhor que o homem morreu mesmo

— disse o paramédico.

Em seguida, ele deu as costas a Dick e foi embora, recusando-se a se aproximar de meu carro.

Muitas ambulâncias já haviam chegado e partido. Dick correu para a frente da única que ainda estava no local e disse ao motorista:

— O homem está vivo. Vão ali e dêem uma olhada.

O paramédico começou a agir como se lidasse com gente retardada o tempo todo.

Por favor, nós conhecemos nosso ofício. O homem está...

Preste atenção — insistiu Dick —, vou deitar no meio dessa ponte, na frente da ambulância. Se você não for até o carro, terá de passar por cima de mim.

Ele está morto.

Então faça o que estou pedindo. Só vá até ali e veja se ele tem pulso.

Tudo bem, vamos dar uma checada no corpo dele porque o senhor está pedindo — disse o homem, contrariado e resmungando.

Ele caminhou até o carro, ergueu a cobertura de lona, aproximou-se de meu corpo e encontrou o braço direito. Aí ele sentiu minha pulsação. Todos entraram em ação imediatamente. Começaram a tentar imaginar uma maneira de me tirar do meio das ferragens. Eles poderiam me resgatar por um dos lados, mas teriam de sacrificar minha perna esquerda. Não havia espaço livre entre o painel e o banco do motorista, por isso seria necessário amputar minha perna. Afinal, ela estava precariamente ligada ao restante de meu corpo. Não estou certo de que eles teriam como manter minha perna direita. A questão é que, embora eles pudessem remover meu corpo sem usar os equipamentos, teriam de deixar alguma parte no carro. Por isso, decidiram esperar pelo equipamento adequado.

Eles fizeram uma ligação e pediram à equipe do Jaws of Life que viesse correndo de Huntsville, que ficava a, pelo menos, cinqüenta quilômetros do local do acidente. Tenho certeza de que fizeram tudo quanto podiam por mim, mas não me lembro de coisa alguma. Continuei vagamente consciente do movimento das pessoas à minha volta, tocando meu corpo e conversando. Ouvi vozes, mas não conseguia entender o que diziam. Dick recusou-se a sair de perto de mim. Ele voltou para dentro do carro, onde conseguia se ajoelhar atrás de mim, e continuou a orar até a chegada da equipe do Jaws of Life. Só saiu de perto de mim quando fui levado para dentro da ambulância.

Quando a equipe de emergência médica me retirou do meio das ferragens, lembro-me de que essa tarefa envolveu muita gente — pelo menos seis ou sete homens. Ao me resgatarem, eu os ouvi falando a respeito do estado de minha perna. Um deles disse alguma coisa sobre tomar cuidado para que minha perna esquerda não fosse separada de meu corpo.

Eu estava em estado de choque, por isso não senti dor alguma. Pelo menos, não naquele momento. A dor veio depois.

Eles me deitaram sobre uma maca e começaram a me levar na direção da ambulância. Uma luz embaçada foi jogada sobre meu rosto. Não vi nada além da superestrutura da ponte bem acima. Eu não conseguia mover minha cabeça. Ouvi as pessoas andando em volta e o som dos estilhaços de vidro triturados pelos pés. Eles mantinham um tom de voz baixo, por isso tive dificuldades para acompanhar as conversas.

Lembro-me de ter pensado assim: "Alguma coisa terrível aconteceu aqui, e acho que foi comigo." Mesmo quando eu soube que estava sendo levado para a ambulância, ainda não tinha noção da gravidade da situação.

Não me recordo de nada sobre a viagem da ambulância, mas depois descobri que fomos a dois hospitais. Ambos eram pouco mais do que clínicas de interior.

— Não há nada que possamos fazer por ele — ouvi um médico dizer quando me examinou. — Ele não vai resistir. Vocês podem até ter conseguido retirá-lo do carro com vida, mas não vai adiantar nada. É um caso perdido.

Eles me colocaram de novo dentro da ambulância e seguiram adiante. Lembro-me vagamente de quando eles pararam no Hospital de Huntsville, um centro médico regional bem grande. Eram cerca de duas e meia da tarde.

Àquela altura, as autoridades já haviam avisado à minha esposa, Eva. Ela é professora, e alguém havia telefonado para falar sobre o acidente. Outra pessoa ligou para as escolas que nossos três filhos freqüentavam. Os membros da igreja buscaram as crianças e levaram-nas para casa a fim de cuidarem delas até que entrassem em contato com Eva.

Ninguém sabia, até então, que eu havia morrido algumas horas antes. Durante as primeiras horas depois que retornei à Terra, eles não faziam a menor idéia de quão graves eram os meus ferimentos. Embora não soubessem de nenhum detalhe, as pessoas da igreja começaram a orar por minha recuperação. Elas ligavam para outras, pedindo que se unissem em oração.

Eva descobriu que eu havia morrido quando Dick Onerecker contou, quase duas semanas depois do acidente, durante uma das visitas que ele fez a mim no hospital. Só então ela entendeu como a batida havia sido grave. Além disso, naquele momento, nossa agente de seguros, Ann Dillman, membro da igreja de South Park, trouxe fotos da sucata em que meu carro havia se transformado. Eva afirma que, depois disso, entendeu de fato a gravidade do acidente. Ela diz que, provavelmente, não prestou atenção às más notícias de propósito porque estava tentando se concentrar nos problemas mais imediatos que tinha de resolver.

Depois disso, nossos filhos, outros membros de nossa família e os amigos começaram a organizar as informações e constataram como o acidente fora horrível e quão perto cheguei de não sobreviver a ele.

Um dos paramédicos disse: "Estamos aqui agora. O senhor ficará bem."

Eu tinha noção de que estava sendo levado para dentro do hospital.

Sem entender muito bem o que estava acontecendo, vi uma grande quantidade de pessoas que saíam da frente para abrir caminho enquanto assistiam à passagem da maca. Todos os rostos se voltavam para mim, e nossos olhares se cruzavam por frações de segundo conforme a maca continuava em movimento.

Eles me levaram para uma sala onde um médico esperava por mim. É meio estranho, mas a única coisa de que me lembro sobre o médico que me examinou era sua calvície. Ele passou um bom tempo me examinando. "Sr. Piper, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para salvá-lo", ele disse, pelo menos, três vezes. "O senhor está muito machucado, com ferimentos graves, mas faremos o que for possível." Apesar das palavras do médico, fiquei sabendo depois que ele não tinha muita expectativa de que eu sobreviveria. No entanto, fez tudo o que estava ao seu alcance para me dar esperança, e me incentivou a lutar pela vida.

Havia um grande movimento de pessoas à minha volta. Era evidente que estavam tentando salvar minha vida, mas eu ainda não sentia dores. Era como se eu estivesse vivendo em um algum tipo de estado intermediário no qual não conseguia sentir nada. Continuava apenas com uma vaga noção do que se passava ao meu redor.

"Sua esposa está ao telefone", alguém disse. Eles transferiram a ligação para a sala de emergências. Uma enfermeira colocou o fone próximo da minha orelha, e lembro-me de conversar com Eva, embora não recorde uma palavra sequer do que dissemos.

Eva se lembra de toda a conversa. Segundo ela, a única coisa que eu disse foi:

— Sinto muito por tudo o que aconteceu.

— Tudo bem, Don — ela respondeu. — Não é culpa sua. Continuei repetindo o tempo todo:

— Sinto muito mesmo. Eu só queria voltar para casa. Por favor, me

leve para casa.

De alguma forma muito infantil, acho que minha sensação era a de que, não podendo estar em meu lar celestial, só queria saber de voltar para meu lar terreno.

Eu estava suficientemente consciente para saber que eles queriam me transportar para a Unidade de Trauma do Centro Médico Memorial Hermann, em Houston, mas decidiram que o tempo estava muito ruim e não havia teto, por isso o helicóptero não tinha condições de decolar.

Minha condição se deteriorava rapidamente, e eles não sabiam se eu sobreviveria àquela tarde. Apesar disso, a equipe médica tomou uma decisão muito importante: eles resolveram me colocar dentro da ambulância de novo e fazer a viagem de 130 quilômetros até Houston. Afinal, não dispunham dos recursos necessários para cuidar apropriadamente de meu caso. Se ainda havia alguma chance de sobrevivência para mim, o Hospital Hermann era o único lugar adequado.

Eles trouxeram outra ambulância. É impressionante pensar que, apesar de meu estado tão ruim — e eles ainda achavam que eu poderia sucumbir a qualquer momento —, estava consciente de detalhes, como o cheiro da ambulância nova, especialmente a pintura fresca.

O senhor é nosso primeiro paciente — disse o paramédico que me acompanharia durante a viagem.

Hein? — eu quis saber mais.

O senhor é a primeira pessoa transportada por esta ambulância — ele respondeu. — Estamos levando o senhor a Houston. Chegaremos lá o mais rápido que pudermos.

A que velocidade devo ir? — o motorista perguntou ao paramédico, que estava sentado ao meu lado.

O máximo que der — ele respondeu.

E quanto é "o máximo"?

Meta o pé no acelerador até o fundo! Precisamos chegar lá agora!

Antes que iniciássemos a viagem, eu ainda não sentia dor alguma.

Meu estado de consciência variava. Sentia-me muito leve, como se minha mente não tivesse ligação alguma com meu corpo. No entanto, cerca de dez minutos depois de iniciada a viagem, comecei a sentir um leve formigamento. No início, percebi uma dor suave no braço esquerdo. Em seguida, minha perna começou a formigar também. Minha cabeça passou a doer. Em poucos minutos, eu sentia dores em tantas partes do corpo que nem conseguia identificar nenhuma delas.

Todo o meu corpo reclamava de agonia e ansiava por alívio. As conseqüências do trauma chegaram com toda a força. Era como se cada parte de meu corpo tivesse sido machucada, socada ou recebesse uma pancada. Não conseguia pensar em um ponto sequer de minha anatomia que estivesse livre da agonia da dor. Acho que chorei, mas não tenho certeza. As batidas de meu coração pareciam golpes de martelo em cada centímetro do meu corpo.

—Você precisa fazer alguma coisa! Por favor! — finalmente implorei, até onde me lembro. — Um remédio... Qualquer coisa...

— Já dei todos os remédios que podia — disse o paramédico.

—Você me deu todos os remédios que podia?

As palavras do médico não faziam sentido. Se haviam ministrado todos os remédios possíveis, por que eu sentia tanta dor?

Por favor! — insisti.

Não posso desacordá-lo — explicou o paramédico. — O senhor precisa continuar acordado.

Por favor... Qualquer coisa...

Eu não conseguia entender por que tinha de permanecer acordado. Se eles me desacordassem, a dor desapareceria.

Por favor — implorei de novo.

Sinto muito. Sinto mesmo, mas não posso usar mais nenhum medicamento. O senhor já recebeu uma dose suficiente para levar a maioria das pessoas ao coma. O senhor é mesmo uma pessoa muito forte, mas simplesmente não posso desacordá-lo.

Tenho certeza de que protestei, reclamei ou mesmo gritei várias vezes durante o restante daquela viagem tão sofrida. O carro balançava para a frente e para trás, entrando e saindo do meio do trânsito. A sirene soava o tempo todo. Foi a viagem mais dolorosa e terrível que já fiz em toda a minha vida.

Mesmo hoje em dia ainda sou capaz de fechar os olhos e sentir a vibração e os balanços da ambulância no acostamento da estrada quando o motorista fazia as curvas. Um dos paramédicos disse alguma coisa sobre o trânsito piorar por causa da hora do rush, por isso presumi que eram mais ou menos cinco da tarde. Por alguns momentos, tentei entender por que o horário era tão avançado.

A viagem parecia interminável, embora eu ache que tenha perdido a noção da dor várias vezes. Finalmente chegamos ao pronto-socorro do Hospital Hermann, em Houston.

Eram 18h20min. Seis horas e meia haviam se passado desde a hora do acidente.

No momento em que eu chegava ao hospital, em Houston, milhares de pessoas estavam em oração. Elas espalharam a notícia de uma forma que os membros de centenas de igrejas também estavam orando por minha recuperação. Nos dias que se sucederam, correu a informação sobre meu estado, e mais gente passou a orar. Ao longo dos anos, conheci muitas das pessoas que pediram a Deus que guardasse minha vida. Talvez alguns de vocês, que estão lendo este livro, tenham orado por minha sobrevivência e recuperação. Só posso dizer que as orações funcionaram: eu sobrevivi, e ainda estou vivo.

Quando os paramédicos ergueram minha maca para tirá-la da ambulância, consegui distinguir o rosto de Eva. Perto dela estava um diácono de nossa igreja. Senti como se estivessem olhando para um bichinho de estimação perdido, considerando minha aparência horrível. Eles estavam espantados, lívidos, mas nada diziam.

Eva olhou para mim. Até aquele momento, eu só tinha uma vaga noção do que estava acontecendo com meu corpo. A dor não havia cedido, mas eu ainda não tinha me conscientizado de que era vítima de um acidente grave. Não me ocorreu que minha vida estivesse sob risco.

Quando olhei para o rosto de Eva, reconheci a angústia em seu olhar. Ela provavelmente disse alguma coisa para tentar me consolar, não sei dizer. Só me lembro de ter sentido o sofrimento de minha esposa, bem como o medo estampado em seu rosto. Ela sabia que eu poderia morrer.

Foi quando percebi como o meu estado poderia ser ruim — e era mesmo. Meu peito estava todo roxo. As equipes de atendimento enfaixaram quase todas as partes de meu corpo. Pequenos pedaços de vidro estavam encravados em meu rosto, no peito e na cabeça. Eu tinha noção de que pequenos fragmentos de minha pele haviam se soltado, ficando sobre a maca, perto de minha cabeça.

Ninguém precisa me dizer como eu estava horroroso. Qualquer um que me conhecesse antes não seria capaz de me reconhecer. Não conseguia imaginar como Eva soubera que era eu quem estava ali.

Minha dor ultrapassara todos os limites. Uma vez dentro do centro de tratamento de trauma, uma enfermeira me aplicou morfina c muitas outras doses em seguida. Nada ajudava. Nada fazia a dor diminuir.

Pouco depois de minha chegada ao Hospital Hermann, fui levado à sala de cirurgia, onde fiquei por onze horas. Sob o efeito da anestesia, finalmente parei de sentir dor.

Nosso querido amigo Cliff McArdle ficou ao lado de Eva durante toda aquela noite, oferecendo seu apoio valoroso. Eu, Cliff e meu grande amigo David Gentiles éramos companheiros de ministério desde que nos formamos no seminário. Continuamos muito próximos até hoje.

Quando voltei ao estado de consciência, já era manhã de quinta-feira. Ao abrir meus olhos, sabia, de alguma forma, que era o primeiro paciente de uma unidade de tratamento intensivo recém-inaugurada. Uma enfermeira estava limpando minhas feridas enquanto outra me colocava na tração. Eu podia sentir que ela estava colocando hastes entre meu tornozelo e meu braço. Gritei.

"Fizemos uma ressonância magnética no senhor", disse o médico. Até então, eu não tinha percebido que ele também estava na UTI. "O senhor está muito machucado, mas a boa notícia é que não houve lesão na cabeça ou no tórax."

Naquele momento, eu não me importava com quais partes de minha anatomia haviam sido atingidas ou não. As vibrações provocadas pela dor corriam por todo o meu corpo. As dores eram maiores do que eu pensava ser humanamente possível.

Tudo quanto eu desejava era alívio.

Quando Dick Onerecker veio me visitar, duas semanas depois do acidente, eu havia acabado de ser removido da UTI para o quarto. Ele me contou como Deus o havia orientado a orar por mim e que ele ficou muito tempo ali, no carro, intercedendo.

— A melhor notícia é que não sofri nenhuma seqüela no cérebro nem ferimentos internos — expliquei.

Dick deu uma risada.

— É claro que não. Foi por isso que Deus me mandou interceder a seu favor. E ele respondeu à oração.

—Você creu mesmo? Acreditava que Deus responderia àquela oração?

— Sim, eu acreditei — disse Dick. — Eu sabia, mesmo depois de ver todos os ferimentos em seu

corpo, que Deus responderia à minha oração.

Levei alguns segundos para assimilar o que ele acabara de me dizer. Considerando a força e a intensidade do impacto, não havia como escapar de danos internos no corpo. Até mesmo o médico havia comentado, admirado, como eu escapara de seqüelas na cabeça e no tórax.

—Vou dizer uma coisa — falei —, eu sei que também tive ferimentos por dentro do corpo, mas em algum momento entre o resgate na ponte e este hospital, eles desapareceram.

As lágrimas correram pela face de Dick, que comentou:

— Eu sei. Quem me dera conseguir orar daquele jeito o tempo todo.

Capítulo 6

COMEÇA A RECUPERAÇÃO

Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus:
se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus,
ele nos ouvirá. E se sabemos que ele nos ouve em tudo o
que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos.
1 João 5:14,15

A dor tornou-se minha companheira inseparável. Durante muito tempo, eu não soube o que era deixar de sentir dores por todo o corpo.

Apesar disso, poucos dias depois do acidente, comecei a perceber quantos milagres haviam ocorrido. Refiro-me a eles como milagres (embora algumas pessoas possam considerá-los "circunstâncias favoráveis") porque acredito não haver acidentes ou surpresas para Deus.

Em primeiro lugar, eu estava usando meu cinto de segurança. Admito, envergonhado, que eu não me importava em usar o cinto antes de receber a multa. Naquela manhã, curiosamente, eu tomara a iniciativa de usar o cinto.

Segundo, o acidente ocorreu sobre a ponte. O que teria acontecido se o caminhão colhesse meu carro na estrada aberta que cruza o lago, a caminho da ponte? Meu Ford teria afundado, pelo menos, uns dez metros dentro do lago, e eu me afogaria.

Em terceiro lugar, não sofri nenhuma seqüela no cérebro. Qualquer pessoa que me visse ou lesse o relatório dos médicos acharia impossível eu não ter sofrido nenhum dano cerebral. (Eva ainda brinca dizendo não ter muita certeza de que minha cabeça não sofreu nada.) A equipe médica ficou impressionada com o fato de o acidente não ter atingido nenhum de meus órgãos internos. Isso desafiava todo tipo de explicação científica.

Quarto, o cirurgião ortopédico Tom Greider, que estava de plantão no Hospital Hermann naquele dia, evitou que eu perdesse a perna. Por coincidência, o Dr. Greider é um dos poucos especialistas nos Estados Unidos capazes de lidar com traumas daquela natureza. Ele optou pelo uso de um procedimento totalmente novo, ainda em fase experimental: o método Ilizarov. A cirurgia ocorreu uma semana depois do acidente. O implante do aparelho de Ilizarov não só salvou minha perna esquerda, como também ajudou os médicos a alongar o osso depois de eu perder dez centímetros de

meu fêmur no acidente. O fêmur é o maior osso do corpo humano, e muito difícil de quebrar.

Quando o Dr. Greider me examinou, viu-se diante da necessidade de fazer uma escolha. Poderia usar o aparelho de Ilizarov ou amputar minha perna. Mesmo escolhendo o aparelho de Ilizarov, não havia garantias de que não perderia a perna. Na verdade, naquele estágio, ele não tinha certeza sequer de que eu conseguiria sair com vida daquela provação. Um médico menos gabaritado e menos ousado teria amputado a perna, presumindo que não faria tanta diferença, já que eu estava quase morrendo mesmo.

Em quinto lugar, as pessoas oraram por mim. Guardo comigo milhares de cartões, cartas e telegramas de oração, muitos deles escritos por pessoas que não conheço, vivendo em lugares onde nunca estive. Elas oraram por mim porque ouviram falar do acidente. Desde então, várias pessoas me procuraram para contar como aquela experiência transformou sua vida de oração e a fé no poder da interseção.

Na noite em que dei entrada na Unidade de Trauma do Hospital Hermann, fiquei na sala de cirurgia por onze horas. Durante a operação, o osso da perna direita, que estava quebrado, foi colocado no devido lugar. Meu antebraço esquerdo teve de ser fixado porque perdi cinco centímetros de cada osso. Minha perna esquerda foi colocada na tração porque faltavam dez centímetros do fêmur.

Durante a operação, um tubo de ar foi colocado no meu estômago por engano. Isso fez com que meu estômago inflasse e meus pulmões esvaziassem. Levou muitos dias até descobrirem que aquela era a causa do Inchaço em minha barriga. Além de ter a minha respiração prejudicada, eu não podia ser levantado da cama, por isso contraí pneumonia. Quase morri pela segunda vez.

Por causa das muitas contusões e da gravidade de meus ferimentos, os médicos mal sabiam por onde começar. Outros problemas menos graves se evidenciaram algumas semanas depois. Muitos anos se passaram antes de encontrarem uma fratura na pelve que havia passado despercebida.

Deitei na cama com várias agulhas nas veias, incapaz de me mexer e dependendo de todo aquele equipamento de sustentação das funções vitais. Mal conseguia ver as coisas ao meu redor por cima da máscara de oxigênio. Durante a maioria daqueles dias em que permaneci na UTI, acordei e adormeci várias vezes. De vez em quando, acordava e via as pessoas de pé, diante de minha cama, e ficava pensando: "Estou mesmo aqui ou só imaginando esta cena?"

Eu estava cercado de aparelhos monitorando meu estado. Um deles, preso ao meu dedo, acompanhava o nível de oxigênio de meu corpo. Como eu não estava recebendo oxigenação suficiente, o alarme tocava com freqüência, fazendo com que várias enfermeiras viessem correndo ao meu quarto.

A UTI do Hospital Hermann fica perto do heliporto. Os helicópteros decolam e aterrissam a qualquer hora do dia. Quando eu estava acordado, sentia como se estivesse em um filme sobre a guerra no Vietnã. Não havia relógios no quarto, por isso eu não tinha noção do tempo.

Outras pessoas estavam deitadas nos leitos próximos ao meu, geralmente separadas apenas por uma cortina. Por mais de uma vez acordei e vi assistentes da enfermagem empurrando macas com corpos cobertos. Como pastor, sabia que muitas pessoas não conseguiam sair da UTI vivas. "Será que sou o próximo?", pensei.

Embora eu me fizesse essa pergunta, a dor evitava que me preocupasse muito com isso. Eu só queria parar de sentir dor, e a morte seria uma solução rápida.

Depois de passar pelo céu, eu havia retornado à Terra para, em seguida, padecer o que havia de mais próximo ao inferno neste mundo. Levaria muito tempo antes de minhas condições ou minha atitude mudarem.

Sons aterrorizantes dominavam os dias e as noites. Murmúrios, gemidos, gritos e berros interrompiam meu repouso com freqüência e me obrigavam a ficar consciente. Uma enfermeira se aproximava de minha cama e perguntava:

Posso ajudar o senhor?

Do que você esta falando? — eu perguntava.

Às vezes, eu ficava apenas olhando para a enfermeira, incapaz de compreender por que ela estava me fazendo aquela pergunta.

O senhor fez um barulho como se estivesse sentindo muita dor. "Estou mesmo", pensava, para, em seguida, perguntar:

Como você sabia disso?

O senhor gritou.

Foi quando percebi que alguns dos gritos que eu ouvia eram os meus. Os gemidos ou berros surgiam quando eu fazia alguma coisa bem simples, como tentar mover minha mão ou minha perna. A vida na UTI era horrível. Eles estavam fazendo o melhor que podiam, mas a dor nunca cedia. "Deus, foi para isso que voltei?", pensei muitas vezes. "O senhor me trouxe de volta à Terra para passar por isso?"

Meu estado continuou a piorar. Eu tinha de deitar reto e de costas por causa do pedaço de osso que faltava em minha perna esquerda. (Nunca encontraram essa parte do osso. Aparentemente, foi projetada do carro e caiu dentro do lago quando minha perna ficou imprensada entre o banco e o painel.) Por ter de deitar reto, houve infiltração de líquido em meus pulmões.

Ainda sem perceber que meus pulmões estavam em mau estado, as enfermeiras e os especialistas em problemas respiratórios tentaram me forçar a respirar com a ajuda de um dispositivo plástico chamado espirometro, que ampliaria minha capacidade pulmonar.

No sexto dia, eu estava tão próximo da morte que o hospital ligou para meus familiares e pediu que viessem me ver. Eu estava sofrendo de pneumonia dupla, e eles achavam que eu não passaria daquela noite.

Eu havia sobrevivido aos ferimentos; agora estava morrendo por causa da pneumonia. Meu médico conversou com Eva.

— Precisamos tomar alguma providência — ele explicou à minha esposa. —Teremos de amputar a perna ou fazer alguma outra coisa mais drástica.

O que poderia ser mais drástico? — ela quis saber.

Se não fizermos alguma coisa, seu marido não estará vivo pela manhã.

Foi quando o milagre da oração realmente começou a funcionar. Centenas de pessoas estavam orando por mim desde que souberam do acidente, e eu sabia disso. Mesmo assim, até então, nada parecia fazer muita diferença.

Eva telefonou para meu melhor amigo, David Gentiles, um pastor de San Antônio. "Por favor, venha para ver Don. Ele precisa de você", ela disse.

Sem hesitar, meu amigo cancelou tudo o que tinha agendado e entrou no carro. Dirigiu por mais de trezentos quilômetros só para me ver. A equipe de enfermagem permitiu a ele entrar em meu quarto na UTI por apenas cinco minutos.

Aquele pequeno período transformou minha vida. Nunca tomei essa decisão de maneira consciente, mas enquanto estava lá, deitado, com poucas esperanças de recuperação — ninguém jamais sugeriu que eu voltaria a ter uma vida normal —, não queria mais saber de viver. Eu não estava apenas enfrentando a provação de uma dor que nunca cessava; também havia passado pelo céu. Desejava retornar àquele lugar glorioso e perfeito. "Leve-me de volta, Deus", orei, "por favor, leve-me de volta." Minha mente estava repleta de lembranças, e eu ansiava estar de novo diante daquele portão. "Por favor, Senhor."

A resposta de Deus à minha oração foi "não".

Quando David entrou em meu quarto, eu estava desorientado por causa da dor e da medicação. Estava tão fora de mim que precisei primeiro me conscientizar de que a presença dele era real. "Será que estou tendo uma alucinação?", pensei.

Naquele momento, David pegou em meus dedos e eu senti o toque de sua mão. Sim, aquela presença era real.

Ele segurou meus dedos porque era tudo quanto podia fazer fisicamente. Eu tinha tantas marcas de intravenosas que minhas veias estavam em péssimo estado. Havia um duto que entrava por meu peito e ia direto ao coração. Eu costumava pensar nas muitas marcas de intravenosas como soldados em fila. Também precisei receber intravenosas nas veias da parte de cima dos pés. Quando olhava para baixo, eu as via e entendia que os enfermeiros estavam colocando as agulhas nos pés porque não restava mais nenhum espaço no restante do corpo.

— Você vai superar este momento — disse David. —Você precisa

se superar. Já conseguiu chegar até aqui.

— Não preciso fazer isso. Não tenho muita certeza... eu... não sei

muito bem se quero superar — falei.

—Você precisa. Se não quer fazer por você mesmo, então faça por nós.

— Já estou sem energia para isso. Fiz tudo quanto eu podia. Dei

tudo de mim. Não tenho mais nada para oferecer.

Fiz uma pausa e respirei várias vezes bem fundo, pois até falar duas frases em seguida exigia um imenso dispêndio de energia.

—Você precisa resistir — insistiu David. — Não permitiremos que você se vá.

Se eu resistir, será porque vocês todos querem. Eu mesmo não quero. Estou cansado. Lutei com todas as forças. Agora estou pronto para morrer.

Bem, neste caso, você não precisa fazer nada. Nós faremos em seu lugar.

Sem entender direito, fiquei olhando para a intensidade do semblante de David.

Não deixaremos que você morra. Entendeu isso, Don? Não permitiremos que você desista — ele disse.

Deixe-me ir em paz...

Não. Você sobreviverá. Ouviu o que acabei de dizer? Você vai sair daqui vivo. Não permitiremos que morra.

Se eu viver — falei, finalmente —, será só porque vocês querem.

— Vamos orar — disse David.

É claro que eu sabia das orações que as pessoas já estavam fazendo por mim, mas ele foi além:

— Vamos orar a noite inteira. Ligarei para todo mundo que conheço e que poderá orar por você Quero que você saiba de uma coisa: aqueles de nós que se importam com você passarão a noite inteira intercedendo por sua vida.

— Tudo bem — respondi.

— Faremos isso por você, Don. Você não precisará fazer nada.

Para falar a verdade, eu não me importava se eles orariam ou não por mim. Tudo doía muito. Eu não desejava viver.

— Estamos assumindo o controle a partir daqui. Não precisa se preocupar em fazer nada, nada mesmo, para sobreviver. Tudo quanto precisa fazer é ficar deitado e deixar as coisas acontecerem. Por meio da oração, ajudaremos você a enfrentar esta situação.

Ele falou calmamente comigo por um período de um ou dois minutos. Não sei se eu disse mais alguma coisa. A dor havia se intensificado — se é que isso poderia acontecer. Eu não conseguia me concentrar em nada mais do que ele dizia.

— Vamos tomar conta da situação — disse David, dando-me um beijo na testa e no lado esquerdo do rosto.

A partir dali, iniciou-se uma vigília de oração que durou a noite inteira. Aquela intercessão foi um

marco no meu tratamento, marcando o começo de uma série de milagres.

No dia seguinte, eu não sofria mais com a pneumonia. Fora banida pela força da oração. A equipe médica também descobriu o erro com o tubo de ar.

No sétimo dia, quando passei por outra longa cirurgia, o Dr. Greider implantou o aparelho de Ilizarov, e assim eu podia sentar e receber tratamento respiratório. Também conseguiram desinchar meu estômago, fazendo com que meus pulmões voltassem a inflar.

Geralmente, os hospitais exigem seis meses de aconselhamento antes de autorizar o uso do aparelho de Ilizarov. Em meu caso, a equipe médica não tinha como garantir a Eva o sucesso do procedimento, ainda em fase experimental. Também disseram a ela que usar o aparelho de Ilizarov poderia provocar dores físicas intensas, assim como estresse emocional e psicológico. O pior de tudo era o alerta de que, mesmo depois de passar por tudo aquilo, eu ainda corria o risco de perder minha perna.

— É um processo muito doloroso, e leva meses, ou mesmo anos, até que a recuperação se complete — disse o cirurgião a Eva, lembrando novamente o pior que poderia acontecer, ou seja, eu perder a minha perna.

— No entanto, se não seguirmos por esse caminho, não teremos alternativa senão amputar.

Ele explicou calmamente que, se minha perna fosse amputada, eu passaria a usar uma prótese, e teria de aprender a caminhar com ela. Eva não tinha nenhuma ilusão sobre a gravidade de meu estado. Também sabia que eu teria de suportar uma dor horrível por muito tempo. Ela avaliou os prós e os contras por muito tempo, orando silenciosamente pela orientação de Deus.

— Eu assinarei a autorização — finalmente disse.



Na manhã seguinte, quando acordei depois de mais doze horas de cirurgia, fiquei olhando para algo que parecia uma protuberância sob as cobertas onde costumava ficar minha perna. Quando puxei as cobertas, o que vi me deixou sem ação. Havia um aro imenso de aço inoxidável em minha perna, que ia da cintura até pouco abaixo do joelho. Uma enfermeira se aproximou e começou a se movimentar de um lado para o outro, fazendo várias coisas em volta de minha perna, mas eu não tinha certeza do que ela fazia.

Notei que Eva estava sentada perto de minha cama.

O que é isso? — perguntei. — O que ela está fazendo?

Precisamos conversar sobre isso — respondeu Eva. — Concordei com esse procedimento ontem. É

um aparelho que permite que o osso se estenda. Podemos dizer que é um tipo de fixador. É a única chance que os médicos têm de evitar que sua perna seja amputada. Acredito que valha a pena.

Não tenho certeza se cheguei a responder. O que poderia ser dito? Ela havia tomado a melhor decisão que podia, e foi obrigada a fazer isso sozinha. Naquele momento, vi fios que saíam do aparelho.

Esses fios atravessam minha perna? — eu quis saber.

Sim.

Balancei a cabeça, tentando entender.

—Eles passam através de minha perna?

—Trata-se de uma nova técnica. Eles estão tentando salvar sua perna.

Não sabia muita coisa, por isso não fiz nenhum comentário. balancei a cabeça e tentei relaxar.

— Acho que vai funcionar — disse Eva.

Eu torcia para que ela estivesse certa. Eu mal sabia que, aproximada mente um ano depois, ainda continuaria olhando para aquele aparelho.

Capítulo 7

Decisões e mudanças

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação,

ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez,

ou perigo, ou espada? Como está escrito:

"Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias;

somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro."

Romanos 8:35,36

Uma das coisas mais difíceis — além da própria dor física — era ver a reação dos meus familiares e dos meus amigos. Meus pais vivem em Louisiana, a cerca de quatrocentos quilômetros de Houston, mas chegaram no dia seguinte ao de minha cirurgia. Minha mãe é uma mulher muito forte, e eu sempre achei que ela seria capaz de lidar com qualquer situação. Mas quando ela entrou na UTI e olhou para mim, desmaiou na hora. Meu pai teve de segurá-la e levá-la para fora.

O desmaio de minha mãe me fez perceber como o meu estado era ruim.

A maioria daqueles primeiros dias ficou na minha memória de maneira muito vaga. Eu não tinha certeza se as pessoas haviam me visitado de fato ou se tudo não passava de alucinação. Segundo Eva e as enfermeiras, às vezes eu delirava.

O hospital permitiu visitas diárias, poucas pessoas de cada vez. Mesmo quando elas não diziam nada, o olhar triste e consternado evidenciava aquilo que estavam sentindo. Uso a palavra "evidenciava" porque sei como era fácil perceber. Olhando para trás, pode ser que eu estivesse enganado. Acho que eu estava tão convicto a respeito de minha morte iminente — a qual eu desejava — que vi nos olhos das pessoas o que eu sentia a respeito de mim mesmo.

Certo ou não em minha avaliação, eu me sentia como se as pessoas estivessem olhando apenas para um corpo mutilado, e não para um ser vivo que, apesar das palavras de incentivo e consolo que proferiam, parecia pronto para morrer a qualquer momento. Eu ficava pensando se elas me visitavam para prestar suas últimas homenagens antes de meus olhos se fecharem para sempre.

Embora a pneumonia tivesse melhorado, ainda era necessário tratar seus efeitos. As enfermeiras apareciam a cada quatro horas para realizar os tratamentos respiratórios. Elas batiam em meu peito e me obrigavam a respirar, através de um bocal, uma coisa que cheirava muito mal e tinha um sabor horrível. Segundo diziam, aquilo ajudaria a revestir meus pulmões. Esse tratamento evitaria que a

pneumonia voltasse e ajudaria a restaurar a saúde pulmonar. Quando eu acordava e via as pessoas se aproximando, pensava: "Elas vão me obrigar a respirar aquele troço. Vão me dar pancadas no peito para tentar soltar o catarro."

Por mais doloroso que fosse, o tratamento funcionou. O Dr. Houchins, chefe da equipe de trauma do Hospital Hermann, ia me ver várias vezes durante o dia. O que podia lhe faltar em termos de cordialidade sobrava em determinação. Não aceitava perder nenhum de seus pacientes. Ele me mandava respirar:

— Não desista agora. Não desista. Continue tentando.

O Dr. Houchins não se limitava apenas às palavras que me dizia. Por mais doente que eu estivesse, senti como se ele lutasse ao meu lado.

— Não desista. Continue tentando.

Geralmente eu não tinha muita energia para respirar, por isso parava de tentar. Então via a expressão de dor em seu semblante. Em seguida, os traços do rosto se contorciam em uma raiva muito intensa.

—Você ouviu o que eu disse? Faça isso! Agora! Respire e tussa! Vamos lá.

Balancei a cabeça. Eu simplesmente não tinha forças para fazer nada mais.

Não tem essa história de parar. Faça o que estou mandando agora! Respire! — ele insistia.

Não consigo — eu dizia.

Tudo bem, então não faça. Você já morreu. Vai morrer se não fizer o que estou dizendo. Consegue entender o que estou tentando dizer?

Eu não queria continuar vivendo, mas alguma coisa aconteceu quando ele gritou comigo. Então, respirei.

Logo depois daquele episódio, a equipe tentou imaginar como erguer minha perna de modo que eu pudesse sentar. Só isso já seria um grande passo adiante. Eu achava que nunca mais deitaria de lado ou de bruços de novo.

Certa vez, quando eu ainda estava na UTI, tive a impressão de que, toda vez que eu abria os olhos e piscava, em questão de segundos aparecia alguém para empurrar uma colher de quinze centímetros de comprimento pela minha goela adentro, cheia de comida. "É só abrir a boca."

Em uma das vezes, a voz era masculina. Abri meus olhos e fiquei olhando. Quem segurava a colher era um homem corpulento. Ele ergueu minha máscara de oxigênio e colocou a colher na minha boca de uma maneira muito gentil. "Isso mesmo, coma um pouco."

Obedeci e engoli. Minha mente, atordoada por tanta medicação, tentava entender o que estava se passando.

Aos poucos, entendi que a voz era de San Mauldin, treinador-chefe de futebol americano e diretor atlético dos Yellow Jackets da Escola Alvin de Ensino Médio. Nossa filha moraria com Stan, Suzan

e os dois filhos desse casal durante meu período de convalescença. O treinador Mauldin ouviu dizer que, por não me alimentar, eu estava perdendo peso em um ritmo alarmante. (Embora eu só tenha perdido alguns quilos na época, durante as primeiras seis semanas no hospital eu emagreci mais de vinte quilos.)

Assim que Stan soube da situação, encontrou tempo em sua agenda tão concorrida para aparecer no Hospital Hermann. Ele não tinha ido apenas para fazer uma visita. Ele pediu às enfermeiras que lhe permitissem levar o prato de comida, sentou-se do lado de minha cama e esperou que eu acordasse.

Quando percebeu que eu já havia despertado totalmente, Stan enterrou a colher na comida e começou a conversar comigo, enquanto eu fazia o maior esforço possível para mastigar e ouvir. Aquele ato carinhoso de sacrifício por parte de um homem tão forte foi um dos maiores zelos que testemunhei durante meu processo de recuperação. Stan sintetiza força e ternura, combinadas em uma pessoa extraordinária.



Falei a respeito do aparelho de Ilizarov, o que pode parecer um procedimento muito comum. Mas não era. Eva teve de tomar uma decisão que ninguém deveria ter de enfrentar sozinho. Ela precisou decidir se permitiria ou não o uso do método Ilizarov, que ainda estava em um período experimental.

No início, o aparelho era usado para alongar as pernas. Foi inventado para ajudar as pessoas que possuem um problema congênito, em que uma perna é menor do que a outra (em alguns casos, a diferença pode chegar a trinta centímetros). Elas são obrigadas a usar cadeiras de rodas, aparelhos ortopédicos ou muletas. O aparelho de Ilizarov obriga o osso da perna a crescer enquanto mantém o tecido que o envolve intato. O corpo pode criar mais osso no espaço que falta como reação à força mecânica do aparelho de Ilizarov.

Esse mecanismo para crescimento dos ossos é o que chamam de "fixador externo". Foi inventado por um médico siberiano cujo nome identifica o aparelho.

O Dr. Ilizarov usou ovelhas como cobaias para desenvolver uma maneira de promover o surgimento de ossos ou para esticá-los quando um problema congênito faz com que a pessoa tenha uma perna menor do que a outra. Nos casos de ossos que faltam, como aconteceu comigo, a aplicação do método implica na ruptura proposital do membro. Fios do comprimento das cordas de um piano são colocados por dentro da pele e do osso, e saem do outro lado.

O aparelho de Ilizarov para o fêmur é sustentado na cintura por hastes do tamanho de lápis. Os médicos fizeram orifícios para que quatro grandes hastes fossem colocadas a partir de minha virilha até o lado esquerdo de minha cintura. Depois disso, fizeram mais uns trinta furos em minha perna esquerda. Muitos desses furos atravessavam completamente minha perna, de um lado até o outro. Os maiores só atravessavam a carne, e hastes eram cravadas na pelve. Passados aproximadamente seis

meses, eu conseguia ver minha perna por dentro, conforme os orifícios esticavam.

Todos os dias alguém chegava para apertar os parafusos no aparelho de Ilizarov e alongar os ossos. Geralmente, a equipe de enfermagem cuidava dessa tarefa. Depois que voltei para casa, Eva passou a fazer isso. No espaço de cerca de um ano, o fêmur de minha perna esquerda cresceu novamente, recuperando a parte que se perdeu no acidente. É um aparelho engenhoso, embora terrivelmente doloroso, pois a recuperação que proporciona é árdua e muito longa. Eu o chamava "maravilha

Seis hastes também atravessavam o alto de minha perna esquerda e saíam do outro lado. Grandes barras de aço inoxidável eram colocadas em cima e embaixo do braço para estabilizá-lo, pois ambos os ossos do antebraço foram prejudicados. As hastes tinham o tamanho de um lápis, e permitiram ao Dr. Greider colher ossos do lado direito da pelve para colocar em meu antebraço esquerdo. O médico explicou que aquilo era como tirar amostras quando se perfura um poço de petróleo. Também colheram cerca de duzentos centímetros quadrados de pele de minha perna direita para cobrir o machucado enorme de meu braço esquerdo. Em seguida, colocaram uma tira de teflon entre os ossos que acabavam de se formar em meu antebraço para evitar que eles se fundissem, ou seja, aderissem um ao outro e crescessem juntos.

Infelizmente, para mim, essa parte da técnica não funcionou. Os ossos foram restaurados, mas acabaram aderindo. Conseqüentemente, não tenho os movimentos de pronação e supinação em meu braço esquerdo — ele não fica reto na altura do cotovelo, assim como não consigo virar as palmas das mãos para cima ou para baixo. Quando estendo meu braço, a mão fica sempre na posição de cumprimento. Ela não gira para a esquerda nem para a direita. Sei que tudo isso parece meio primitivo, e na época também pareceu. Mas como o aparelho de Ilizarov funciona.

Sim, o aparelho de Ilizarov funcionou — mas também é o processo mais doloroso que suportei no período de minha recuperação.

O aço inoxidável do aparelho Ilizarov em minha perna pesava cerca de 13,5 quilos, e o fixador externo em meu braço provavelmente pesava quase dez quilos. Estivesse eu em minha cadeira de rodas (que usei por mais ou menos oito meses), no andador ortopédico (mais três meses) ou usando minhas muletas (outros quatro meses), eu carregava aquele peso extra. Isso durou quase um ano.

Dá para imaginar os olhares estranhos que eu recebia em todos os lugares aonde ia? As pessoas olhavam com admiração e pena para aquele homem em uma cadeira de rodas com hastes de metal atravessadas pelo corpo inteiro.

Praticamente todas as vezes que eu comparecia à consulta de praxe ao consultório do Dr. Greider em minha cadeira de rodas, a reação dos outros pacientes era a mesma. Embora todos usassem suportes, tipóias ou muletas, ficavam olhando para mim e para minhas hastes e meus aros. Em seguida, havia sempre alguém para fazer um comentário sarcástico do tipo: "Puxa, e eu pensava que estava mal." De vez em quando, alguém ainda completava: "Depois de ver seu estado, sinto-me melhor." Durante muito tempo, eu me tornei o padrão de avaliação no que dizia respeito a ferimentos dolorosos.

Eu costumava brincar com as outras pessoas, dizendo que, com tantos apetrechos de metal espetados em mim, se um dia os arqueólogos encontrassem meu corpo, provavelmente achariam que se tratava de uma nova espécie! Minha anatomia foi completamente mudada.

Nunca mais negligenciarei as mais simples capacidades físicas. Durante o período de minha recuperação, mesmo o menor dos movimentos era como um milagre. Todas as vezes que eu reaprendia a fazer alguma coisa eram comemoradas como grandes conquistas.

Só mais tarde é que compreendi como o Dr. Greider trabalhou duro para encontrar uma forma de salvar meu braço e minha perna esquerda. Sempre serei grato por ele não ter simplesmente desistido.

Meu joelho direito foi esmagado. Usei gesso no local por um bom tempo. Eles colocaram uma pequena proteção de malha em volta da rótula até que voltasse ao normal. Meu braço direito foi o único membro que não sofreu nenhuma fratura.

No entanto, mesmo com o sucesso do aparelho de Ilizarov, a dor não cessava nem mesmo por um segundo. Fico pensando em quantas vezes questionei: "Por quê?" Eu queria saber por quanto tempo ainda teria de mi portar aquele aparelho, quanto tempo levaria para saber se ele funcionaria bem, quanto tempo eu demoraria para voltar a andar novamente.

Ninguém me dava — nem poderia dar — uma resposta, mas eu continuava a perguntar, mesmo assim.

Alguns meses — esta era a resposta mais comum.

O que significa "alguns"? — eu insistia. Um dos médicos finalmente disse:

Muitos meses. Talvez até mais.

O senhor quer dizer que talvez eu precise usar por alguns anos?

Sim, talvez por alguns anos.

E não há garantia alguma de que, depois disso, voltarei a usar os membros de meu corpo, não é?

Não há garantia alguma. Uma infecção poderia surgir de repente, e seríamos obrigados a amputar sua perna.

O senhor quer dizer que posso ter de suportar isso durante anos e, mesmo assim, ainda corro o risco de perder a perna?

Ele concordou balançando a cabeça.

Evidentemente não era bem aquilo que eu queria ouvir. Embora Eva tivesse dito a mesma coisa, eu continuava tentando negar. Continuei em busca de uma garantia de que a minha recuperação seria total.

Eu queria respostas, mas talvez quisesse ainda mais a certeza de que tudo correria bem. Eu desejava voltar a ser uma pessoa normal. Queria ser capaz de sair do hospital caminhando normalmente, usando minhas pernas, e voltar à vida que levava antes do acidente. Contudo, não havia ninguém que pudesse me dar essa garantia.

Muitos meses se passaram, mas, um dia, voltei caminhando àquele hospital para abraçar todas as

enfermeiras.

Nos meses que se seguiram ao implante do aparelho de Ilizarov, passei por outros problemas. Tive várias infecções. A cada uma delas, eu enfrentava o medo de que se espalhasse por meu corpo e eu fosse acordar sem a minha perna.

Também tive algumas infecções depois de receber alta. Por três vezes, precisei ser internado novamente, colocado na área de isolamento e receber grandes doses de antibióticos para curá-las.

Mesmo naquela época, orei por várias noites: "Deus, leve-me de volta para o céu. Não sei por que o senhor me trouxe de volta à Terra. Por favor, não me deixe aqui."

A resposta de Deus àquela oração ainda era "não".

Ainda desconheço todas as razões, mas nos meses e nos anos que se seguiram, fui entendendo aos poucos, pelo menos, alguns motivos pelos quais retornei à Terra.



O processo de cura havia começado. Ao me deitar naquele leito de hospital, dia após dia, reconheci gradativamente que Deus havia me enviado de volta à Terra. Não conseguia entender muito bem por que tinha de suportar o sofrimento físico, mas continuei pensando nas palavras de David Gentiles. Ele e outras pessoas haviam clamado em oração pela minha sobrevivência. Como Deus respondeu àquelas orações, então tinha de haver algum propósito no fato de eu permanecer vivo.

Nos dias de maior agonia, eu me lembrava das palavras de David Gentiles. De vez em quando, a sensação de que Deus tinha um propósito para a minha sobrevivência era o único motivo para eu seguir adiante.

Eu fiquei na UTI do Hospital Hermann por doze dias. Em seguida, fiquei mais quatro ou cinco dias no Hermann antes de me transferirem para o Hospital St. Luke's, no fim da rua. Ambos faziam parte do maior centro médico do mundo. Fiquei no St. Luke's por 105 dias. Ao chegar em casa, fiquei deitado na cama por treze meses e passei por 34 cirurgias. Sem dúvida alguma, ainda estou vivo porque as pessoas oraram por mim, começando por Dick Onerecker. Várias pessoas nos Estados Unidos também oraram, muitas das quais jamais cheguei a conhecer.

Talvez esse seja o maior dos milagres: as pessoas oraram e Deus honrou a oração dessas pessoas.

Ao olhar para trás, vejo quantas pessoas Deus usou para me salvar. Dick Onerecker salvou minha vida com sua oração contínua. O Dr. Greider salvou minha perna e meu braço, e me submeteu àquela cirurgia inicial. O Dr. Houchins salvou a minha vida depois da cirurgia por causa de sua determinação de me manter vivo. As bravas enfermeiras do andar da ortopedia do Hospital St. Luke's cuidaram de mim noite e dia. Cada uma dessas pessoas desempenhou um papel essencial.

Eu atribuo o fato de ter saído vivo da UTI às orações de David Gentiles e de outras pessoas "Estamos assumindo o controle a partir daqui. Não precisa se preocupar em fazer nada, nada mesmo, para sobreviver. Tudo o que precisa fazer é ficar deitado e deixar as coisas acontecerem. Por meio da oração, ajudaremos você a enfrentar essa situação."

Eu sabia que não ia morrer.

O povo de Deus não permitiria que isso acontecesse.

Capítulo 8

Dores e ajustes

Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo,

pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei;

eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa.

Isaías 41:10

Embora não percebessem, as pessoas que me visitavam tornavam minha situação ainda pior. Elas se importavam comigo e queriam expressar essa preocupação. Exatamente por causa desse cuidado, faziam a coisa mais natural do mundo: visitavam-me no quarto do hospital. Esse era o problema.

O fluxo constante de pessoas entrando e saindo de meu quarto era exaustivo. Eu não podia me limitar a ficar deitado ali, permitindo a elas que se sentassem ao meu lado ou conversassem comigo. Talvez eu precisasse assumir o meu papel de pastor ou sentisse alguma obrigação de entretê-las. Não queria ferir os sentimentos de ninguém, pedindo que as pessoas saíssem ou nem mesmo me visitassem.

Em várias oportunidades, eu sorria e conversava com elas quando, na verdade, tudo o que queria era apagar. Às vezes, a dor intensa tornava quase impossível fazer o papel de um bom anfitrião, mas eu ainda tentava ser gentil.Tinha sempre em mente que as pessoas se importavam comigo e, por isso, haviam feito um esforço para me ver.

Amigos, parentes e membros da igreja pareciam formar uma grande fila que começava na porta da frente do hospital até chegar ao meu quarto. Certa tarde, Eva chegou e percebeu como as visitas estavam me incomodando. Ela me repreendeu por permitir a presença de tanta gente.

Acho que Eva percebeu que eu não conseguiria dizer a ninguém para não voltar mais, por isso ela pediu à equipe de enfermagem que reduzisse o número máximo permitido de visitantes. Isso não impediria que as pessoas fossem ao hospital, mas diminuiria o tráfego de gente entrando e saindo do quarto.

Além da dor e do fluxo de pessoas em meu quarto, eu vivia deprimido. Uma parte considerável dessa sensação era resultado natural do trauma em meu corpo, e outra parte tinha a ver com a reação aos vários medicamentos que eu tinha de tomar. Acredito, porém, que minhas perspectivas em relação ao futuro continuaram não sendo das melhores porque eu não tinha nenhuma idéia de meu futuro. Além disso, a dor não deixava meu corpo. Na maior parte do tempo, eu não tinha desejo de viver.

Por que eu havia sido trazido de volta de um céu tão perfeito para viver cheio de dores na Terra? Por maior que fosse o meu esforço, não conseguia voltar a tomar gosto pela vida terrena. Meu desejo era

o de voltar ao céu.

A dor se transformou em uma companheira constante desde o acidente, assim como acontece com muita gente, tenho certeza. É curioso ver como podemos aprender a viver sob essas condições. Mesmo agora, nas raras ocasiões em que acordo, depois de passar por uma boa noite de sono, percebo, de repente, que não sinto dor alguma. Só então lembro que vivo em dor contínua nas outras 23 horas e 55 minutos do dia.



Levei um tempo para perceber como minhas emoções foram profundamente afetadas por meu estado de saúde.

Eu orava e outras pessoas oravam comigo, mas uma sensação de desespero começou a tomar conta. "Será que tudo isso vale a pena?", eu questionava por várias vezes durante o dia.

Os médicos e as enfermeiras continuaram insistindo em me dar medicamentos para combater a depressão, mas eu os recusava. Não tenho certeza do motivo. Talvez fosse porque eu já tinha muita medicação circulando em meu corpo, por isso não queria tomar mais nada. Além disso, eu achava que mais remédios não ajudariam em nada.

Eu queria me ver livre de minha existência miserável e morrer. Obviamente, me sentia completamente incapaz de lidar com aquela reviravolta em minha vida. Hoje sei que eu era um típico caso de depressão.

Não demoraria para que todas as outras pessoas também percebessem isso.

O senhor gostaria de conversar com um psiquiatra? — perguntou meu médico.

Não — respondi.

Alguns dias depois, uma das enfermeiras quis saber:

— O senhor gostaria que eu ligasse para um terapeuta? Alguém com

quem o senhor pudesse conversar?

Minha resposta foi a mesma.

Por não querer conversar com ninguém, meu quarto começou a encher daquilo que chamo de "psiquiatras camuflados".

Posso ver que o senhor se envolveu em um acidente muito grave — disse um psiquiatra disfarçado, depois de ler o meu prontuário médico, tentando me fazer falar sobre o que eu estava sentindo.

Não quero falar sobre o acidente — reagi.

A verdade é que eu não conseguia. Como poderia explicar a alguém o que havia acontecido comigo durante os noventa minutos nos quais estive longe desta Terra? Que palavras seriam capazes de expressar o inexprimível? Eu não sabia como explicar que tinha ido ao céu — literalmente. Tinha certeza de que, se começasse a falar dessa maneira, o psiquiatra acharia que eu estava louco. Ele poderia pensar que havia alguma coisa terrivelmente errada acontecendo em minha mente, ou que eu estivesse sofrendo de alucinações, ou mesmo que eu precisava de medicamentos mais fortes para deixar de ver coisas. Como eu conseguiria colocar em palavras o fato de eu ter passado pela experiência mais maravilhosa e poderosa de minha vida? Como parecer racional quando eu comentasse que preferia estar morto? Eu sabia o que aconteceria se resolvesse conversar, mas eles não sabiam.

Eu não tinha a menor intenção de conversar com um psiquiatra (ou com qualquer outra pessoa) sobre o que havia acontecido comigo. Considerava aquela experiência como algo muito pessoal, intensa demais para ser compartilhada. Por mais chegados que eu e Eva sejamos, eu não poderia sequer dizer a ela o que havia acontecido. Não naquele momento.

Ir ao céu tinha sido uma oportunidade sagrada, muito especial. Eu acreditava que conversar sobre meus noventa minutos no céu poderia macular aqueles momentos tão preciosos. Nunca duvidei ou questionei a realidade de minha jornada no céu. Isso nunca foi motivo de incômodo para mim. Tudo o que aconteceu fora tão vivido e real que não haveria a menor possibilidade de eu negar aquela experiência. Não, o problema era que eu não desejava falar sobre aquela viagem poderosa com ninguém.

Isso não impediu os psiquiatras de irem ao meu quarto e tentar me ajudar. Depois de algumas tentativas, eles não me disseram que eram psiquiatras. E engraçado agora, mas os psiquiatras do hospital estavam determinados a me ajudar. Depois de me recusar a falar com eles, entravam furtivamente em meu quarto e ficavam me observando. Às vezes, chegavam quando uma enfermeira estava realizando algum procedimento. Em outras oportunidades, entravam e liam meu prontuário sem dizer nada, e eu presumia que a intenção deles fosse a de que eu começasse a conversar.

Geralmente, eles entravam e diziam algo do tipo: "Sou o Dr. Jones", e nada mais. O médico verificava meu pulso e perguntava: "Como está o seu estômago?" Ele analisava meu prontuário e fazia perguntas pertinentes. Vez por outra, se entregava quando fazia uma pergunta bem simples como esta:

Como você está se sentindo hoje?

Mais ou menos igual — eu respondia.

O que você realmente acha de tudo isso que está acontecendo?

Por mais que eles variassem a seqüência de perguntas, sempre perguntavam o que eu realmente estava achando.

O senhor é psiquiatra, não é? — eu perguntava.

Bem... hã... na verdade, sou, sim.

Está bem, o que o senhor quer saber? Quer saber se estou deprimido? A resposta é que estou muito deprimido. E não quero falar a respeito disso.

As conversas continuaram, mas apaguei a maioria delas de minha lembrança. Embora eu soubesse que o Dr. Jones e outros estavam tentando me ajudar, eu não acreditava na existência de nenhum tipo de esperança. En odiava aquela sensação de depressão, mas não sabia o que fazer a respeito.

Quanto mais tempo eu permanecia no leito, mais me convencia de que não havia um futuro para mim. O céu era perfeito — tão lindo e alegre. Eu desejava me livrar da dor e voltar para lá.

"Por que alguém preferiria ficar nesta Terra depois de passar pela experiência de ver como é o céu?", eu perguntava a Deus. "Por favor, por favor, me leve de volta."

Eu não morria, e também não conseguia superar minha depressão.

Eu não me recusava somente a conversar com os psiquiatras; não tinha nenhuma disposição de falar com ninguém a respeito de nada. Não queria ver as pessoas. Certamente me sentiria melhor se ninguém fosse me visitar — pelo menos, era isso que eu tentava dizer a mim mesmo.

Em minha depressão, só queria ficar sozinho para poder morrer sem ninguém por perto para tentar me ressuscitar.

Da mesma forma, meu orgulho profissional e ministerial fazia com que eu não quisesse ser visto naquele estado por ninguém. Não me refiro apenas aos problemas físicos; eu não queria que as pessoas soubessem como meu estado emocional era ruim.

Quando elas entravam no quarto para me ver, é claro, as palavras e os olhares me faziam sentir como se estivessem dizendo: "Você é a coisa mais digna de pena que já vi em minha vida." Acho que eu era mesmo.

Assim, a depressão continuava. Foi necessário muito tempo até que Deus me proporcionasse outro milagre.

Eu era pai de três filhos, marido de uma mulher maravilhosa e, até o acidente, um homem com um futuro promissor. Tinha 38 anos quando aconteceu o acidente. Antes disso, estava em plena forma. Era um exemplo de boa saúde. Poucos dias depois do meu acidente, eu já sabia que nunca mais voltaria a ser aquele homem forte e saudável. Eu era uma pessoa sem esperança alguma na vida. Não podia fazer mais nada sozinho, nem mesmo levantar minha mão. Por dentro, temia me tornar um inútil para o resto da vida.

Como exemplo de minha sensação de inutilidade, durante os doze primeiros dias de minha internação, não houve nenhum movimento em meus intestinos. Sabendo que eu poderia ter algum problema de infecção, eles me fizeram uma lavagem intestinal, mas aquilo não me fez muito bem.

Digo que "não me fez muito bem" porque, apesar de eu produzir poucas fezes, a enfermeira e a assistente de enfermagem sorriam, cheias de alegria.

Certo dia, fiz um esforço e o resultado foi o mesmo, uma quantidade muito pequena. "Puxa, foi muito bom. Estamos contentes pelo senhor. Vamos esperar. Talvez ainda tenha mais para sair."

Em minha depressão, eu pensava: "Esta é a experiência mais digna de pena de minha vida. Sou como um bebê, e todo mundo fica entusiasmado só com uma leve atividade de meus intestinos."

Não consigo me lembrar do que eu disse à assistente de enfermaria, mas tenho certeza de que não foi nada muito agradável. Ela saiu do quarto. Foi um daqueles raros momentos nos quais ninguém estava me visitando. Eu estava completamente sozinho e muito feliz pela paz e quietude.

Alguns minutos depois de a enfermeira sair, a lavagem fez efeito. Foi uma explosão, a maior atividade intestinal que já ocorreu em toda a minha vida. O cheiro era tão ruim que me abafava.

Em pânico, corri meus dedos pelo lençol até achar a campainha. Segundos depois, a jovem assistente de enfermagem entrou correndo no quarto.

— Sinto muito mesmo. Eu não queria fazer isso — eu disse. —Vou ajudar você a limpar essa sujeira.

As palavras haviam acabado de deixar minha boca quando percebi que não tinha condições de ajudar a moça. Eu me senti terrivelmente mal, um inútil, um sujeito asqueroso. Comecei a chorar.

— Não, não, nada disso. Não se preocupe com nada. Estamos muito felizes por isso ter acontecido. É um bom sinal, pois significa que o seu organismo está voltando a funcionar outra vez.

Humilhado, só me restava ficar ali, deitado, assistindo enquanto a jovem assistente trocava as roupas de cama. A limpeza deve ter levado, no mínimo, uma hora; o cheiro ruim levou o dobro de tempo para desaparecer.

Eu não conseguia me livrar de tamanho constrangimento, embora minha mente tentasse me dizer o contrário. Eu mal havia me alimentado durante doze dias, e o que aconteceu foi uma conquista. No entanto, eu só conseguia pensar nisso como um dos eventos mais constrangedores de toda a minha vida.

Por mais terrível que tenha sido aquela experiência, outras ainda mais constrangedoras se seguiram. Precisei usar um patinho.[1] Não era capaz de fazer a minha higiene. Não me barbeava sozinho. Não conseguia sequer lavar a cabeça. Tiveram de providenciar aparelhos especiais para deitar minha cabeça e derramar água sobre meus cabelos. A água era drenada por um tubo que a levava a uma lata de lixo.

Em outro ato de incrível boa vontade, Carol Benefield, minha cabeleireira havia muitos anos, foi várias vezes ao quarto do hospital durante o período em que estive confinado ao leito para aparar meu cabelo. Ela fazia viagens de quase cem quilômetros para chegar ao hospital, e mesmo assim não

aceitava nem um tostão de pagamento.

Os amigos, a família e a equipe médica encontraram várias maneiras de providenciar tudo o que era necessário para suprir minhas necessidades físicas, mas eu só conseguia me imaginar como um sujeito completa e terminantemente inútil. Meu braço direito, o que não havia sofrido nenhuma fratura, recebeu tantas intravenosas que colocaram uma tala de madeira para que eu não o dobrasse.

Eu tinha agulhas de intravenosas em todas as partes do corpo. Eles abriram meu peito e a parte de cima de meus pés. Colocaram um grande tubo que ia diretamente ao meu coração através de meu peito. Muitas de minhas veias pararam de funcionar. Eu era uma pessoa tão incapacitada que tinham de me erguer da cama com correntes para mudar a roupa de cama ou fazer qualquer outra coisa que exigisse a movimentação de meu corpo.

Eu estava perdendo peso em um ritmo alarmante, o que assustava os médicos. Eu simplesmente não conseguia comer nada. Estava atrofiando. Durante os primeiros quatro meses que fiquei internado, perdi mais de 25 quilos. Antes do acidente, eu pesava 95 quilos, mas esse peso caiu para menos de setenta. A única forma de me pesar era me colocando em uma balança de alças, como se eu fosse um bebê. Eles tentavam me convencer a comer usando meus pratos favoritos como forma de tentação, mas nada me abria o apetite. Bastava o cheiro de comida para me enjoar. Não tinha apetite nenhum. Tentei comer, tentei mesmo, mas não conseguia passar de meia dúzia de garfadas.

Achei que minha depressão era o motivo de eu não comer, embora eu não saiba, de fato, se essa foi mesmo a causa. Só sei que, quando tentava, não conseguia me forçar a mastigar coisa alguma. Não queria sequer engolir.

Eles me conectaram a uma bomba de morfina que chamavam "PC". Toda vez que a dor piorava, eu acionava um botão para receber uma aplicação automática. No início, tentei resistir ao uso de muitos analgésicos, mas o médico me repreendeu por isso. Ele disse que meu corpo estava tensionado por causa das dores, e isso provocava atrasos em meu processo de cura.

A noite, eles me davam medicação extra para tentar me fazer dormir. Eu usei o termo "tentar" porque o medicamento adicional não funcionava. Nada que eles fizessem me ajudava a dormir, fossem pílulas, injeções ou doses extras de morfina. Não havia maneira de eu me sentir confortável; não conseguia sentir alívio suficiente da dor a ponto de relaxar.

Tentei explicar a situação da seguinte maneira:

Imagine-se deitado na cama, cheio de hastes atravessando os braços, fios por dentro das pernas e das costas. Não dá para mudar de posição. Na verdade, mover o ombro alguns centímetros já é impossível, a não ser que você estique o braço e se agarre em uma armação parecida com uma barra de trapézio que fica pendurada em cima do leito. Até mesmo o esforço para se mexer uma fração de centímetro espalha pontadas de dor por todo o seu corpo. Você está completamente imobilizado.

Por causa das feridas que começaram a se abrir em minhas costas devido à longa permanência na mesma posição, o hospital finalmente providenciou uma cama d'água especial que se mexia o tempo todo. Isso resolveu o problema das escaras.

A única hora em que eu saía do quarto era quando eles me levavam em uma maça com rodas até a

máquina de raios X, o que sempre era uma aventura. Por causa de todas as partes de metal e dos equipamentos aos quais eu estava ligado, eles tinham dificuldade para descobrir uma maneira de me radiografar. Três ou quatro homens usavam roupas de chumbo na sala de raios X e seguravam as lentes e as chapas por trás de meus membros engaiolados em aço. Nenhuma máquina de raios X foi projetada para radiografar esse tipo de coisa.

Isso também significava que, em determinados dias, eu passava duas ou três horas na sala de raios X enquanto os técnicos tentavam imaginar como fazer uma chapa que os médicos pudessem ver para constatar se os ossos estavam se unindo. Não havia precedentes para casos como o meu.

Quando alguém chegava para me levar à sala de raios X, sempre dizia: "Vamos dar uma voltinha até o fim do corredor." Era tudo o que precisavam dizer, pois eu sabia o que aquilo significava. Para me distrair enquanto a maça atravessava os longos corredores, eu brincava de "ligue os pontos" com as placas do acabamento do teto. Comecei a fazer isso no dia em que voltei da primeira cirurgia. Provavelmente, eu estava tendo alucinações, mas lembro-me de que a UTI era novinha, e eu era o único paciente.

Quando entraram comigo, eu estava gemendo sem parar. Foi então que vi as placas no teto, e, quando olhei aquilo, parecia que estavam se movendo juntas e formando algum tipo de padrão que eu não conseguia identificar. Em minha mente, comecei a criar imagens e desenhos a partir daquelas placas. Ao fazer isso, também ficava pensando: "Estou ficando completamente louco." Mesmo assim, fazia. Com o tempo, ligar os pontos se transformou em uma forma de distração que me permitia concentrar a atenção, mesmo que por poucos momentos, em qualquer coisa além da minha dor.

O pior tormento diário era quando uma enfermeira limpava os orifícios das hastes por onde entravam os fios. Todas as enfermeiras que me trataram no andar da ortopedia, no 21º andar do Hospital St. Luke's, precisavam receber treinamento para aprender como limpar os orifícios. Como a idéia era evitar que a pele aderisse ao fio, elas tinham de cortar a pele quando ela colava por si — como aconteceu algumas vezes. Em seguida, a enfermeira injetava água oxigenada em cada orifício para evitar infecções. Eu não conseguia pensar em nada mais difícil de suportar do que aquilo, e tinha de passar por aquele procedimento todos os dias.

E não era tudo. Quatro vezes por dia, a cada seis horas, os enfermeiros torciam os parafusos dos aparelhos com uma chave Allen[2]. A idéia era que esse procedimento alongaria os pontos terminais dos ossos dentro da perna e, com o tempo, faria com que o osso que estava crescendo substituísse a parte que faltava. A dor da torção do parafuso doía mais do que se pode descrever, embora dada volta fosse muito suave, menos do que metade de um milímetro. Não importava se era noite ou dia, a cada seis horas, alguém entrava em meu quarto para torcer os parafusos.

Na condição de pastor, eu já havia visitado muitos quartos de hospital, incluindo passagens por unidades de tratamento intensivo. Tinha visto a agonia em muitos rostos, e costumava sofrer com as pessoas como forma de demonstrar solidariedade. Mesmo assim, eu não conseguia imaginar nada que pudesse ser mais dolorido. E aquele sacrifício era diário.

Talvez a pior parte para mim fosse o fato de nunca conseguir dormir. Por onze meses e meio, eu nunca dormi de fato —- só desfalecia. Mesmo recebendo grandes doses de morfina, eu nunca me livrava da dor. Quando decidiam que minha hora de dormir havia chegado, uma enfermeira me dava

três ou quatro injeções de morfina ou algum outro medicamento para fazer adormecer. Eu ficava deitado na cama, e por mais que tentasse me convencer de que deveria relaxar, não conseguia. Brigava contra a dor e então, aparentemente, desmaiava. Meu momento de consciência seguinte era um acesso de dor intensa. Não sentia nada além disso nos intervalos.

Com o tempo meus familiares e até a equipe do hospital passaram a me deixar sozinho, pois sabiam que eu não tinha uma noção de tempo adequada. Eu não sabia que horas eram, e também não conseguia relaxar porque vivia sob tensão. Se fizesse o menor esforço para me mexer, um fio cravado em minha carne poderia rasgar minha pele. Eu poderia até me mexer, mas os fios não acompanhariam o movimento. Mesmo com o menor dos movimentos, uma dor excruciante se espalhava pelo meu corpo inteiro.

Depois de um tempo, aprendi a viver de acordo com essa situação, mas nunca me acostumei com ela.



A primeira pessoa que conheci (nunca nos vimos pessoalmente) e que usava o aparelho de Ilizarov segundo o seu propósito original foi Christy. O método Ilizarov foi criado para alongar os ossos das pessoas que nascem com deficiências congênitas. No entanto, o aparelho não podia ser utilizado enquanto os ossos não parassem de crescer. Especialmente durante a adolescência, os ossos crescem em um ritmo muito acelerado, por isso os médicos devem escolher com muito cuidado o tempo certo para usar o método.

Christy, uma jovem adolescente, estava no quarto ao lado do meu. Tinha nascido com uma perna mais curta do que a outra. Como seus ossos já haviam chegado ao ponto de maturidade, ela escolheu a cirurgia para implantar o aparelho de Ilizarov para que seus ossos fossem alongados e, assim, as duas pernas ficassem do mesmo tamanho.

Como sua cirurgia era por escolha própria, Christy tinha alguma idéia da dor e do tempo necessário para se recuperar. Durante meses, ela passou por muitas sessões de aconselhamento, e a família daquela jovem sabia como cuidar das feridas. Eles também sabiam o tempo aproximado que levaria, bem como o compromisso que teriam de assumir para cuidar de Christy.

A diferença entre Christy e mim era que ela sabia com o que estava se envolvendo — pelo menos, até onde se pode saber. Eu acordei com o aparelho já implantado. Em meu estado de depressão, aquilo me fazia sentir ainda pior. Embora eu soubesse que eles tinham colocado o aparelho de Ilizarov em mim para salvar minha perna, só conseguia ver nele a principal fonte de minha agonia.

Outro problema surgiu, embora menos grave. Ainda que nossos casos fossem tratados por médicos diferentes, Christy e eu éramos cuidados pela mesma equipe que apertava os parafusos de nossos aparelhos. Às vezes, as ferramentas eram perdidas e ninguém conseguia encontrá-las em meu quarto, por isso corriam ao da jovem para pegar as dela. Ou então, chegavam para pegar as minhas

emprestadas. Felizmente, para ambos, nossos fixadores podiam ser trocados, e era possível pegar as ferramentas de determinado quarto para ajustar os parafusos em outro.

Foi assim que fiquei sabendo a respeito de Christy: o empréstimo de ferramentas. Nunca nos vimos pessoalmente, mas conhecíamos o médico um do outro. De alguma forma, isso (além do problema em comum) criou uma ligação entre nós.

Christy e eu compartilhávamos outra coisa: a dor. Por várias vezes, eu a ouvi chorar. Não estou falando em choro contido. Refiro-me a um acesso de choro, ou mesmo a gritos. Às vezes, apenas alguns gemidos. Ela provavelmente também ouvia sons similares em meu quarto. Eu não tinha tanta propensão ao choro, pois não faz parte da minha personalidade. Uma das enfermeiras sugeriu que seria melhor eu me soltar e gritar. Embora ela pudesse ter razão, eu nunca o fiz — pelo menos, não conscientemente.

Quando eu estava no controle de minhas faculdades, nunca chorei. Ouvi falar de outras pessoas que gritavam de dor, e esses gritos me perturbavam muito. Da mesma forma, aprendi a guardar minhas dores c emoções para mim. Acreditava, na época, que lamentos, choros v gritos não faziam bem. Nas únicas vezes em que gritei, eu estava inconsciente ou fortemente medicado. Fiquei sabendo desses acessos porque outras pessoas me contaram.

Embora Christy c eu nunca tenhamos nos conhecido durante os doze meses em que vivemos em quartos vizinhos, nos correspondíamos por meio de cartas, e as enfermeiras se dispunham a entregar as mensagens.

Tentei incentivar Christy. Ela me contou sua história, e demonstrou muita solidariedade em relação ao meu acidente. Ela também era cristã. Nas correspondências falávamos sobre isso.

Nos meus momentos mais difíceis de autocomiseração, eu pensava que, quando todas as dores cessassem, Christy seria uma jovem normal; eu nunca mais conseguiria ser uma pessoa normal. Ela poderia brincar, correr e fazer todas as coisas que adolescentes normais fazem. Já naquela época, eu sabia que nunca mais voltaria a correr.

Passei por muitos, muitos momentos de autocomiseração, nos quais me convencia de que ela estava sofrendo aquelas dores por opção, enquanto, para mim, tudo chegou sem aviso e sem oferecer alternativas. Ela sabia, de antemão, em que estava se metendo; eu não tinha a menor idéia. Ela estava fazendo algo que influenciaria positivamente o resto de sua vida; eu estava apenas tentando salvar a minha. Sim, a autocomiseração tomou conta de minha mente por várias vezes.

No entanto, eu sempre voltava ao mesmo ponto: Deus escolhera manter a minha vida. Mesmo nos piores momentos de depressão e autocomiseração pelos quais passei, nunca me esqueci disso.

Christy e eu compartilhávamos o mesmo tipo de dor. Também tínhamos a mesma fé. Essa fé nos lembrava de que nosso Deus amoroso estava conosco nos mais terríveis momentos de sofrimento. Só o fato de Christy estar no quarto vizinho já me servia de consolo, pois eu pensava: "Não sou o único. Há mais alguém que entende como estou me sentindo."

Foi quando comecei a me imaginar como integrante de uma fraternidade exclusiva. Nos anos posteriores à minha alta, conheci outros membros dessa irmandade pequena mas persistente. Por

saber o que era o sofrimento, podia compreender a dor dessas pessoas, assim como Christy havia compreendido a minha e eu entendia a dela.

Mais do que suportar o sofrimento, com o tempo me tornei capaz de fazer algo que os médicos diziam que eu nunca mais faria: aprendi a andar de novo. Posso ficar de pé, colocar um pé na frente do outro e me mover.

Eles me alertavam que, por causa do joelho quebrado de minha perna direita e da perda do fêmur na esquerda (mesmo tendo um osso substituto, devidamente alongado), eu não conseguiria mais andar. Se o fizesse, teria de usar muletas pesadas. Por mais de uma vez, cheguei perto de perder a perna esquerda, mas, de alguma maneira, Deus me ajudou em todos os momentos de crise.

A fisioterapia do braço começou cerca de quatro meses depois da operação inicial. A das pernas, duas semanas depois.

Mais ou menos na mesma época, eles me colocaram em algo a que eu me referia como uma "cama de Frankenstein". Eles me prendiam com tiras a uma prancha grande e viravam a cama de modo que meus pés tocassem no chão. Eu ficava na posição vertical, embora ainda preso à cama. Dois fisioterapeutas colocavam um cinto largo em volta de minha cintura e caminhavam comigo, um de cada lado. Minhas pernas haviam atrofiado e ficado muito fracas, por isso eles me ajudaram a dar os primeiros passos. Levou dias antes de eu aprender a ficar de pé novamente, colocando o peso do corpo sobre as minhas pernas. Meu senso de equilíbrio havia mudado porque me acostumara à posição horizontal. Eu ficava muito enjoado a cada vez que me colocavam na vertical. Dias se passaram até eu voltar a me acostumar com aquela posição e dar meu primeiro passo.

Só consegui aprendei a andar mesmo depois de receber alta do hospital. Um fisioterapeuta me ajudava todos os dias. Depois de seis meses, aprendi a andar mais do que alguns passos por conta própria.

Meu médico removeu o aparelho de Ilizarov onze meses e meio depois do acidente. Depois disso, passei a usar um andador e, em seguida, uma bengala. Eu não conseguia caminhar sem muletas e uma bengala até durante um ano e meio depois do acidente.

Meu acidente ocorreu em janeiro de 1989. A parte externa do equipamento de metal do fixador do braço foi retirada em maio, mas foram implantadas placas de metal em ambos os ossos do antebraço. Essas placas de metal permaneceram ali por muitos meses.

No fim de novembro, eles removeram o fixador de minha perna, mas ainda não era o fim. Depois disso, continuei usando um suporte por muito tempo, e implantaram uma placa em minha perna. Essa placa só foi tirada nove anos depois. Eu me contentava em mantê-la ali, mas disseram que teria de ser retirada. Meu médico explicou que eu não era mais jovem, por isso, os ossos poderiam se tornar frágeis em virtude da presença da placa de metal, que garantia a firmeza. Como fiquei sabendo

depois, nossos ossos ficam fortes, e assim permanecem, apenas graças à tensão a que são submetidos e ao uso.

Durante os anos nos quais usei o fixador e, posteriormente, as placas de metal, toda vez que eu precisava viajar de avião, eu evitava os detectores de metal de Ohio até a Califórnia. Em vez de passar pelos detectores de metal comuns, eu dizia ao pessoal da segurança: "Tenho mais aço inoxidável implantado em mim do que no faqueiro completo que você tem em casa." Eles passavam o detector manual e diziam: 'Tem mesmo, certamente." Meus filhos ficavam orgulhosos de se referir a mim como o "pastor Robocop", em uma alusão ao personagem do filme: depois de um incidente terrível, os médicos usam alta tecnologia e partes de metal para restaurar o policial e habilitá-lo para combater o crime.

Independentemente da rudeza de todos aqueles fios, hastes e placas, eles funcionaram bem. As pessoas ficavam surpresas ao vê-los cravados em minha carne. Agora elas ficam impressionadas com a mobilidade que readquiri. No entanto, sob essa fina camada de normalidade, ainda continuo passando por esse processo, sempre me ajustando.

---

[1] Pequeno urinol usado por pessoas acamadas. (N.T.)

[2] Ferramenta em "L" com formato hexagonal na ponta. (N.T.)

Capítulo 9

Ajustes sem fim

O amigo ama em todos os momentos;

é um irmão na adversidade.

Provérbios 17:17

É impressionante analisar a diferença entre as reações das pessoas depois do acidente. Muitos amigos e membros da igreja South Park me viram durante aqueles primeiros cinco dias depois de meu acidente. Várias dessas mesmas pessoas me viram depois da vigília de oração que David Gentiles organizou. Enquanto assistiam a cada pequena etapa de minha recuperação, elas regozijavam. Eu achava muito lento tudo o que era relacionado ao meu processo de recuperação. Por isso, vivia em constante depressão. Depois da UTI, fiquei no hospital 105 dias, na primeira internação. Suponho que a depressão derrubaria qualquer pessoa que ficasse confinada por tanto tempo.

Durante os meses de minha recuperação, a igreja trabalhou duro para me fazer sentir uma pessoa útil. Eles levavam grupos de crianças ao hospital para me ver. Às vezes, alguns comitês marcavam reuniões em meu quarto de hospital — como se eu pudesse tomar qualquer decisão estando ali. Eles sabiam que eu não poderia falar ou fazer muita coisa, mas era uma maneira de me incentivar e dizer que estavam do meu lado. Fizeram tudo o que puderam para me fazer sentir digno e útil.

No entanto, na maior parte do tempo, eu estava deprimido e morrendo de pena de mim mesmo. Ansiava voltar para o céu.



Além da depressão, eu tinha outro problema: não queria que ninguém fizesse nada por mim. Eu sou assim mesmo.

Certo dia, Jay B. Perkins, um pastor aposentado, foi me visitar. Ele havia trabalhado como pastor de muitas igrejas ao sul do Texas antes da aposentadoria, e tornou-se uma poderosa figura paterna para mim, em termos de ministério. South Park o contratou como pastor interino enquanto estive incapacitado para exercer a função.

Jay me visitava com freqüência. Isso significava dirigir mais de 65 quilômetros de ida e outro tanto

de volta. Ele ia me ver sempre, duas ou três vezes na mesma semana. Eu não era a melhor companhia possível, mas, de qualquer maneira, sorria. Eu ficava na cama, com pena de mim por causa da situação. Ele falava coisas agradáveis, sempre tentando encontrar palavras de encorajamento, mas nada que ele dizia ajudava embora não fosse culpa dele. Ninguém seria capaz de me ajudar. Eu não me limitava a ficar em depressão; como descobri depois, eu deprimia as outras pessoas também.

As pessoas que me visitavam tentavam ajudar, e muitas queriam fazer tudo o que pudessem por mim.

Posso comprar uma revista para você ler? — alguém perguntava.

Quer tomar um milk-shake? Tem um McDonald 's na entrada do hospital. Também posso comprar um hambúrguer ou outra coisa...

Você gostaria que eu lesse a Bíblia? Ou talvez outro livro...

Há alguma tarefa da qual eu possa cuidar para você? Minha resposta era sempre a mesma:

Não, obrigado.

Não acredito que eu fizesse isso por maldade, mas eu não demonstrava nenhum sinal de companheirismo nem cooperava muito, embora não tivesse noção de como estava tratando mal as pessoas. Eu não queria ver ninguém; não queria conversar com ninguém; só queria que minha dor fosse embora e meu aspecto ruim desaparecesse. Se eu tinha de continuar vivendo nesta Terra, então queria ficar bom e voltar a viver como antes.

Por me visitar com freqüência, Jay percebeu como eu estava me isolando em relação aos amigos e à família. Um dia, ele estava sentado ao meu lado quando um dos diáconos da South Park chegou para me fazer uma visita. Depois de dez minutos, o homem levantou e disse:

— Eu só queria dar uma passada e ver se você estava precisando de alguma coisa.

Em seguida, ele fez a pergunta inevitável:

Há alguma coisa que eu possa fazer por você antes de ir embora?

Obrigado, não há necessidade — respondi. —Agradeço, mas...

E alguma coisa para comer? Posso trazer? Se quiser, desço e compro...

Não, de verdade. Obrigado por vir.

Ele se despediu e foi embora.

Jay continuou sentado em silêncio, olhando pela janela por bastante tempo depois que o diácono foi embora. Por fim, ele deu a volta na cama, aproximou-se de meu rosto e disse:

Você precisa mudar o seu comportamento.

O que disse, senhor? — perguntei, como qualquer um trata com

respeito um pastor de oitenta anos de idade.

Você precisa mudar seu comportamento — ele repetiu. —Você não está fazendo bem esse papel.

Não estou entendendo o que...

Além disso — Jay prosseguiu, aproximando-se tanto que eu não conseguia olhar para outro lado —, você é um grande hipócrita.

Não sei do que você está falando.

Essas pessoas se importam muito com você. Não tem idéia de como elas o amam.

Eu sei que elas me amam.

Sabe mesmo? Bem, se a sua intenção é demonstrar que sabe, então não está fazendo um bom trabalho. Você não as está tratando direito. Elas não podem curar você, mas se pudessem, já o teriam feito. Se pudessem trocar de lugar, muitos deles trocariam. Se você pedir a essas pessoas para fazer qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, elas fariam sem hesitar.

Eu sei disso...

Mas você não permite que elas façam nada.

Eu não quero que elas façam nada.

Sem me conter, eu disse tão alto quanto pude:

A verdade é que eu nem queria que elas viessem me visitar. Preferia que nem aparecessem por aqui. Sei que isso é um inconveniente para elas. Certamente, todas têm coisas mais importantes para fazer. Por que eu desejaria que as pessoas me visitassem e vissem no meu estado atual? Eu estou um horror. Patético.

Quem decide isso não é você.

Olhei para ele, chocado com aquelas palavras.

—Você passou a melhor parte de sua vida tentando ministrar sobre a vida das outras pessoas, satisfazer as necessidades delas, ajudá-las nos momentos de dificuldade e tragédia e....

Eu... eu tentei...

E agora está fazendo um péssimo trabalho na hora de permitir que toda essa gente retribua.

Nunca esquecerei o que ele falou em seguida:

— Don, isso é tudo o que as pessoas podem oferecer, e você está

impedindo que elas exercitem esse dom.

Eu não estava pronto para me render àquela argumentação, por isso protestei e tentei me explicar. Jay me interrompeu novamente:

—Você não está permitindo que as pessoas ministrem sobre a sua vida. E só isso que elas desejam fazer. Por que você não consegue entender?

De fato, eu não percebi a força das palavras de Jay, mas respondi:

Eu aprecio o que elas fazem e sei que desejam me ajudar. Acho isso muito bom e tudo o mais, só que...

Só que nada! Você está privando-as de uma oportunidade de expressar o amor que sentem.

As palavras de Jay me chocaram. Com aquele raciocínio eu estava tentando não dar trabalho ou criar algum tipo de problema. Na mesma hora o que ele disse penetrou em minha consciência. Na realidade, eu estava sendo egoísta. Também havia ali um elemento de orgulho, o qual eu ainda não conseguia admitir. Eu sabia como ser generoso em relação aos outros, mas o orgulho não me permitiria receber a generosidade das pessoas.

Jay não aliviou comigo. Afinal de contas, eu era uma platéia absolutamente cativa. Ele insistiu comigo até me obrigar a ver como eu havia me distanciado de todas as pessoas. Mesmo assim, eu ainda arranjava mais desculpas, mas Jay conseguiu me vencer pelo cansaço.

Quero que você permita a essas pessoas ajudá-lo. Está ouvindo bem o que estou falando? Você vai deixar que as pessoas o ajudem!

Não posso... eu simplesmente não posso...

Tudo bem, Don, se não consegue fazer isso por você mesmo, então faça por mim — ele disse.

Jay sabia que eu seria capaz de fazer qualquer coisa por ele, por isso concordei.

Da próxima vez que alguém entrar aqui e se oferecer para fazer alguma coisa, qualquer coisa mesmo, quero que você diga "sim". Pode ser que você não consiga fazer isso com todo mundo, mas pode começar com uma ou duas pessoas. Permita que algumas delas expressem seu amor ajudando você de alguma maneira. Prometa-me que fará isso.

Não tenho muita certeza de que conseguirei — comentei.

Sim, é claro que conseguirá.

Vou tentar, mas eu não sou assim.

Então, passe a ser — ele disse, e seu olhar era penetrante. — Faça isso!

Hoje em dia, fico impressionado quando penso na paciência que Jay teve comigo. A voz daquele homem ficou mais branda, e então ele disse:

— Tente, nem que seja por mim, está bem? Você precisa melhorar nisso. Neste momento, não está se saindo bem. Essa é uma das lições que Deus deseja ensinar. Você ainda vai sentir dores durante muito tempo. E esse tempo de dores será ainda maior, se continuar recusando a ajuda dos outros.

—Tudo bem — eu disse, incapaz de resistir por mais tempo.

Eu fiz a promessa. Achava que ele não iria embora enquanto eu não a fizesse.

Minha primeira reação foi de irritação, talvez mesmo de raiva. Pensei que ele tinha passado da conta, mas não falei isso. Depois que ele se foi, fiquei pensando nas coisas que Jay havia falado. Depois de vencer a raiva, o orgulho e o egoísmo, percebi que ele dissera a verdade — uma verdade que eu precisava mesmo ouvir.

Dois dias se passaram, e eu ainda não conseguia fazer o que ele pedira.

No terceiro dia, um membro da igreja entrou de repente em meu quarto, me cumprimentou e passou mais ou menos cinco minutos ao meu lado antes de se levantar para ir embora.

— Eu só quis dar uma passadinha para dar uma olhada e ver como o senhor estava — ele comentou. —Você está com uma boa aparência.

Eu sorri. Meu estado era lastimável, mas não quis discutir. Ele ficou de pé e se preparou para ir embora.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você antes de ir embora?

Eu já estava com as palavras "não, obrigado" na ponta da língua quando a imagem de Jay surgiu em minha mente.

Bem, acho que gostaria de ler uma revista.

Ah, você quer ler uma revista? — ele disse, abrindo o maior sorriso que cabia em seu rosto. — Quer mesmo?

— Acho que sim. Faz tempo que não leio nenhuma... —Volto em um instante!

Antes que eu pudesse dizer que tipo de revista preferia, ele já havia saído pela porta tão rápido que mal dava para ver. Era preciso descer 21 andares, mas parecia que ele tinha levado menos de um minuto para cobrir aquela distância. Quando voltou, trazia tantas revistas que mal cabiam em seus braços. Ainda sorria quando me mostrou as capas de todas elas.

Eu agradeci:

—Vou ler as revistas um pouco mais tarde.

Ele as colocou sobre a mesa, sorriu e perguntou:

Há mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

Não, está ótimo. Só preciso disso mesmo. Obrigado.

Quando abri a porta para permitir a alguém me fazer alguma gentileza, percebi que não era tão ruim assim, afinal de contas. Depois que ele se foi, comecei a folhear as revistas. Eu não estava lendo de fato, pois continuei pensando no que havia acabado de acontecer.

Jay tinha razão. Eu privava as pessoas da oportunidade de expressar seu amor e sua preocupação.

Cerca de quarenta minutos depois, uma mulher do grupo de solteiros chegou para me ver, e passamos ao ritual do bate-papo.

Como o senhor está? — ela perguntou.

Estou bem — respondi.

Bem, posso trazer alguma coisa para você?

Não, eu... eu...

Mais uma vez, as palavras de Jay apareceram de repente em minha cabeça.

Bem, talvez um milk-shake de morango.

Um milk-shake de morango? Trago para o senhor com a maior satisfação.

Não me lembro de tê-la visto sorrindo com tanto gosto antes.

Mais alguma coisa? Que tal algumas batatas fritas? — ela quis saber.

Não, não.

Ela saiu correndo pela porta e voltou com o milk-shake de morango.

Ah, pastor, espero que o senhor goste deste.

Vou gostar, sim — respondi. — Na verdade, eu adoro milk-shake de morango.

Mais tarde, fiquei imaginando os membros da congregação do lado de fora de meu quarto, comparando suas realizações.

Ele me pediu para comprar um milk-shake de morango.

Sim, e também me deixou ajudá-lo com uma tarefa pendente.

Só então percebi como havia deixado de entender bem o que estava acontecendo. Eu tinha errado feio com eles e comigo. Na tentativa de demonstrar que era forte, eu havia privado aquelas pessoas das oportunidades que tinham de me ajudar. Fiquei me remoendo de culpa, pois finalmente conseguia ver o dom que elas queriam colocar à minha disposição.

Fiquei muito envergonhado e comecei a chorar. "Esse é o ministério dessas pessoas", pensei, "e eu tenho estragado tudo até agora." Senti muita vergonha por não tê-las deixado me ajudar antes. Quando finalmente abri meu coração, testemunhei uma mudança radical na expressão facial e no movimento das pessoas. Elas estavam adorando. O que todas queriam o tempo todo era uma chance de fazer alguma coisa, e eu finalmente estava lhes proporcionando essa oportunidade.

"Você precisa mudar seu comportamento." Durante muitas horas que se seguiram, essas palavras de repreensão amorosa da parte de Jay continuaram em minha mente. Chorei muito. Eu não tinha uma boa noção do tempo, mas minha impressão foi a de que várias horas se passaram até eu me sentir perdoado por Deus. Tinha aprendido uma grande lição.

Apesar de meu estado, pouca gente seria capaz de fazer o que Jay fez. Aquela experiência mudou a minha atitude. Mesmo hoje, depois de muitos anos, ainda luto com essa mania de não permitir que as pessoas me ajudem, mas, pelo menos, a porta agora fica parcialmente aberta, em vez de permanecer trancada.

Às vezes, quando estou emocionalmente abalado ou fisicamente debilitado, tenho a tendência de dispensar a ajuda das pessoas ou afirmar que não preciso de nada. No entanto, quando consigo abrir o coração e permitir que os outros exercitem seus dons para me ajudar, isso faz uma enorme diferença. O rosto delas se ilumina como se estivessem perguntando: "Vai mesmo permitir que eu faça isso por você?"

Eu considerava minha recusa como uma forma de não dar trabalho; eles viram minha mudança como uma maneira de lhes proporcionar uma oportunidade de ajudar.

Serei eternamente grato por aquela lição que aprendi: a de deixar que as pessoas supram minhas necessidades. Também sou grato porque essa lição foi aprendida em um leito de hospital, quando eu estava desamparado.



Alguém me trouxe uma placa quando eu ainda estava no hospital. A princípio, pensei se tratar de algum tipo de brincadeira, pois ela trazia inscritas as palavras do Salmo 46:10: "Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus!" Talvez a intenção fosse a de me consolar. Não tenho certeza, mas acho que quem me deu aquela placa (e não me lembro quem foi) não tinha a noção de que eu não podia fazer nada além de parar.

Mesmo assim, a placa trazia a mensagem de que eu precisava; só levei muito tempo para compreender.

Passaram-se semanas antes de eu perceber que parte do que eu precisava fazer era aquietar-me (por dentro) e confiar: Deus sabia o que estava fazendo por meio de tudo aquilo. Sim, para mim era um versículo, embora não fosse algo que eu escolhesse.

Deus me obrigou a ficar quieto. Por natureza, não sou uma pessoa muito introspectiva, mas comecei a mudar cada vez mais; eu não tinha escolha. Não podia fazer muito mais além de sentir pena de mim. Quanto mais eu permanecia imóvel, mais abria meu coração para a quietude divina e para o silêncio interior.

Eva descobriu uma linda versão daquele mesmo versículo gravada em ouro e me deu de presente. Hoje em dia, a placa fica em meu escritório; vejo-a toda vez que estou na minha mesa e ergo os olhos.

Dia após dia, deitava na cama, incapaz de me mover. Fiquei deitado de costas por treze meses antes de poder virar de lado. Esse simples movimento foi suficiente para transformar aquele dia em um dos

melhores de meu processo de recuperação. "Ah, eu já havia me esquecido de como é gostoso deitar de lado", eu disse em voz alta.

Durante a longa recuperação, aprendi muito sobre mim mesmo, sobre minha atitude e sobre minha natureza. Não gostei de muitas coisas que vi em Don Piper. Em meio à inatividade, porém, a depressão persistia.

Comecei a me perguntar se aquela depressão um dia desapareceria.

Foi então que Deus providenciou outro milagre.

Capítulo 10

Mais milagres

Bendirei o Senhor o tempo todo! Os meus lábios
sempre o louvarão. Minha alma se gloriará no Senhor;
ouçam os oprimidos e se alegrem. Proclamem a grandeza
do Senhor comigo; juntos exaltemos o seu nome.
Busquei o Senhor, e ele me respondeu;
livrou-me de todos os meus temores.

Salmo 34:1-4

Às vezes, a depressão era tão forte que eu sentia dificuldade até para respirar. Eu me lembrava dos dias que passei na UTI, quando recebi tratamentos respiratórios porque meus pulmões haviam parado de funcionar direito. A diferença era que, agora, meus pulmões estavam ótimos. Só meu espírito é que não funcionava como deveria. Poucas coisas consomem tanto o espírito humano quanto a falta de esperança. Durante semanas e meses, ninguém era capaz de me dizer quando — e se — eu voltaria a ser uma pessoa normal. Por causa disso, entrei em um período de grande depressão.

Assim como meu corpo tão mutilado recebia os reparos, eu precisava de remendos espirituais. Comecei a pensar nisso da seguinte maneira: a palavra grega traduzida como "espírito" é pneuma. Ela também pode significar "vento" ou "fôlego". Essa palavra grega é a raiz do que chamamos "pneumonia". Da mesma maneira que eu precisava voltar a inflar os pulmões para vencer a pneumonia, necessitava também do fôlego de Deus para me ajudar a superar a depressão que tomara conta de meu espírito.

Não sei quando passei a perceber essa depressão. Nas primeiras semanas de meu processo de recuperação, eu sentia tantas dores físicas que não conseguia manter um pensamento na mente por mais de um ou dois segundos.

Também lutei contra um bocado de raiva que senti naquelas primeiras semanas. Eu não estava zangado com Deus, embora me sentisse constantemente intrigado com o motivo de Deus ter me enviado de volta à Terra e me fazer passar por uma agonia física tão intensa. No entanto, mesmo o fato de sofrer tanta dor não era o problema maior para mim. Desde o meu primeiro dia de internação, a dor sempre esteve presente. Assim como muitos outros aprendi a viver com ela. Minha luta era por que eu havia passado por uma experiência gloriosa e majestosa no céu só para depois voltar à Terra. Nos meus momentos de maior fraqueza, não entendia por que Deus me mandaria de volta à vida

terrena em condições tão ruins. Muita gente vive em dores, mas poucos — se tanto —já passaram pelo céu.

Em vez disso, minha raiva se concentrava primeiramente na equipe médica. Acredito que isso acontecia porque estava perto de mim o tempo todo. Bem no fundo, eu fervia por causa de uma espécie de fúria interior, talvez comigo mesmo, na mesma proporção da que nutria contra a equipe médica. Por que eu não estava me recuperando mais rápido? Eu culpava os médicos e a equipe de enfermagem pela lentidão de minha recuperação. Nos meus momentos de razão, sabia que eles estavam fazendo o melhor que podiam. Apesar de meu antagonismo e de minha irritação — os quais, tenho certeza, eles sentiam —, todos permaneceram comigo e incentivaram o tempo todo.

Eu não queria saber de incentivos; queria resultados. Desejava voltar a ser uma pessoa saudável. Por que minha vida não podia ser do jeito que era antes? Eu queria caminhar sozinho, e não tinha a menor intenção de depender dos outros o tempo todo.

A equipe médica nunca me ofereceu respostas definitivas, e isso provocava ondas de fúria dentro de mim. Quando penso no que aconteceu, tenho certeza de que eles me disseram tudo o que podiam, mas eu não era nada além de um caso fora do comum. Ninguém sabia dizer nada a respeito de meu futuro. Na verdade, durante muitas semanas, eles não tinham sequer a certeza de que eu sobreviveria, quanto mais a de que eu conseguiria me recuperar de maneira tão significativa.

Eu fiquei paranóico. Sabia que não estava sendo racional mesmo quando reclamava e exigia mais atenção ou medicação extra para aliviar a dor. Nada prestava para mim. O ritmo era lento demais. Eles me faziam esperar muito até atender meus chamados pela campainha. Ninguém queria responder às minhas perguntas.

Por quanto tempo ainda terei de usar o aparelho de Ilizarov? — eu perguntava a quase todos os membros da equipe médica que iam ao meu quarto.

Não sei — era a resposta mais comum.

Mas eu quero saber alguma coisa — eu insistia.

Por muito tempo, com toda a certeza — era a única outra resposta que uma enfermeira ou um médico tinham para me dar.

Certas vezes, eu simplesmente precisava de uma resposta, por isso insistia com o médico.

—Semanas, meses — ele respondia. — Não temos como dizer porque não sabemos mesmo. Se eu soubesse, diria ao senhor.

O bom senso me dizia que eles estavam fazendo o melhor que podiam; naqueles dias, porém, bom senso era exatamente o que me faltava. Em parte, era por causa da dor, e talvez as doses gigantescas de medicamentos tivessem me afetado também, mas eu não era um bom paciente. Em vez de ficar satisfeito, continuava me perguntando: "Por que eles não me dizem? O que será que sabem e estão escondendo de mim? Há coisas que eles não me contam, e tenho direito de saber o que está acontecendo?"

Durante muitas noites insones, eu ficava deitado na cama, convicto de que as enfermeiras estavam

conspirando contra mim. Nunca me ocorreu de pensar em um bom motivo para elas fazerem isso.

"Então, por que elas não me falam alguma coisa?", eu murmurava, deitado em meu leito. "O que elas poderiam fazer para tornar a minha dor ainda maior do que já é?"

A resposta era: "Nada." Eu suportei mais dor como resultado do processo de cura, e não do acidente em si. Por exemplo, quando eles colheram ossos do lado direito de minha cintura e colocaram no meu braço esquerdo, fizeram uma incisão de quinze centímetros de comprimento, e a fecharam com grampos de metal. Quando chegou o dia de tirarem os grampos, eles o puxaram de minha pele. Conforme puxavam um por um, eu tremia de dor e enrijecia o corpo para não ter de gritar com toda a força dos pulmões. Não consigo me lembrar de dor mais aguda. Houve algumas, é claro, mas eu me esqueci dos limites de tortura que meu corpo era capaz de suportar.

A pobre da enfermeira que estava extraindo os grampos parava a cada um que conseguia tirar. Seus olhos estavam cheios de tristeza, e eu sabia que ela tinha idéia da dor profunda que aquele procedimento me causava. Era uma mulher grande, e sempre me tratava da forma mais gentil que podia.

Sinto muito, reverendo — dizia, com ternura.

Eu sei — eu resmungava. —Você não tem como evitar.

Por alguns momentos, assumi meu papel de pastor para tentar consolá-la. Não queria que ela se sentisse mal pela tortura que aquele procedimento me impunha.

Reverendo, por que o senhor não encolhe o braço e grita?

Isso não ajudaria em nada.

Se fosse comigo, eu gritaria.

Sim, tenho certeza de que você gritaria eu dizia, em uma pífia demonstração de senso de humor. E acordaria todos os pacientes do hospital.

Eu simplesmente nunca gritaria deliberadamente. Talvez fosse por medo de perder o controle. Ou então, por achar que, caso eu gritasse, ela e as outras pessoas poderiam me considerar um fraco. Não tenho certeza das razões mesmo hoje em dia. Só sei que não conseguia gritar como os outros pacientes do andar em que eu estava. Todos os dias eu ouvia gritos de agonia dos pacientes internados nos outros quartos. Eu simplesmente não conseguia fazer a mesma coisa. Em vez disso, eu prendia a respiração e, às vezes, descarregava a dor em um suor gelado. Mas nunca gritava deliberadamente.

Embora soubesse que eu não era o mais fácil dos pacientes em termos de conduta ou de obediência às orientações médicas, as enfermeiras do andar da ortopedia me tratavam com carinho e muita compaixão. Eu aprendi a gostar muito delas, e admirava a dedicação com que trabalhavam. Acredito que elas tenham visto alguma coisa em mim também. Sei que a equipe de enfermagem sempre quebrava algumas regras quando apareciam pessoas para me ver e desejar melhoras, não importava a hora do dia ou da noite. Mas o momento mais sublime foi quando recebi alta de minha internação de 105 dias no Hospital St. Luke's.

Aparentemente, no dia de minha alta foram tomadas medidas para que as equipes de enfermagem de outros andares do hospital cobrissem a ausência das enfermeiras do andar onde eu estava, pois todas elas me acompanharam até o elevador e, em seguida, à ambulância que me esperava. Estar na companhia das enfermeiras que me alimentaram, medicaram, deram banho e fizeram tantas outras coisas por mim tornou minha volta para casa uma experiência maravilhosa. Era como se elas estivessem dizendo: "Fizemos o melhor que nos foi possível. Agora você só precisa melhorar e voltar para nos ver." Fico imaginando como deve ter sido diferente meu comportamento no dia de minha alta em relação ao dia em que dei entrada no hospital, entre a vida e a morte.



Apesar de minha resistência estúpida a demonstrações de emoção, antes de deixar o St. Luke's, aqueles meses de intensa dor finalmente derrubaram minha motivação. Eu me desmanchei em choro. Minha sensação era de indignidade, derrota e inutilidade. Eu estava convicto de que nunca melhoraria nem um pouco.

"Deus, Deus, por que tem de ser assim? Por que tenho de passar por essa dor constante, que parece nunca melhorar?" Mais uma vez, eu orava a Deus para que me levasse. Não queria mais saber de viver. Só desejava voltar para casa, e para mim, agora, "casa" significava "céu".

Orei daquela maneira durante muitos dias. Costumava dormir de exaustão. Quando acordava, um manto de desespero me cobria mais uma vez. Nada ajudava.

Pouco antes do acidente, eu havia encomendado muitas fitas cassete de músicas tradicionais cristãs originariamente gravadas durante os anos 1960 e 1970 por cantores e grupos como os Imperiais e David Meese. Eva trouxe as fitas para o hospital, assim como um aparelho para executá-las. Contudo, eu não tinha interesse algum em ouvi-las.

Em vez disso, eu ficava assistindo à TV. Certa vez, falei a um amigo: "Eu assisti a todos os episódios de Brady Bunch, pelo menos, oito vezes cada um, e sei de cor todos os diálogos."

Certa madrugada, entre as três e as cinco horas da manhã, não agüentando mais assistir às reprises dos filmes, decidi ouvir as fitas. Uma enfermeira chegou e me ajudou a colocar a primeira fita cassete em execução.

A primeira canção era gravada pelos Imperiais, e se chamava "Louve a Deus". A letra sugeria que, quando estamos enfrentando uma luta e nos consideramos incapazes de continuar, precisamos louvar a Deus. Por mais absurdo que o futuro parecesse às três da manhã em um quarto de hospital, eu continuava a ouvir qualquer coisa que ajudasse a livrar-me daquela profunda angústia que eu sentia. Havia uma passagem do verso seguinte sobre as cadeias que parecem nos prender sendo quebradas quando nos voltamos ao louvor. A música inteira falava a respeito do louvor a Deus, apesar de todas as circunstâncias.

No momento em que os Imperiais cantaram o segundo refrão sobre as cadeias, eu olhei para baixo e vi as minhas — quilos de aço inoxidável engaiolando meu braço e minha perna. Antes de meu acidente, tenho certeza de que eu ouvira e cantara aquela música centenas de vezes. Tinha até tocado. Naquele momento, as palavras da música se tornaram uma mensagem de Deus — um recado que vinha diretamente do alto.

Antes que eles terminassem de cantar a música, deitei ali e ouvi minha voz dizendo: "Louve a Deus!"

Logo depois que a música terminou, David Meese cantou We Are the Reason [Nós somos a razão]. Suas palavras me fizeram lembrar que nós, os seres humanos, somos a razão pela qual Jesus Cristo chorou, sofreu e morreu na cruz. Meese cantava sobre como finalmente descobrira o verdadeiro propósito da vida: entregar cada parte de seu ser a Cristo. Eu já conhecia aquela música, mas alguma coisa aconteceu durante as horas que antecederam aquele alvorecer. Eu não ouvia mais nada além da música: não ouvia os gemidos nos outros quartos nem os passos das enfermeiras no corredor. Senti-me totalmente isolado do mundo que me cercava.

Então chegou a alvorada. As lágrimas corriam por minha face e eu não conseguia enxugá-las. Nem mesmo tentava. Elas simplesmente continuavam correndo sem parar. Chorei como nunca chorara antes na vida. Não tenho certeza, mas acho que o pranto durou mais ou menos uma hora.

Aos poucos, o choro foi diminuindo. A quietude tomou conta de meu ser. Deitei relaxado. Sentia uma grande paz. Foi quando entendi que outro milagre tinha acabado de acontecer: minha depressão se fora. Desapareceu.

Eu havia sido curado mais uma vez.

Breves lembranças de trechos de músicas muito simples transformaram minha vida. Os Imperiais me fizeram lembrar que Satanás é um mentiroso. Ele quer roubar nossa alegria e substituí-la pelo desespero. Quando estamos diante de uma batalha e achamos que não somos capazes de seguir adiante, podemos mudar essa situação louvando a Deus. As cadeias que nos prendem serão quebradas.

Meese me encorajou quando me fez lembrar a verdadeira razão de viver em plenitude: e entregar tudo o que temos a Deus — mesmo as angústias e a dor. Deus é nossa razão de viver.

Naquela manhã, resolvi viver de maneira plena até o fim de minha existência, independente do que viesse a acontecer. Tomei essa decisão sem ajuda psiquiátrica, sem medicamentos e sem aconselhamento. Quando ouvi aquelas duas canções, Deus me curou. O desespero deixou meu coração. As cadeias mentais foram quebradas. Eu também sabia que nada do que me aconteceu (ou ainda aconteceria) podia ser tão horrível quanto o sofrimento pelo qual Jesus passou.

Não estou tentando sugerir que sou contra a ajuda psicológica e psiquiátrica. Antes de meu acidente, e mesmo a partir dele, sugeri muitas pessoas a procurar aconselhamento. Mas pelo fato de meu coração não estar aberto a nenhum tipo de ajuda, Deus curou-me de uma maneira radical e inexplicável.

Enquanto estava deitado ali, minha atitude mudou. Eu não tinha idéia de quando minha dor física terminaria nem por quanto tempo ainda teria de usar o aparelho de Ilizarov, mas eu sabia que Jesus

Cristo estava comigo. Ainda não entendo por que Deus me enviou de volta para viver toda essa agonia, mas isso não importa mais.

Agora eu era um homem livre. Deus tinha curado minha mente. Meu corpo seria "consertado" aos poucos, mas eu já havia conquistado a maior vitória. Nunca mais a depressão me afligiria. Era mais um milagre celestial.

Capítulo 11

De volta à igreja

Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus,
para que ele os exalte no tempo devido. Lancem sobre
ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês.
1 Pedro 5:6,7

Algumas pessoas que me conhecem há muito tempo consideram-me um sujeito corajoso. Certamente, nunca me vi dessa maneira — nem um instante sequer — porque sei muita coisa a meu respeito. Também sei que pouco fiz para passar por minhas provações.

Apesar de minhas percepções, os amigos e os membros da igreja dizem que se sentiram encorajados ao ver como progredi, saindo de um estado de total abandono e passando gradativamente a uma vida praticamente normal. Em meio às próprias dificuldades, muita gente me disse: "Se você conseguiu superar tudo aquilo, eu também posso."

Fico feliz em saber que meu exemplo fortaleceu essas pessoas, mas tive muita dificuldade em me aceitar como fonte de inspiração e coragem. Não sei se estou à altura de tanta admiração e tantos elogios porque não fiz nada. Eu queria morrer. De que forma esse sentimento pode edificar alguém?

Quando as pessoas me dizem como meu exemplo as inspirou, não discuto com elas, é claro, mas lembro-me muito bem de quando David Gentiles disse-me que ele e outros orariam pelo restabelecimento de minha saúde. Eu vivi porque outras pessoas não permitiram que eu morresse. Esses companheiros de oração são aqueles que merecem toda a admiração.

Geralmente, quando as pessoas se aproximam com essa atitude de admiração, eu concordo, reconheço o que elas dizem e completo: "Só estou fazendo o melhor que posso." E, de fato, foi tudo o que fiz nos dias mais difíceis. Às vezes, "o melhor que posso" nada mais era do que suportar o sofrimento. Mesmo quando lutei contra a depressão, ainda era o melhor que eu podia fazer. Talvez Deus esteja honrando isso mesmo. Não sei dizer.

Por natureza, sou uma pessoa muito determinada. Admito que, de vez em quando, essa característica pode ser prima em primeiro grau da teimosia. De fato, por várias vezes me senti terrivelmente solitário. Estava convencido de que ninguém me compreendia. E ainda acho que isso seja verdade. Quando nossa dor se torna intensa e resiste por muitas semanas, sem dar trégua para algum alívio, ninguém tem como saber. Não estou certo de que valha a pena saber o que isso significa.

Elas se importam. É isso que considero o mais importante.



Depois de receber alta e voltar para casa, em meados de maio, ainda precisei dormir em um leito hospitalar até fevereiro de 1990, em um total de treze meses. Mesmo dormindo em casa, tive recaídas e infecções de vários tipos. Eu voltava ao hospital, e algumas daquelas viagens, especialmente nos primeiros dias, foram para combater infecções que punham em risco minha vida. Às vezes, eu ficava duas semanas. Em outras, ficava três semanas. Na maioria das vezes, Eva me levava de carro, mas eu sempre voltava para casa em uma ambulância.

Depois da primeira alta que recebi, os membros da igreja continuaram me dizendo que minha aparência estava muito boa, "considerando tudo o que aconteceu". Ninguém chegou a usar essas palavras, mas eu os imaginava dizendo: "Oramos por Don. Mal podemos acreditar no bem que isso fez a ele. Pedimos que ele sobrevivesse e que ele melhorasse." Ou seja, eu era digno de pena, mas estava vivo, e era isso que eles haviam pedido a Deus.

Meus filhos gêmeos, Joe e Christopher, tinham apenas oito anos na época do acidente. Nossa filha, Nicole, tinha doze. Uma das coisas que mais me incomodou durante meu processo de recuperação era saber que meus filhos tinham de lidar com aquela sensação de sofrimento. Eles nao reclamavam, mas eu sabia como estavam se sentindo.

A seguir, apresento um cartão escrito de próprio punho por meu filho Joe em fevereiro de 1989, enquanto ele estava morando com os avós. (Não fiz questão de corrigir os erros de grafia.)

> *Oi pai*
>
> *Você. é tudo de bom. Eu te amo e. espero que gostes dos cartões.*
>
> *Queria. que isso nunca tivesse acontessido Eu te amo pai*
>
> *Joe*

Meses depois, quando finalmente voltei para casa, o irmão gêmeo de Joe, Chris, costumava chegar à tarde da escola e entrar direto na grande sala de estar onde minha cama foi instalada. Sem dizer nada, ele dava a volta e deitava a cabeça em meu peito. Não sei por quanto tempo ficava nessa posição — provavelmente não mais do que um minuto completo.

Ele nunca dizia uma palavra sequer.

Ele não precisava dizer nada mesmo. Aquele gesto tão simples era suficiente. Eu me sentia muito amado por meu filho.

Depois de um ou dois minutos, Chris entrava no quarto dele, trocava as roupas de escola pelas de brincar e, em seguida, saía para o quintal. Essa era a maneira de ele me cumprimentar quase todos os dias.

Sei que tudo aquilo foi muito difícil para ele — difícil mesmo. Chris expressava sua tristeza da única forma que sabia.



Apenas seis meses depois do acidente, eu tive condições de participar de um momento muito especial na vida de Nicole.

Os batistas do sul dos Estados Unidos mantêm organizações missionárias para jovens. As mais conhecidas são os Embaixadores do Rei, para os garotos, e as Meninas em Ação e Adolescentes em Ação, para as garotas. Assim que alcançou a idade exigida, Nicole participou das duas organizações. Ela preenchia todos os requisitos, como capacidade de decorar passagens bíblicas, projetos de serviço variados e viagens missionárias. Quando completou quatorze anos, ficou sabendo que receberia a honra de ser a Rainha com Cetro em uma cerimônia de coroação na Igreja Batista South Park, em junho de 1989.

Essa homenagem é o ponto máximo para quem participa das Adolescentes em Ação. É apresentada durante uma cerimônia na igreja. Receber aquela honra era um tributo à grande determinação de Nicole. Durante o tempo em que ela se dedicou com afinco às atividades da organização, não tinha como morar conosco. Nossos amigos Suzan e Stan Mauldin abriram as portas de sua casa para Nicole, que morou com eles durante aquele período. Ela não recebeu nenhum apoio emocional ou físico de minha parte, pois eu estava no hospital, lutando para sobreviver. Ela também recebeu pouco apoio da mãe porque a vida de Eva consistia em sair da escola todas as tardes e correr até o hospital, onde ficava comigo até a hora de voltar para casa e dormir.

Os desafios fizeram com que nos sentíssemos ainda mais orgulhosos por Nicole.

Uma das atrações associadas à coroação é que os pais acompanham as filhas pelo corredor da igreja. Os irmãos (quando as moças possuem) vêm logo atrás, carregando a coroa e o cetro.

Por causa do cronograma anual da cerimônia de coroação em South Park, havia uma grande dúvida sobre minha presença, c mais ainda a respeito da possibilidade de acompanhá-la pelo corredor da igreja.

Sou grato por ter recebido alta dos médicos a tempo de estar presente na cerimônia de coroação. Eu queria muito estar lá. Não era o casamento de Nicole, mas era o maior acontecimento da vida de minha filha até então. Eu desejava compartilhar aquele momento com ela.

Eu estava na cadeira de rodas, e Nicole segurou meu braço enquanto eu seguia pelo corredor. Chris e

Joe caminhavam atrás de nós, carregando a coroa e o cetro em almofadas. Eles também ajudaram a empurrar minha cadeira de rodas pelo corredor. Eu usava paletó e gravata (era a primeira vez desde o acidente) junto com uma calça de moletom cortada dos lados de uma perna para caber meu aparelho de Ilizarov.

Nicole não estava radiante apenas pelo fato de o pai estar presente naquela ocasião tão importante para ela; também se sentia emocionada porque ele podia caminhar ao seu lado pelo corredor da igreja.

Meus olhos se encheram de lágrimas conforme eu evoluía pelo corredor. Ouvia outras pessoas chorando. Mas também sabia que estávamos derramando lágrimas de alegria por causa daquele momento maravilhoso na vida de Nicole.



Acredito que os médicos tenham me dado alta, a princípio, por acharem que eu me recuperaria mais rápido em um ambiente familiar. Também podia ser porque me custava muito menos estar em casa. Não tenho certeza, mas eu estava feliz por sair do hospital. O seguro não pagou nada do meu tratamento. As despesas foram cobertas, a princípio, por um fundo de pensão e, por fim, pelo estado do Texas, por decisão de uma corte federal.

Mesmo assim, estar em minha casa não tornava as coisas muito mais fáceis para mim ou para minha família, especialmente Eva. Todos os dias, alguém tinha de me aplicar injeções. Eu precisava fazer sessões de fisioterapia em casa. Nossa sala de estar perecia um quarto de hospital. De fato, eu me sentia melhor por ter saído daquele ambiente esterilizado. Só o fato de estar perto das coisas que me eram familiares já ajudava a me elevar o espírito. Eu adorava poder olhar para fora da janela e ver minha vizinhança, ou receber pessoas que passavam para me ver sem usar uniformes brancos.

A equipe médica mandou meu leito hospitalar e uma armação em forma de trapézio — exatamente o mesmo que eu usara durante a internação. As enfermeiras me visitavam todos os dias. Os fisioterapeutas faziam o mesmo.

Algumas das lembranças mais agradáveis que tenho são de pessoas que simplesmente passavam cada dia comigo enquanto Eva voltava a trabalhar. Quando os membros da igreja souberam que ela precisava retornar ao emprego na escola para não perdê-lo, decidiram ajudar da maneira que pudessem.

Ginny Foster, a esposa de um pastor veterano, organizou um grupo de pessoas para ficar comigo todos os dias. Ginny montou o que chamava, com humor de "a patrulha de Don"— na maioria, mulheres da igreja, assim como alguns homens aposentados.

Eram sete horas de ausência de Eva, desde a hora em que saía para trabalhar, pela manhã, até voltar

para casa. Meus hábitos de sono dependiam de quando eu não agüentava mais lutar contra a dor e desfalecia. Mas, aos poucos, comecei a desenvolver um padrão. Geralmente, deitava para dormir por volta das duas ou três horas da manhã e acordava mais ou menos às dez. A "patrulha de Don" chegava lá pelas nove horas da manhã, enquanto eu ainda estava dormindo. Eles me preparavam o almoço ou já o traziam pronto.

Ao acordar, com freqüência eu encontrava uma mulher muito bonita fazendo tricô aos pés da minha cama. Ou então, um homem lendo o jornal Houston Chronicle. Ele baixava o jornal, abria um sorriso e dizia: "Bom-dia. Está precisando de alguma coisa?"

O desfile de rostos simpáticos mudava todos os dias. Embora os voluntários fossem diferentes, os objetivos permaneciam os mesmos: tomar conta de Don e fazer companhia a ele.

Deitado na cama, dia após dia, eu me dei conta de quanto as pessoas estavam fazendo por nós. Enquanto estive internado, os amigos da igreja em Alvin tinham empacotado nossa mobília e ajudado na mudança para outra casa baixa, onde eu não teria de preocupar-me com escadas para subir.

Durante o dia, em meu quarto de hospital, eu olhava a janela que dava para o quintal. Costumava ver vários rapazes, como Brandon, Matt Mealer e Chris Alston, cortando a grama. Chris deu um jeito de pegar nosso carro emprestado uma noite e me fez uma surpresa, levando-me ao cinema. Eu nem lembro mais qual era o filme, mas nunca esquecerei a consideração que ele teve por mim. Certa vez, quando nossa cerca caiu por causa de uma ventania, a ajuda chegou antes mesmo que pedíssemos. Só Deus sabe o grande carinho demonstrado pelas pessoas durante meu processo de recuperação.



Todas as manhãs, quando eu começava a me mexer em minha cama, meu anjo da guarda levantava e trazia-me uma escova de dentes e uma bacia para eu fazer a assepsia bucal e lavar o rosto. Também me dava um copo de suco e, mais tarde, um almoço bem caprichado.

Depois de me alimentar, banhar e ter a certeza de que eu estava tão confortável quanto minhas condições físicas permitiam, essas pessoas sempre faziam a mesma pergunta:

—Há alguma coisa a mais que eu possa fazer por você antes de ir embora?

Minha resposta sempre era a mesma:

—Não, obrigado.

Eu esforçava-me para dar o meu melhor sorriso. Provavelmente, não era, mas elas sempre retribuíam com outro sorriso.

—Está tudo certo, vou ficar bem.

A capacidade que um ser humano possui de se sacrificar e servir os outros não tem limites. Por maiores que sejam as nossas falhas, Deus certamente tinha a intenção de me mostrar que o carinho demonstrado a mim durante o acidente e a convalescença eram provas supremas de que fomos

criados à sua imagem.

Mais ou menos uma hora depois de meu anjo da guarda da "patrulha de Don" sair em silêncio, a porta se abria novamente e Eva entrava, chegando de mais um longo dia de trabalho na escola. Ela sempre me dava um beijo, sorrindo.

—Você está bem? — perguntava Eva.

—Estou ótimo — eu dizia, com sinceridade.

Eu não era capaz de expressar meus sentimentos em palavras, mas a certeza de que eu havia recebido a visita de um anjo da "patrulha de Don" elevava meu espírito.

Durante meses, depois de minha volta para casa, os dedicados membros da "patrulha de Don" me levavam e traziam de volta da hidroterapia, que era realizada perto de nossa casa, em Alvin. Nos primeiros treze meses, quando eu não estava internado, ficava deitado no leito hospitalar instalado em minha casa. Por muito tempo, eu passava menos de cinco minutos por dia fora da cama, a não ser para fazer fisioterapia. Havia dias nos quais eu nem mesmo saía da cama.

A pior parte é que, por estar acamado, eu não podia fazer nada. Não era capaz de me levantar ou fazer coisa alguma por conta própria. Sem a ajuda do fisioterapeuta, eu nunca teria sentado ou conseguiria mover-me sozinho outra vez.

Aos poucos, voltei a aprender como andar. No primeiro dia em que levantei sozinho, dei três passos e caí de novo na cama. Fiquei totalmente exausto. Mas sorri. "Eu andei." Três passos parecem pouca coisa, mas, mesmo assim, aquilo me proporcionou uma maravilhosa sensação de realização pessoal.

O processo de recuperação de um trauma dessa magnitude é, em grande parte, bem parecido com o treinamento de uma criança. Eu estive desamparado por tanto tempo que, quando finalmente pude ir sozinho ao banheiro, parecia um feito notável. Andar de novo era um tipo de lembrete a respeito de coisas às quais não costumamos dar importância no dia-a-dia, como conversar, nos locomover e viver.

Quando passei a andar de novo, não se tratava apenas de uma conquista especial; era também um tributo a centenas de pessoas da equipe médica que trabalharam de modo incansável para me ajudar. Também era uma recompensa aos meus amigos e à minha família, que acreditaram em mim, embora não tivessem como saber quão difícil era colocar um pé na frente do outro.

Ao mesmo tempo em que andar representava, para mim, uma espécie de triunfo da força de vontade, também significava que eu poderia começar a viver dentro de uma relativa normalidade. Costumava pensar na última noite em Trinity Pines, quando J.V. Thomas e eu fizemos uma caminhada. Foi a última vez que caminhei normalmente na vida. Por muitos meses, ninguém tinha sequer a certeza de que eu voltaria a andar. Durante muito tempo, dar apenas três passos cambaleantes parecia uma escalada no monte Everest.

"Eu consegui!", gritei sozinho na sala de estar transformada em quarto. "Eu andei! Eu andei!"

Dar aqueles primeiros passos por conta própria em casa continua sendo um dos momentos mais marcantes de meu processo de recuperação. Aquilo me convenceu de que estava melhorando. Agora

eu tinha objetivos para perseguir. Tinha acabado de passar pela parte mais difícil do processo.

Sabia que continuaria melhorando. A cada dia, dava mais alguns passos. No fim da semana, completei uma volta na sala de estar.

Quando Eva voltou para casa e viu a demonstração de meu progresso diário, o sorriso que deu me fez sentir como se tivesse vencido uma maratona. Ela reagiu com enorme alegria na tarde em que mostrei como poderia caminhar pela casa toda por conta própria.



Uma semana depois da internação, já em casa, resolvi que queria ir à igreja na manhã de domingo.

Olhando para trás, reconheço que foi uma decisão prematura, mas eu sentia um grande desejo de voltar a louvar a Deus com as pessoas a quem amava. Com a ajuda de um pequeno grupo, combinamos que eles me buscariam em casa e ajudariam a chegar lá. Para não desapontar ninguém caso não conseguisse mais sair de casa, achamos melhor não anunciar à congregação.

Na época, eu já podia usar uma cadeira de rodas, desde que alguém estivesse lá para me erguer da cama e carregar, mas ainda não tinha como ficar de pé. Seis amigos da igreja foram à nossa casa e tiraram os bancos de uma das vans da igreja. No templo, construíram uma rampa para me conduzir até a porta.

Continuei pensando em todo o trabalho que estava dando, e por várias vezes comecei a pedir desculpas, mas eles me garantiram que faziam aquilo com todo o prazer.

Foi quando me lembrei das palavras de Jay. Minha família e meus amigos me viram no primeiro dia depois do acidente. Eu nunca cheguei a ver minha aparência. Eles suportaram o choque e o medo. Tiveram de conviver com a possibilidade de eu morrer e com o meu longo período de incapacidade. Em certos aspectos, essa provação foi mais difícil para minha família e meus amigos do que para mim. Eles adoravam as oportunidades que tinham de me ajudar. Em certo sentido, eles compartilhavam com a minha recuperação, e estavam felizes por poder fazer algo especial para mim.

Mesmo assim, por mais que eu desejasse comparecer ao culto de louvor naquela manhã, ainda era difícil permitir que fizessem as coisas para mim. Eu me sentia em total desamparo e completamente dependente deles. Ao me dar conta disso novamente, sorri.

"Obrigado", eu disse, e depois deixei que cuidassem de mim.

Eles me colocaram cuidadosamente na van, me levaram à igreja e me tiraram pela porta corrediça na lateral do veiculo. Quando um dos homens na van abriu a porta, os membros da igreja que estavam caminhando na direção do templo me viram.

"Veja! É o pastor Don!", alguém gritou.

Ouvi vibração e palmas quando as pessoas me cercaram e abriram espaço para que os homens me levassem na cadeira de rodas rampa acima.

Naquele exato momento, tudo virou um caos. As pessoas corriam na minha direção. Muitas delas vibravam. Parecia que todo mundo queria me tocar ou apertar minha mão. Eu mal podia acreditar no rebuliço causado pela minha chegada.

Por fim, alguém levou minha cadeira de rodas para dentro do templo e parou diante do altar, próximo ao órgão da igreja. Era impossível me erguer.

Naquele momento, toda a congregação percebeu que eu estava na parte da frente do templo. Eu sorri ao pensar: "Só precisei de cinco meses para sair da conferência de Trinity Pines e voltar para a igreja. Posso ser meio lento, mas sou fiel."

Então alguém cochichou em meu ouvido: "Queremos que o senhor fale alguma coisa à congregação." Ele ficou atrás de mim e empurrou a cadeira de rodas até o meio do templo, bem diante do púlpito.

A partir dali, a exaustão começou a se evidenciar. É possível que ela estivesse se manifestando o tempo todo, mas eu estava tão determinado a voltar à igreja que me recusava a admitir como me sentia cansado. Eu já estava fora da cama havia mais de duas horas. Foi o período mais longo até então, e também o mais prolongado em que fiquei em uma cadeira de rodas.

Nesse momento, percebi que tinha sido uma tolice ir à igreja, pois meu corpo ainda não podia ser tão exigido. Por causa de minha teimosia, superestimei minha resistência.

Igualmente ruim foi a pressão que senti com a reação amorosa da congregação. Eu não sabia se era capaz de dizer alguma coisa. O que poderia dizer após tantas semanas de ausência e depois de tudo o que eu havia passado?

Enquanto eu ainda tentava tomar pé da situação, alguém entregou um microfone em minha mão. Quando peguei, continuei pensando: "Vocês não têm a menor idéia de quão pouco contribuí para minha recuperação. Vocês consideram um triunfo, mas, para mim, foi mera questão de sobrevivência."

Naquele momento, irrompeu uma salva de palmas espontânea. Eu esperava que eles estivessem felizes por me ver; só não estava preparado para a avalanche de louvores a Deus. Todas as pessoas ficaram de pé, e os aplausos começaram. Duraram muito tempo até que fiz um sinal para que parassem.

Quando olhei para eles, senti-me culpado por causa do aplauso e do entusiasmo que demonstravam. Eu não conseguia acreditar que aquelas pessoas estivessem batendo palmas para mim. "Se eles soubessem", pensei, "se eles soubessem..."

Foi então que Deus falou comigo. Foi uma das poucas vezes em minha vida que ouvi uma voz muito clara dentro de minha mente.

"Eles não estão aplaudindo você."

Foram só essas palavras, mas fizeram uma grande diferença. A partir daí, consegui falar. Finalmente eu conseguia entender o que estava acontecendo. Eles estavam dando graças a Deus pelo que tinha feito pela minha vida. Deus havia me trazido de volta da morte para a vida mais uma vez. Relaxei. Aquele era um bom momento para glorificar a Deus. O louvor não era dirigido a mim.

Ainda tive de esperar um tempo que me pareceu bem longo até que as palmas cessassem. Falei apenas quatro palavras. Qualquer pessoa que estivesse na igreja naquele dia glorioso pode dizer quais foram essas palavras: "Vocês oraram. Estou aqui."

A congregação voltou a irromper em uma grande salva de palmas. Se eu tivesse falado mais alguma coisa, tenho certeza de que eles não conseguiriam ouvir.

Eu não podia dizer, mas na época acreditava (e ainda acredito) que sobrevivi somente por que inúmeras pessoas quiseram isso. Elas foram incansáveis, orando com paixão e dedicação. Acreditaram que Deus as ouviria. Pessoas que nunca haviam orado na vida intercederam por mim. Gente que não fazia uma prece havia anos clamou a Deus para que ele me poupasse. Minha experiência levou as pessoas a colocar seus joelhos no chão, e muitas delas mudaram enquanto intercediam pela minha vida.

Quando eu sobrevivi, as mesmas pessoas (especialmente as que não tinham o hábito de orar) disseram que aquela experiência revolucionara a vida delas. Em alguns casos, gente que jamais conheci — de Cottonwood, no Arizona, a Buffalo, no estado de Nova York — ouviu minha história re-contada pela segunda, terceira ou quarta vez. Ao longo dos três anos seguintes, as pessoas se aproximavam de mim para dizer: "Eu vi o senhor em uma entrevista na televisão. O senhor é o cara! Eu orei a seu favor." Ou então, ouviam uma das fitas de áudio com o meu testemunho, distribuídas por minha igreja. Elas diziam: "O senhor não tem noção do que isso significa. Deus ouviu as nossas orações, e estamos muito felizes por vê-lo vivo."

Para alguns, eu não sou exatamente uma pessoa; sou um símbolo. Eles acham que represento a resposta de Deus às orações. Eles podem até se lembrar de meu ministério na igreja South Park ou de algumas das mensagens que preguei, mas se lembram mais é de que buscaram a face de Deus em oração profunda, sincera e determinada. Imploraram por minha sobrevivência, e foi o que aconteceu. Não sei o que fazer em relação a isso, exceto dizer que é algo que está além de mim.

Acho que também represento uma resposta humana a alguns questionamentos. Desde que comecei a relatar minha experiência no céu a outras pessoas, perdi a conta das que se aproximaram para perguntar coisas do tipo: "O céu é real?"; "Como ele é?" Ou então, me faziam questionamentos específicos sobre o louvor ou as ruas de ouro. Alguém sempre aproveitava para mencionar uma pessoa querida que havia acabado de partir.

Só de saber que eu estivera lá, voltara à Terra e era capaz de falar sobre essa experiência parecia proporcionar um grande conforto a muita gente. Às vezes, eu ficava impressionado com isso.

Outros olham para as marcas em meu corpo até hoje e dizem: "O senhor é um milagre, considerando todas as coisas pelas quais teve de passar. O senhor é um milagre ambulante."

Capítulo 12

A DIVULGAÇÃO

Sabemos que, se for destruída a temporária habitação terrena em que vivemos, temos da parte de Deus um edifício, uma casa eterna nos céus, não construída por mãos humanas. Enquanto isso gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação celestial, porque, estando vestidos, não seremos encontrados nus. Pois, enquanto estamos nesta casa, gememos e nos angustiamos, porque não queremos ser despidos, mas revestidos da nossa habitação celestial, para que aquilo que é mortal seja absorvido pela vida.

2 Coríntios 5:1-4

Deus usou meu amigo mais próximo, David Gentiles, para me manter vivo, e sou grato. Também o usou mais uma vez para ministrar sobre minha vida aproximadamente dois anos depois do acidente. Até então, eu nunca havia contado a ninguém a respeito de minha experiência no céu. Segundo o senso geral, eu deveria ter falado primeiro com Eva, mas sempre encerrava a conversa antes de ela começar a fazer perguntas. Tacitamente, ela entendia que parte de minha experiência ultrapassava os limites naturais. A favor dela, posso dizer que nunca me pressionou a revelar nada além do que eu me limitava a relatar.

Não era porque eu quisesse esconder alguma coisa de Eva. Eu só não podia falar sobre aquela experiência. De vez em quando, eu achava que tinha sido algo muito sagrado, e tentar explicar poderia minimizar o que acontecera.

Cerca de um ano e meio depois de eu receber alta do hospital, David foi à região de Houston para participar de um evento de discipulado em um fim de semana. Ele usou aquilo como justificativa para me visitar em casa e passar um tempo comigo.

Quando nós ficamos sozinhos, eu me lembrei de quando estava deitado na UTI e disse a ele que não agüentava mais. Foi nesse momento que David me falou que oraria a meu favor. Conversamos sobre aquele dia, e agradeci a meu amigo mais uma vez por seu carinho e seu compromisso inabalável de interceder por mim.

Como você está se sentindo agora? — ele perguntou.

Sinto muitas dores — disse, tentando rir. — Sinto dores o tempo todo, mas essa não é a pior parte para mim neste momento.

E qual é a pior parte? — David quis saber, inclinando-se para perto de mim.

Eu simplesmente não sei para onde estou indo. Sinto falta de uma direção clara para o meu futuro.

David ouviu quando falei sobre as coisas que gostaria de fazer, as que não poderia por estar fisicamente limitado e como eu estava inseguro sobre a vontade de Deus em relação à minha permanência em South Park. Eu sentia que as pessoas me amavam e precisavam de mim, mas não tinha certeza se deveria continuar ali.

Ele ouviu por um bom tempo e, em seguida, perguntou com ternura:

—O que você aprendeu com seu acidente e com a experiência da

recuperação?

Por três ou quatro minutos, falei de várias coisas, especialmente sobre como me abrir mais para as pessoas e permitir a elas que me ajudassem. Em seguida, comentei:

—Mas, em meio a todo esse sofrimento e desânimo, eu descobri que o céu existe.

Ele ergueu as sobrancelhas.

—O que você quer dizer com isso?

Aos poucos, hesitando muito, falei um pouco — bem pouco mesmo — sobre minha breve visita ao céu.

—Conte mais — ele pediu.

Não achei que estivesse fazendo isso para se intrometer na minha vida. David era meu amigo e queria mesmo saber. Também senti que poderia falar sobre o céu com ele. Até onde fosse possível a um ser humano, ele entenderia.

—Morri naquele acidente. No momento seguinte, eu estava de pé

no céu — eu disse.

Ele se inclinou mais. Embora esperasse em silêncio que eu prosseguisse, vi a ansiedade em seus olhos.

Quanto mais eu falava, mais animado ele ficava. Ao olhar para trás, acho que a admiração de David era uma combinação de minha confirmação sobre a existência do céu com o alívio ao saber que meu longo pesadelo havia produzido alguma coisa boa.

Depois de relatar minha experiência no céu, ele não disse nada. Um silêncio cheio de paz encheu o ambiente. Nossa amizade era tal que não precisávamos preencher o vazio com palavras.

Por fim, David balançou a cabeça e perguntou:

Por que você não falou a respeito disso antes?

Eu tenho duas razões muito boas. A primeira é: se eu sair por aí falando que estive no céu, as pessoas vão pensar que fiquei maluco.

Por que você acha isso? Eu ouvi você contar e não pensei...

Número dois — eu disse, interrompendo —, não quero voltar a falar dessa experiência. E algo... bem, é algo muito pessoal. Muito especial. É uma coisa que eu mesmo ainda não consegui assimilar o suficiente para compreender. Não é que eu não queira compartilhar. Só acho que não conseguiria.

Por que você acha que foi para o céu se não está disposto a falar sobre isso?

Não tenho uma resposta a essa pergunta.

Por quê? — David insistiu.

Vou fazer a você uma pergunta que eu já fiz a mim mesmo: por que eu passei por essa experiência e depois ela me foi tirada? Qual a razão disso ter acontecido?

Meses de raiva contida explodiram de repente, a toda a dor que eu sentia por dentro foi colocada para fora de uma só vez.

—Tudo bem — prossegui —, por que eu tive de passar por tudo isso? Eu vi a glória e a beleza. Foi a experiência mais poderosa e impressionante de minha vida. Em seguida, tive de voltar para a Terra. Por quê? Para passar por isso?

Apontei para a minha perna e para o meu braço.

— Ouça, eu fui vítima de um acidente que me tirou a vida. Imediatamente, fui levado ao céu, e era maior e mais maravilhoso do que qualquer outra coisa que já imaginei. Tive uma oportunidade de provar o gostinho do céu, e logo depois fui trazido de volta a esta vida. Meu corpo é uma confusão só. Sinto dores o tempo inteiro. Nunca mais serei saudável ou forte de novo. Ainda estou assimilando tudo isso porque... porque, francamente, me parece muito injusto.

David olhou para mim e perguntou mais uma vez:

Por que você acha que passou por essa experiência se acredita que não deva contar aos outros a respeito?

Como eu disse — respondi —, não tenho uma resposta para essa pergunta.

Seria possível que Deus tenha levado você ao céu e trazido de volta para compartilhar essa experiência? Você não percebe que grande incentivo seu testemunho pode ser para outras pessoas?

As palavras de David me chocaram. Eu estava tão concentrado em mim que não tinha conseguido parar para pensar em mais ninguém.

Chorei enquanto tentava dizer a ele como me sentia e explicar minha situação. Chorei em sua presença, e eu sabia que não havia problema.

Discutimos o assunto por, talvez, uns vinte minutos. David me cutucou, e embora eu soubesse que ele estava certo, ainda era difícil para mim compartilhar minha experiência. Por fim, David disse:

Quero que você faça um pacto comigo.

Que tipo de pacto? — eu queria saber.

Bem simples. Escolha duas pessoas de sua confiança. Conte a elas apenas uma pequena parte de sua experiência e avalie a reação delas.

Ele continuou, explicando que, se aquelas duas pessoas pensassem que eu era louco ou que tivera uma alucinação, então eu não deveria mais falar sobre o assunto.

—Mas se eles se alegrarem por você — ele prosseguiu — e o incentivarem a contar mais a respeito da experiência, quero que você considere isso um sinal de Deus para que fale sobre os noventa minutos que passou no céu.

Depois de considerar a proposta com cuidado, fiz o pacto com David:

Posso fazer isso, sim.

Quando? — ele insistiu.

Prometo que faço isso o mais breve possível.

O mais breve, está bem?

Sim, prometo que não vou vacilar.

David orou por mim, e enquanto eu o ouvia falar, senti muita convicção. Já não se tratava mais de uma questão de escolha — eu tinha de contar —, mas faria aquilo à minha maneira.

Em primeiro lugar, decidi quem seriam as pessoas dignas de confiança para ouvir meu santo segredo. Depois de reduzir a lista a um punhado de pessoas, ainda procurei abordá-las com cautela. Queria ter certeza de que se tratava de uma conversa franca. Eu esperaria até que a questão de minha saúde fosse mencionada — o que sempre acontecia — para dizer alguma coisa simples como: "Sabe, eu morri naquele dia. E acordei no céu."

A reação foi a mesma em todas as oportunidades: "Conte mais." As pessoas nem sempre usavam essas palavras, mas era isso que queriam. Eu podia ver seus olhos crescendo. Desejavam saber mais a respeito.

Quando falava mais sobre a minha experiência, ninguém questionava minha sanidade mental. Ninguém me dizia que aquilo fora uma alucinação. "Você precisa contar isso a outras pessoas", alguém disse. "Essa experiência não foi só para você", comentou outro amigo, "foi para todos nós. E para mim também".

Nas duas semanas seguintes, ao ouvir a opinião das pessoas a respeito de meu relato, percebi estar na mesma situação em que estivera no hospital, quando Jay me repreendeu. Naquela oportunidade, eu não permitia que ninguém me ajudasse, uma atitude egoísta. Dessa vez, eu não compartilhava o que

havia acontecido comigo, e também era uma atitude de egoísmo.

"Tudo bem, vou falar sobre isso", fiz o voto.

Considerando que praticamente todo mundo já sabia sobre meu trágico acidente de carro, usei a oportunidade como gancho para falar sobre o tempo que passei no céu — a princípio, de maneira cautelosa. Conforme as pessoas passaram a reagir de maneira positiva, oferecendo um apoio impressionante, me senti mais à vontade e menos preocupado em limitar o relato a pouca gente.

Quero deixar bem claro o seguinte: embora eu saiba que era isso que eu deveria fazer, não foi fácil para mim. Mesmo hoje, passados muitos anos, continua sendo contra a minha natureza entrar em detalhes a respeito do que acontece em minha vida. Atualmente, só falo de meus lampejos do céu quando alguém pede para saber, e só mesmo porque sinto que há um interesse real. De outra forma, continuo pouco propenso a falar disso.

Essa é, em parte, a razão de eu ter levado tantos anos para escrever este livro. Não queria que minha passagem pelo céu e meu retorno à Terra fossem minha única razão de estar vivo. Pelo contrário, foi uma experiência tão extraordinariamente pessoal e íntima que ficar relatando os acontecimentos de modo repetitivo não é algo que me deixe à vontade.

Falo sobre minha experiência tanto publicamente quanto em conversas pessoais. Escrevo sobre o que aconteceu porque minha história parece significar muito para as pessoas pelas mais diferentes razões. Por exemplo, quando falo diante de uma grande multidão, pelo menos uma das pessoas presentes acabou de perder um ente querido e precisa ter a certeza do destino que ele tomou depois da morte.

Quando termino de falar, ainda me impressiona ver quão rapidamente se forma uma fila de gente ansiosa por conversar comigo. Essas pessoas se aproximam com lágrimas nos olhos e a melancolia estampada no rosto. Acho gratificante poder oferecer a elas alguma paz e segurança.

Concordo que minhas palavras possam proporcionar conforto, mas isso nunca foi algo que eu tivesse planejado. Se não fosse pela força dada por David Gentiles, tenho certeza de que não teria contado nada a ninguém até hoje.

Também sou grato pelo incentivo de meu amigo, pois vi o efeito desse relato não apenas em cultos de louvor, mas também nas oportunidades que tive de dirigir cerimônias fúnebres. Na verdade, minha experiência mudou, em muitos aspectos, minha maneira de encarar a vida. Mudei meu jeito de conduzir os funerais. Hoje posso falar com autoridade sobre o céu por experiência própria.

Além de minha experiência sobrenatural, quatro fatos sobressaíram nessa minha jornada celestial. Primeiro, estou absolutamente convencido das respostas de Deus às orações. A razão de eu estar vivo é justamente a resposta divina às orações. Segundo, acredito piamente que Deus ainda realiza milagres. Muita gente lê sobre as coisas sobrenaturais da Bíblia e pensa: "Isso só funcionava assim naquele tempo." Estou convicto de que Deus continua a realizar coisas fora do comum. Todos os dias agradeço a Deus por ser um milagre vivo, que anda e fala.

Terceiro, desejo que o máximo de pessoas possível entre no céu. Sempre acreditei na teologia cristã que declara ser o céu um lugar real, preparado para o povo de Deus. Desde a minha passagem por

esse lugar, é cada vez maior a sensação de que tenho certa responsabilidade de esclarecer as pessoas sobre o caminho que leva até lá. Não quero apenas que as pessoas tenham a oportunidade de ir para o céu; hoje sinto como é importante ajudá-las a abrir o coração para que possam ter a certeza do lugar para onde irão quando morrerem.

De fato, pensei sobre as pessoas que morrem nas estradas. Em cultos evangelísticos, há quem use histórias desse tipo como uma tática de terror para induzir a platéia a assumir um compromisso com Jesus Cristo. Mas depois de minha experiência, vejo esses acidentes como uma possibilidade real de alguém perder a vida a qualquer momento. Não quero ver outras pessoas morrerem sem Jesus Cristo.

Por último, certa vez, Dick Onerecker e eu conversamos sobre a urgência dessa mensagem. Ele compreendia por que eu me sentia daquele jeito. Então eu disse a ele:

Mais uma vez, Dick, quero agradecer a você por salvar minha vida. É claro que nunca serei capaz de agradecer apropriadamente por sua fidelidade em obedecer a Deus naquele dia chuvoso.

Fiz o que qualquer pessoa teria feito — ele disse, e depois começou a chorar.

Eu não queria aborrecer você — falei, me sentindo mal por dizer algo que o fez chorar daquele jeito. — É a última coisa que eu desejaria fazer na Terra.

Não é por isso que estou chorando.

Vários minutos se passaram até ele finalmente se recompor.

Por que você está chorando? — perguntei.

Eu estava pensando: cheguei ao local do acidente e perguntei ao policial se podia orar por você, e pensava nisso apenas como algo que qualquer cristão faria. Embora ele tivesse dito que você estava morto, eu sabia que deveria orar por você. Eu só conseguia pensar que você estava machucado, e queria fazê-lo se sentir melhor. Não fiz nada fora do comum.

Mas fez. Quando o policial disse que eu já tinha morrido...

Ouça-me, Don — ele interrompeu —, se você visse uma criança correndo na rua, correria até lá e tentaria salvar a vida dela. A natureza humana é assim. Tentamos preservar a vida, e farei isso toda vez que uma oportunidade como essa surgir. Você também faria.

Estávamos à mesa de um restaurante, e ele parou para olhar em volta.

— No entanto, estamos sentados neste lugar, cercados de pessoas, muitas provavelmente estão perdidas e a caminho do inferno, e nem por isso nos dirigiremos a elas para falar como fazer para receber a vida eterna. Há alguma coisa errada conosco.

—Você está absolutamente certo — eu disse. — Estamos dispostos a salvar uma pessoa que enfrenta uma crise visível, mas muita gente passa por crises espirituais e não dizemos uma palavra sequer sobre a melhor maneira de elas saírem dessa situação.

—É por isso que estou chorando. Meu silêncio, meu medo de falar

com as pessoas e a relutância em manifestar minha fé me condenam.

Naquele momento, e mais uma vez depois, Dick disse que o relato sobre a minha experiência e o papel que ele teve no meu retorno à Terra foram libertadores. Depois daquilo, ele sentiu mais ousadia para falar de Jesus Cristo — uma ousadia que nunca tivera antes.

Capítulo 13

A MÃO DO ANJO

Seja ele o motivo do seu louvor, pois ele é o seu Deus,

que por vocês fez aquelas grandes e temíveis

maravilhas que vocês viram com os próprios olhos.

Deuteronômio 10:21

Eu tive o privilégio de contar a minha história na igreja de Dick, a Primeira Batista de Klein, pouco mais de um ano depois do acidente. A esposa dele, Anita, estava lá, assim como minha família. Por ainda estar usando muletas, duas pessoas tiveram de me ajudar a subir na plataforma.

Contei a todas as pessoas sobre o acidente e a participação de Dick, que me trouxe de volta. "Acredito que hoje estou vivo porque Dick orou e trouxe-me à Terra outra vez", eu disse. "Lembro-me de duas coisas nos meus primeiros momentos de consciência depois do acidente. Primeiro eu cantava 0 grande amigo. A segunda é Dick segurando minha mão com firmeza."

Depois do louvor matinal, muitos de nós saíram para almoçar juntos em um restaurante chinês. Anita sentou-se à minha frente, do outro lado da mesa. Lembro-me de tomar minha sopa e passar momentos muito alegres com os membros da igreja.

Quando houve uma pausa na conversa, Anita curvou-se sobre a mesa e disse, em um tom de voz bem suave:

Gostei de tudo o que você disse esta manhã.

Obrigado — falei.

Só tem uma coisa que preciso corrigir sobre as coisas que mencionou em sua mensagem.

É mesmo? — perguntei, chocado com as palavras de Anita. — Tentei ser o mais fiel possível em tudo o que disse. Estou certo de que, eu não tive a intenção de exagerar em nada. O que eu disse que não estava correto?

Você estava falando que Dick entrou no carro. Em seguida, comentou que ele orou por você enquanto segurava sua mão.

Sim, lembro-me bem dessa parte. Há vários lapsos em minha memória, e não me lembro da maioria das coisas.

Naquela manhã, eu tinha mesmo admitido que tivera acesso a várias informações de modo indireto.

A única coisa totalmente clara para mim foi a presença de Dick no carro, orando comigo.

E é verdade. Ele entrou mesmo no carro e orou com você — ela disse, chegando ainda mais perto. — Mas, Don, ele nunca segurou a sua mão.

Lembro-me bem de ter segurado a mão dele.

Isso não aconteceu. Era fisicamente impossível.

Mas lembro-me claramente disso. É uma de minhas mais vividas...

Pense nisso — Anita interrompeu. — Dick estava na parte de trás do porta-malas e debruçou-se sobre o assento traseiro. Colocou a mão em seu ombro e o tocou. Você estava virado para a frente, e seu braço esquerdo estava precariamente preso em seu tronco.

Sim, é verdade.

Dick disse que o assento do motorista foi jogado na direção do lado do carona.

Fechei os olhos, visualizando a cena que ela acabara de descrever. Balancei a cabeça, concordando.

Sua mão direita estava no chão do lado do carona. Embora a lona estivesse cobrindo o carro, havia luz suficiente para ele ver sua mão ali. Não havia como Dick alcançá-la.

Mas... mas... — gaguejei, confuso.

Alguém estava segurando sua mão, mas não era Dick.

Mas se não era a mão de Dick, de quem era?

Acho que você sabe — disse Anita, sorrindo.

Larguei minha colher e fiquei olhando para ela por um bom tempo. De qualquer forma, eu não tinha nenhuma dúvida de que alguém tinha segurado a minha mão. Foi então que compreendi o que havia acontecido.

—Sim, também acho que sei — eu disse.

Na mesma hora, pensei no versículo do livro de Hebreus que fala sobre anjos ministradores. Quando parei para pensar, também me lembrei de outros incidentes para os quais não havia nenhuma explicação além da espiritual. Por exemplo, por diversas vezes, no quarto do hospital, no meio da noite, eu estava em péssimo estado. Nunca via nem ouvia ninguém, mas sentia uma presença — algo ou alguém —sustentando-me e encorajando-me. Isso também era algo de que eu não falava. Não tinha como explicar, por isso presumia que ninguém seria capaz de entender.

Aquele foi outro milagre, e eu não saberia se Anita não tivesse me corrigido.

Cinco anos depois de meu acidente, Dick e eu aparecemos no programa Clube 700, apresentado por Pat Robertson. Uma equipe de gravação viajou do Texas para fazer uma reconstituição do caso. Em

seguida, eles me pediram para falar sobre a visita que fiz aos portões do céu. O programa transmitiu aquela matéria muitas vezes nos dois anos seguintes.

Em uma das maiores ironias da vida, Dick morreu de enfarte em 2001. Confesso que fiquei triste ao saber de seu falecimento, mas fiquei feliz por saber que ele está na glória. Dick salvou minha vida, e Deus o levou ao céu primeiro. Fiquei satisfeito por ele ter ouvido o relato de minha passagem pelo céu antes de fazer a própria jornada.



Desde aquela conversa com Anita, pouco mais de um ano depois do acidente, mais do que nunca, estou convicto a respeito do propósito de Deus ao me trazer de volta a esta Terra. O anjo que segurou minha mão foi um modo de Deus me sustentar e fazer saber que jamais me abandonaria, por mais difíceis que as coisas se tornassem.

Posso não sentir o toque daquela mão todos os dias, mas sei que está perto de mim.

Capítulo 14

A NOVA VERSÃO DO NORMAL

"Farei cicatrizar o seu ferimento e curarei as suas feridas",

declara o Senhor, "porque a você, Sião, chamam de rejeitada,

aquela por quem ninguém se importa."

Jeremias 30:17

Nunca nos recuperamos de certas coisas que acontecem conosco. Elas acabam com o conceito de normalidade em nossa vida. A vida é assim mesmo.

A natureza humana tem a tendência de tentar reconstruir velhas trilhas e recolher o que foi deixado para trás. Se formos sábios, não voltaremos a fazer as coisas do mesmo jeito que antes (nem podemos, mesmo). Em vez disso, devemos esquecer o antigo padrão e aceitar uma "nova normalidade".

Desperdicei muito tempo pensando em como costumava ser sadio, sem limitações físicas. Em minha mente, eu reconstruiria a vida do jeito que ela tinha de ser; na verdade, porém, eu sabia que ela nunca mais seria a mesma. Eu precisava me ajustar e aceitar meus limites físicos como parte de minha "nova versão" do normal.

Quando eu era criança, sentava em um grande tapete marrom na sala de estar da casa de meus avós e ouvia enquanto eles falavam a respeito dos bons e velhos tempos. Depois de ouvir muitas histórias, eu pensava: "Aqueles dias não eram tão bons." Pelo menos, as recordações que eles compartilhavam não pareciam tão agradáveis. Talvez para eles aqueles tempos antigos fossem mesmo bons, ou então haviam esquecido a parte negativa daquela época. Em determinados momentos de nossa vida, a maioria de nós deseja voltar no tempo, para um período mais simples, mais saudável ou mais feliz. Não podemos, mas continuamos sonhando com aquilo que fora um dia.

Quando eu estava na faixa dos vinte anos e era radialista, costumava tocar sucessos antigos, e as pessoas que ligavam para pedir aquelas canções costumavam comentar que a música era melhor naqueles tempos do que hoje em dia. A verdade é que, nos velhos tempos, tocávamos discos bons e ruins, mas os ruins desapareciam logo da memória, assim como acontece hoje em dia. Ninguém jamais nos pediu para tocar músicas ruins. As boas canções fazem com que os tempos antigos pareçam excelentes, como se todas as músicas da época fossem extraordinárias. Na verdade, havia músicas ruins há trinta ou cinqüenta anos — muitas, aliás.

O mesmo vale para as experiências de vida. Temos a tendência de esquecer as negativas e tentar

voltar atrás para recuperar os eventos mais agradáveis. A realidade é que nossa memória é seletiva, tanto para o que lembramos quanto para os fatos que esquecemos.

Quando assimilei esse conceito, decidi que não poderia recuperar o passado. Não importa quanto eu tenha tentado idealizá-la, aquela parte de minha vida tinha terminado, e eu nunca mais seria saudável ou forte de novo. A única coisa que eu poderia fazer era descobrir meu novo padrão de normalidade. Eu pensava assim:

De fato, há coisas que eu nunca serei capaz de fazer outra vez. Não gosto dessa idéia, talvez até mesmo a odeie, mas isso não muda a situação. Quanto mais cedo eu aceitar esse fato e as coisas do jeito que passaram a ser, mais cedo serei capaz de viver em paz e aproveitar minha nova versão de normalidade.

Aqui está um exemplo do que quero dizer. No inicio do ano 2000, guiei um grupo de colegiais em uma viagem de Houston até o Colorado para esquiar. O esqui sempre foi uma de minhas atividades favoritas. Incapaz de participar, sentei-me em uma cabana aos pés da montanha, olhei para fora da janela e vi os colegiais descendo pela neve. Fiquei muito triste e pensei: "Cometi um grande erro. Nunca deveria ter vindo aqui." Assim como estava feliz pelos jovens, eu lamentava porque nunca mais poderia esquiar de novo.

Então, pensei pela milésima vez em outras coisas que jamais voltaria a fazer. Quando eu era pastor principal da igreja, a maioria dos adultos me cumprimentava na porta depois de todos os cultos matinais. "Adorei seu sermão", diziam, "foi um ótimo culto."

As crianças, porém, se comportavam de uma maneira bem diferente. Elas corriam para me mostrar uma figura que tinham acabado de colorir. Antes do acidente, eu adorava ver tantas crianças à minha volta; chegava a ajoelhar para falar com elas. Depois de minha recuperação, não tinha mais como me agachar para olhar os rostos sorridentes dos meninos e das meninas como eu costumava fazer antes, dizendo: "Muito obrigado. Gostei muito desse desenho. É muito bonito."

Depois do acidente, o melhor que conseguia fazer era me inclinar para frente e conversar com as crianças. Talvez isso não pareça ser grande coisa, mas, para mim, era muito significativo. Nunca mais poderei me agachar; nunca mais serei capaz de ajoelhar e ficar na mesma altura das crianças, pois minhas pernas não me permitirão fazê-lo.

Aqui está outro exemplo. Quando vou a um restaurante do tipo drive-through, não posso pegar o troco com meu braço esquerdo. O máximo de que sou capaz é usar o braço direito atravessado na frente do corpo para alcançar o troco. Pode parecer estranho, e há mesmo quem me olhe de uma maneira esquisita, mas é o melhor que consigo fazer.

Mesmo que nenhum desses exemplos seja particularmente dramático, eles me lembram que, às vezes, as coisas que desprezamos no dia-a-dia podem ser perdidas para sempre, de uma hora para a outra, e isso nos muda para sempre.



Durante meu longo período de internação, alguém me mostrou um artigo de revista sobre um jovem que perdera a visão. Ele passou por um período de grande amargura e depressão. Escreveu que ficou tão desmoralizado a ponto de um amigo que se importava com ele ter de dizer a verdade: "Você só precisa superar isso."

Parei de ler por um momento e pensei: "Sim, isso tem tudo a ver com o jeito como eu me senti depois do acidente." O texto prosseguia, porém, falando sobre as instruções práticas que o amigo deu ao cego:

Quero que você faça uma lista de todas as coisas que ainda é capaz de fazer.

Mas que tipo de lista poderia ser? — o cego perguntou, zangado.

Apenas faça isso por mim. É claro que você não pode escrever, mas pode pegar um gravador e ditar. Só faça o que pedi: uma lista de todas as coisas que ainda é capaz de fazer. Estou falando de coisas simples, do tipo: "Eu ainda posso sentir o perfume das flores." Faça a maior lista que puder. Quando terminar, quero ouvir.

O cego finalmente concordou e fez a lista. Não sei dizer quanto tempo se passou, mas quando o amigo voltou, o cego estava sorrindo, em paz.

Parece que seu estado de espírito está bem melhor agora do que quando vi você pela última vez disse o amigo.

Está mesmo. Estou muito bem, e isso aconteceu porque eu estava fazendo a minha lista — explicou o cego.

Quantos itens você colocou na lista?

Até agora, mais ou menos mil.

Isso é fantástico.

Alguns deles são muito simples. Não há nada muito grande, mas há milhares de coisas que ainda posso fazer.

O cego havia mudado de modo tão radical que o amigo perguntou:

Diga-me o que o fez mudar tanto.

Decidi fazer todas as coisas de que sou capaz. Quanto mais pensava nisso, menos limitações eu via. Há milhares de coisas que posso fazer, e farei todas elas até o fim da minha vida.

Depois de ler aquele artigo, pensei:

E exatamente disso que preciso: parar de me lamentar, de me consumir e de querer as coisas do jeito que eram antes, ou recuperar o que eu tinha e não tenho mais. Em vez disso, preciso descobrir o que tenho agora, não só para festejar, mas também para reconhecer que não sou um inútil.

Conforme continuei a pensar naquilo, percebi que eu tinha mais coisas a meu favor do que imaginava.

Eu me concentrara tanto nas coisas perdidas que me esquecera das que ainda me restavam. E não tinha percebido as oportunidades que nunca havia aproveitado antes.

No artigo, o cego dizia algo como: "Não vou me preocupar com as coisas que não posso fazer. Vou fazer tudo o que sou capaz de fazer bem." Essas palavras pareciam bem simples.

Li esse artigo na hora certa, e as palavras me pareceram incrivelmente profundas. Deus havia me enviado a mensagem de que eu precisava no momento de maior necessidade. Foi um daqueles momentos poderosos que me levaram a dizer: "Preciso tocar a minha vida. Seja o que for que eu tiver em mãos, vou usar e potencializar ao máximo."

"O meu tempo está correndo", eu pensava, "mas o das outras pessoas também."Acho que hoje sou uma pessoa mais consciente a respeito do tempo do que outras, e isso acontece por dois motivos: primeiro, porque perdi boa parte do meu tempo por causa do acidente; segundo, porque sei que ninguém fica muito tempo nesta Terra. Como afirmam muitos hinos antigos, somos mesmo como estrangeiros de passagem por este mundo. E algo que todos sabemos pela leitura da Bíblia e de outros livros, mas o fato de me dar conta dessas coisas funcionou como um sinal de alerta para mim.

Também sei que as pessoas a quem amo estão esperando por mim no portão. Há dias nos quais mal posso esperar para voltar para lá.

Também percebo que preciso esperar até que Deus me mande de volta.

Os membros da Igreja Batista South Park ajudaram minha família na mudança enquanto eu estive internado. Vivíamos em uma cidade chamada Friendswood, a pouco mais de quinze quilômetros da igreja. Precisávamos de um lugar mais próximo à igreja, mas não encontramos nenhum. Enquanto eu estava no hospital, os líderes da igreja encontraram uma casa, alugaram, empacotaram nossas coisas e fizeram a mudança. Quando saí do hospital, entrei em uma casa que nunca tinha visto antes. Depois que a ambulância deu a ré e me transportou de maca até o leito hospitalar instalado na sala de estar transformada em quarto, fiquei olhando para nossa casa pela primeira vez.

Logo me adaptei à nova vizinhança, pois, por muito tempo, não saí da sala de estar.

Em certo sentido, a mudança para a casa alugada foi mais difícil para a minha família do que para mim. Eu percebi alguns ajustes e certas dificuldades que minha esposa enfrentou por causa de meu estado de saúde. Eva quase perdeu o emprego porque passava muito tempo comigo. Usou todas as licenças a que tinha direito. Outros professores doaram seus dias de licença para que ela pudesse ficar comigo no hospital. Com o tempo, ela também gastou todas essas licenças doadas e teve de voltar a trabalhar. Passou a ser nossa fonte principal de renda.

Por diversas vezes, os colegas de Eva na Escola Primária Robert Louis Stevenson, em Alvin corrigiram provas para ela, elaboraram os planos de aula e a substituíram quando ela saía mais cedo para me ver no hospital. Os professores chegaram a fazer pequenos presentes para entregar aos nossos filhos todos os dias e, assim, oferecer algo que mantivesse o interesse deles. Eram as

chamadas "caixinhas de surpresa".

Os colegas de Eva na escola também iam até a nossa casa, com os membros da igreja, para ajudar na limpeza e levar refeições. Se não fosse pelos professores e pela igreja, Eva certamente teria perdido o emprego, e eu também. No entanto, mesmo com tanta assistência e com todos esses presentes dados com sacrifício, continuo achando um milagre o fato de Eva e nossos filhos terem resistido aos acontecimentos da primavera de 1989.

Certa vez, quando Eva perguntou as previsões de longo prazo sobre a minha saúde, uma enfermeira respondeu: "Meu bem, você não precisa saber de tudo, é só uma esposa."

Para aquela enfermeira, ela poderia até ser "só uma esposa", mas Eva tomou para si a responsabilidade e trabalhou por nós dois depois de meu acidente. Eu sempre cuidava das contas a pagar, dos bancos, dos seguros e da maioria dos assuntos. Ela não teve outra escolha senão lidar com tudo, e fez tudo muito bem. Eva encontrou forças e desenvolveu um nível mais elevado de autoconfiança. Deus lhe deu a sabedoria necessária para ajudar a cuidar dos assuntos da família. Ela também aprendeu a ficar calma quando eu reclamava de tudo e resmungava por causa de meu longo processo de recuperação.

A igreja não deixou de pagar meu salário, mas percebemos que se tratava de uma concessão, já que eu não estava trabalhando. Nunca conversamos sobre dinheiro, mas sempre era uma possibilidade com a qual tínhamos de conviver.

Quando o estado do Texas foi condenado por causa do acidente, a lei limitou a responsabilidade em 250 mil dólares. Todo o dinheiro foi usado para cobrir as despesas hospitalares, e um quarto de milhão de dólares não deu conta de tudo.

Ironicamente, o advogado geral do Texas defendeu o homem que dirigia o caminhão que me atingiu, pois o réu era um presidiário pobre. Por essa razão, o dinheiro que pago em impostos patrocinou a defesa do estado e da pessoa que causou o acidente. Tem horas que a vida é muito estranha, não acha?

Durante os 105 dias que passei no hospital, Eva ficou com a parte mais pesada. Ela não apenas assumiu o fardo de todas as coisas em nossa casa, como acordava às seis da manhã todos os dias e fazia tudo o que fosse necessário na casa para poder chegar a tempo na escola. Assim que o horário das aulas terminava, ela corria para ficar ao meu lado na cama, onde ficava até as dez e meia da noite. Dia após dia, a mesma rotina estressante.

Uma das experiências mais desafiadoras para Eva — segundo ela — foi comprar uma van para substituir meu carro destruído no acidente. Na época, eu estava em casa e era capaz de caminhar com o aparelho de Ilizarov ainda implantado. No entanto, aquilo significava que, se eu quisesse ir a algum lugar, precisava de uma van para me transportar. Não tínhamos idéia de quanto tempo levaria até eu poder me sentar em um carro comum.

Eva nunca tinha comprado um carro na vida, mas não reclamou. Foi a uma agência, fez um test drive com uma van, escolheu um modelo e trouxe para casa. "Aqui está sua van", ela disse.

Eva me fez sentir muito orgulhoso por ela. E muito grato também.

Aprendi a dirigir novamente naquela van. Um dia, quando toda a família estava lavando o carro, saí de casa ainda usando o aparelho de Ilizarov. Quando dei a volta na van, percebi que a porta do lado do motorista estava aberta. Olhando para dentro do carro, calculei o tempo que levaria para que eu e meus treze quilos de aço inoxidável pudéssemos voltar a ocupar o lugar do motorista. Enquanto a família não estava olhando, dei um jeito de entrar e liguei o motor da van.

Minha família ficou sem ação. Eva aproximou-se da porta e perguntou:

— O que você está fazendo?

—Vou dar uma volta — eu disse, sorrindo.

— Mas você não pode — ela falou, sem acreditar naquilo que

estava vendo.

No entanto, alguma coisa me disse que, por não dirigir por quase um ano e por minha última experiência atrás do volante ter resultado em morte, eu precisava pegar no volante e guiar de novo. Era naquele momento ou nunca.

Dei a ré bem devagar e dei uma volta no quarteirão. Não dirigi por muito tempo, mas era outro marco em meu processo de recuperação. Ainda não gosto muito de carretas com dezoito rodas nem de longas pontes de duas mãos, mas, até agora, consigo chegar onde pretendo.



E claro que recaiu sobre Eva a responsabilidade de marcar todos os meus compromissos e garantir que eu consultasse meu médico duas vezes por semana. E devo admitir que eu não era uma pessoa muito fácil de cuidar. Pelo contrário, era bem difícil. Conforme minha saúde foi sendo restaurada, fui ficando mais exigente e rude (eu não conseguia perceber isso). Eva sofria tentando me agradar, embora tenha lidado muito bem com isso.

O fato é que eu era muito infeliz. Muitos dos meus problemas eram provenientes de minha sensação de total desamparo. Por muito tempo, eu não pude sequer pegar um copo de água para mim. Mesmo se eu pudesse colocar a água no copo, não conseguia beber sem ajuda. Até as tarefas mais simples faziam-me sentir um sujeito inútil.

Com freqüência, Eva tinha de tomar decisões na hora, sem conversar comigo antes. Fez o melhor que podia. Às vezes, quando ela contava o que havia feito, eu me apressava em falar como teria agido no lugar dela. Quase imediatamente, eu me dava conta de que estava sendo rude com Eva ao fazer isso, mas era tarde demais. Já tinha falado. Então eu procurava reparar o erro: "Sinto muito. Você está fazendo o melhor que pode." Eu também tentava não esquecer de que, independentemente de como eu teria lidado com determinadas situações, eu não estava em condições de resolvê-las.

Embora Eva não tenha falado muito sobre isso durante aquela época, mais tarde ela permitiu que eu lesse o que escrevera em seu diário. Uma das anotações era esta: "Don critica tudo o que eu faço. Ele deve estar melhorando."

Aquilo era engraçado e triste ao mesmo tempo. Ela sabia que eu estava ficando melhor porque comecei a tomar decisões novamente. O desejo de voltar à ativa e fazer as coisas era a medida que tinha de minha recuperação. Parecia que eu tinha o desejo de me envolver mais na vida e questionar o que estava acontecendo.

Só gostaria de ter sido um paciente melhor, facilitando as coisas para ela.



A pior parte de minha convalescença para minha família foi ter de mandar nossos filhos para morar em outras casas. Eles não eram órfãos, mas viveram com outras pessoas por mais ou menos seis meses. Nossos filhos gêmeos ficaram com os pais de Eva em Louisiana. Sei que eles não ficaram felizes por ter de mudar para tão longe. A distância fez com que os meninos se sentissem separados e isolados, mas eles lidaram relativamente bem com isso. Ainda estavam no Ensino Fundamental e, nessa idade, o processo de mudança provavelmente não foi tão complicado. Nicole, que era cinco anos mais velha e tinha treze na época, mudou-se para a casa de uma amiga e conseguiu permanecer na mesma escola. Teria sido muito mais traumático para ela mudar-se para outro lugar.

O acidente aconteceu em janeiro, e as crianças só voltaram de vez para casa em junho. Eu me sentia muito mal por não poder suprir as necessidades de nossos filhos.

Durante minhas internações, as crianças me visitavam nos fins de semana, o que era muito difícil para elas. Quando fizeram a primeira visita no hospital, um psicólogo da equipe fez algo muito simpático: ele levou os três para um dos quartos e mostrou um manequim em tamanho natural usando vários aparelhos parecidos com os que estavam implantados em meu corpo. Dessa maneira, ele podia explicar o que as crianças veriam quando entrassem em meu quarto.

Fico feliz por ele ter feito isso. Até mesmo alguns adultos que não passavam pelo mesmo tipo de preparação demonstravam claramente seu choque ao me ver pela primeira vez. No estado em que eu me encontrava, interpretava aquela reação como sendo de horror.

Quando as crianças entraram em meu quarto pela primeira vez, as três se aproximaram para me dar um abraço. Eles me amavam e queriam ver, com os próprios olhos, que eu estava bem. E claro que eu mal estava vivo; ainda assim, só o fato de vê-los me fez muito bem. A equipe médica não permitiu que ficassem por muito tempo. Por mais horrenda que minha situação parecesse, as crianças acreditaram em mim quando eu disse que melhoraria.

Depois que eles se foram, Eva voltou para a UTI. Não me lembro disso — na verdade, não me lembro de muita coisa desse período. Contou-me que olhei para ela através da máscara de oxigênio e disse: "Temos os melhores filhos do mundo."

Nunca achei que meus filhos tivessem sentido falta de alguma coisa, mas, de vez em quando, tinha a impressão de que se ressentiam de mais convívio com o pai.

Quando finalmente saí e passei a caminhar, lembro-me de tentar brincar com as crianças, embora eu soubesse que não podia dar mais do que um passo ou dois. Se um deles jogava uma bola que estivesse fora de meu alcance imediato, eu deixava passar. Eles ficavam muito chateados com isso.

Eu sentia que minha limitação física não permitia a eles aproveitar bem a brincadeira, por isso paramos de fazer essas atividades. Embora não dissessem, eu sabia que não queriam me ver correndo o risco de cair — apesar de isso ter acontecido.

Da mesma forma, os meninos gostam de surfar e, antes do acidente, eu surfava com eles. Depois que passei a caminhar e dirigir, em várias oportunidades coloquei os garotos e as pranchas na van e os levei até o golfo, mas não podia acompanhá-los. Só ficava assistindo. Eles pareciam compreender a situação, mas, mesmo assim, era muito difícil para mim.

Não tenho dúvida de que havia muitas coisas que meus filhos provavelmente queriam fazer, mas eles nunca comentavam por medo de medo de me co-locar em uma situação que implicasse fazer algo que pudesse me machucar. Por isso, acho que meus filhos sentiram falta de algumas atividades típicas dos meninos em fase de crescimento.

Nicole, por ser menina, tinha aquela coisa de "papaizinho". Era nossa filha mais velha. Demonstrava seus sentimentos de maneira bem diferente de Joe, que é um menino muito emotivo. Chris é o garoto racional, embora muito sensível, e não demonstra o que sente tão facilmente quanto o irmão gêmeo.

Enquanto eu escrevia este livro, pedi aos meus filhos que me contassem como o acidente afetou a eles e à nossa família, e o que mudou na maneira de me verem. Quando o acidente aconteceu, em 1989, Nicole tinha treze anos. Aqui está a resposta dela:

O maior impacto na minha vida foi ter de viver longe de meus pais por muitos meses. Nesse período, eu morei com a família Mauldin, que era de nossa igreja. O acidente me ensinou a gostar mais de minha família. Sou muito chegada a todos eles porque vi como eu era uma pessoa de sorte por fazer parte de uma família tão maravilhosa.Também sinto que sou capaz de ajudar pessoas em situação de crise porque aprendi desde cedo como usar a oração e contar com os amigos para me ajudar a enfrentar os tempos de dificuldade. Por causa disso, passei a olhar a vida de um modo diferente. Desde cedo, eu já era capaz de perceber que a vida é preciosa, que temos de aproveitar cada momento.

Sinto que nossa família se aproximou muito por causa do acidente. Também sinto que cuidamos mesmo um do outro, e que seríamos capazes de fazer qualquer coisa pelos membros de nossa família. Os meninos e eu temos uma ligação especial que não costumamos ver entre irmãos e irmãs. O acidente e a recuperação de papai nos ensinou a cooperar um com o outro. Mamãe ficou muito mais forte e independente, pois papai nao tinha como cuidar das coisas como sempre fazia. Só queria que ele não tivesse de passar por tudo isso para nos aproximar mais.

Depois que papai se machucou tanto, vi pela primeira vez que ele era uma pessoa vulnerável. Antes do acidente, ele parecia indestrutível. Desde então, passados alguns anos, vi que o acidente o tornou um homem ainda mais forte. Ele pode até ter se machucado fisicamente, mas passou a ser a pessoa

mais forte que conheço em termos espirituais e emocionais. Passar pelo que ele passou e ainda continuar sendo um servo de Cristo amoroso e dedicado é algo impressionante.

Por muito tempo eu fiquei zangada por causa do acidente, mas cresci e percebi como somos pessoas de sorte por ainda ter meu pai. Além disso, o que aconteceu nos uniu mais. Se ele tivesse morrido naquele acidente, não sei se eu conseguiria passar pelos momentos mais difíceis de minha vida. Receber conselhos de alguém que esteve no céu, sobreviveu a tantas cirurgias e está vivo para contar essa história, é algo muito especial. Agora eu presto ainda mais atenção no que ele tem a dizer.

Joe tinha oito anos na época do acidente, e foi assim que ele respondeu:

Minha primeira lembrança foi a de uma professora amiga de minha mãe me buscando na escola. Quando vi mamãe chorando, sabia que alguma coisa muito ruim tinha acontecido.

Lembro-me de ir ao hospital para ver o papai. Eles nos mostraram um boneco preparado para ficar com o mesmo aspecto do papai. Por isso, quando entramos no quarto, já estávamos preparados. Foi muito difícil vê-lo naquele estado. Não ficamos ali por muito tempo, o que foi melhor para mim, pois não gostava de ver papai daquele jeito. Chris e eu tivemos de nos mudar para a casa de nossos avós, em Louisiana. No início, eu achava legal, mas depois comecei a sentir falta da minha família. Fico feliz por meu irmão gêmeo ter ido comigo. Todo fim de semana íamos de carro de Bossier City até Houston. Aquilo logo ficou muito chato.

O pior a respeito do acidente foi que, enquanto outras crianças iam acampar e pescar com os pais, eu não podia fazer essas coisas. Ainda penso muito sobre tudo isso até hoje. Às vezes, me sinto meio zangado, enganado ou deprimido. Mas, nos últimos anos, fui acampar e pescar com meu pai. Não tenho certeza se ele percebe como fico feliz com isso. Por meio dessa experiência, vi como muita gente amava e se importava com nossa família. Se não tivéssemos Deus em nossa vida, não sei como teríamos enfrentado tanta coisa.

Esta é a resposta de Chris:

Quando se tem oito anos de idade, o pai é um super-herói. E invencível. Quando fiquei sabendo do acidente de papai, não achei que fosse tão sério quanto foi de fato. Mamãe estava perturbada quando me deu a notícia. Ela não conseguiu esconder as lágrimas. Mas papai era forte e eu nunca o tinha visto chorar. Mesmo quando o vi cercado por aparelhos de monitoração, na UTI, preso a uma máscara de oxigênio e quase sem condições de falar, esperava que ele voltasse para casa em uma semana.

Eu não estava presente na maioria das vezes que ele passou pelas principais cirurgias. Alguns dias depois do acidente, fui morar com meus avós. Só via meu pai nos fins de semana. Nesses breves encontros, comecei a compreender como ele havia se machucado, tanto física quanto espiritualmente.

Fiquei impressionado com os mecanismos de metal em volta do braço e da perna esquerda de papai, pois sabia que provocavam uma dor imensa. Ele parecia muito esgotado, como se tivesse acabado de acordar, ou talvez nunca conseguisse dormir. Ás vezes, eu tinha a impressão de que ele preferia não ter ninguém no quarto do hospital. Mesmo não sabendo muita coisa sobre depressão, eu sabia que ele estava sofrendo com esse problema.

A primeira coisa que eu fazia a cada visita era me aproximar bem devagar e colocar meus braços em volta dele. Eu o abraçava com muito cuidado. Pela primeira vez em minha vida, ele pareceu frágil. Mesmo quando recebeu alta e voltou para casa, continuei a fazer a mesma coisa: chegava da escola e abraçava o papai. Aquilo servia tanto para me dar segurança quanto para confortá-lo. Espero que tenha alcançado os dois objetivos.

Conforme eu e meu irmão, Joe, crescíamos e meu pai ia se recuperando, nos tornamos mais interessados em esportes ao ar livre. Papai fazia o melhor que podia para nos acompanhar. Eu me lembro de ficar chateado por jogar algumas bolas muito longe do alcance de meu pai. Ele tropeçava e, às vezes, caía. Em várias ocasiões, eu tive de segurar minhas lágrimas. Tenho certeza de que ele fazia a mesma coisa. Mas, do ponto de vista emocional, papai sempre me apoiou. Ele está sempre interessado no que os filhos fazem. Afinal de contas, acho que, até certo ponto, nós fazemos seu retorno do paraíso valer a pena.

A família se uniu ainda mais como resultado do acidente. Todos nós assumimos papéis diferentes, além das necessidades fundamentais. Mamãe passou a tomar todas as decisões e disciplinar os filhos enquanto meu pai se recuperava. Fiz o melhor que pude para ser o homem da casa. Às vezes, eu era muito chato e brigão, mas cresci e melhorei. Aprendi a confiar nos outros na mesma proporção que confiavam em mim. Nicole cuidou de mim e de Joe tão bem quanto pôde.

Papai sofreu de depressão durante anos depois do acidente — ainda sofre um pouco. Talvez já lutasse com isso antes do acidente, mas se o fazia, nunca notei. Papai é uma pessoa muito independente, e raramente compartilha suas angústias com a família. Acho que sou assim também.

Aqui está a resposta de Eva, que mostra como a percepção dela em relação a mim mudou:

Eu fiquei mais surpresa com a falta de determinação de Don nos dias que se seguiram ao acidente. Ele sempre fora um lutador, uma pessoa que sempre se esforçava e incentivava os outros a fazer o mesmo. Quando o vi ali, incapaz de tentar respirar direito, foi quase como se eu não o conhecesse. A depressão também passou a ser outro aspecto a ser considerado. Aprendi a reconhecer os sinais de aproximação dos maus momentos. É muito pior quando a dor aumenta; ele não dorme, e o estresse fica maior.

Ao longo dos anos, aprendi que, se eu deixar Don sozinho, com o tempo ele volta a se acalmar. Quando eu queria falar alguma coisa muito importante que ele não tinha interesse em ouvir, precisava me segurar; em algumas ocasiões, não conseguia.

Hoje em dia, não o vejo como uma pessoa fisicamente limitada, embora saiba que ele é e sempre será. Don faz tudo em um ritmo que torna fácil, para mim, esquecer sua dor e suas limitações. Meu marido é mesmo uma pessoa notável.



Provavelmente meus filhos tinham mais confiança em minha recuperação do que eu. Eles nunca me

viram passando pela fisioterapia, sofrendo com as dores, vomitando porque ficava doente. Nem me viram tentando ficar de pé muito rápido. Procuramos mantê-los longe disso tudo. Eva me viu nas piores situações, mas preservou as crianças o quanto pôde.

Embora não admitam, a crianças provavelmente sentiram falta da figura paterna naquele período, especialmente os gêmeos. Por terem apenas oito anos, eles sentiram falta de minha presença em um momento importante de seu desenvolvimento. Não podia ensiná-los a jogar bola ou acampar.

Quando olho para trás, acho que o acidente afetou meus pais de um modo mais profundo que qualquer outra pessoa. Na verdade, eles ficaram devastados. Sou o mais velho de três filhos, e todos nós sempre fomos saudáveis. Então, de repente, quando cheguei aos 38 anos, eles ficaram tristes e se sentiram incapazes de fazer alguma coisa por mim. Durante muito tempo, eles pensaram que eu provavelmente morreria.

Meu pai era um militar de carreira, e minha mãe teve de aprender a lidar com quase todo tipo de situação. Mas quando eles foram me ver na primeira semana que passei no hospital, ela desmaiou. Meu pai a segurou e ajudou a tirá-la do quarto. Ela não estava preparada para me ver em um estado tão ruim. Não tenho certeza de que alguém pudesse se considerar preparado para aquilo.

Mesmo hoje, não sei se minha mãe se recuperou totalmente do choque causado por meu acidente. Mas guardo duas de muitas belas lembranças da dedicação de meus pais.

Primeiro, durante o verão que se seguiu ao acidente, como se Eva já não tivesse muita coisa com que se preocupar, ela decidiu levar a juventude de South Park para o acampamento. Enquanto eu era fisicamente capaz, aquela era a minha função. Mas ela assumiu a responsabilidade com prazer. Isso significava que alguém teria de ficar comigo enquanto ela estivesse fora.

Minha mãe concordou na mesma hora, com satisfação. Quando chegou a semana do acampamento dos jovens, Eva deixou-me na companhia de minha mãe. Ela preparava as minhas refeições diariamente, e eu estava muito feliz com a sua presença. Mas eu temia por uma tarefa diária: minha mãe seria obrigada a esvaziar o patinho e a comadre. Veja bem, sei que ela trocava minhas fraldas quando eu era um bebê, mas já havia se passado muito tempo desde então.

Lembro-me da primeira vez que tive de pedir a ela para me trazer a comadre. Ela reagiu como se fosse a coisa mais natural do mundo. Depois que terminei, sofri muito antes de dizer que tinha acabado.

Ela me poupou do constrangimento, perguntando se eu havia acabado. Só balancei a cabeça afirmativamente. Ela pegou a comadre, levou ao banheiro e, em seguida, ouvi um dos sons mais marcantes de minha vida. Depois que ela entrou no banheiro e deu a descarga, ouvi sua voz cantando. Apesar de estar executando uma das tarefas mais constrangedoras de que uma pessoa é capaz, ela cantava enquanto lavava a comadre. Era como se toda a maternidade estivesse resumida naquele instante. Mais uma vez, minha mãe estava fazendo algo pelo filho que ele não era capaz de fazer por conta própria. Ela se sentia feliz e realizada. Vou guardar para sempre essa lembrança, pois ela resume a devoção de que só uma mãe é capaz.

Segundo, lembro-me de um momento particular que vivi com meu pai, igualmente intenso e dramático. Certo dia, depois de mais uma viagem de quatrocentos quilômetros para me ver por uma

tarde no Hospital St. Luke's, meus pais estavam se preparando para pegar a estrada de volta para casa, perto de Bossier City.

Por alguma razão que não me recordo, mamãe saiu do quarto. A sós comigo, meu pai se aproximou de minha cama e segurou minha mão direita, único membro que não havia sofrido nenhuma fratura, em sua mão que o tempo engrossara. Ele inclinou-se para ficar mais perto de mim e, cheio de emoção e sinceridade, disse: "Eu daria tudo o que pudesse para trocar de lugar com você."

Ele é meu pai, e mais do que em qualquer outro momento, percebi o quanto ele me ama.

Meu médico me disse repetidas vezes: "Tudo o que fizemos por você foi o melhor que pudemos. Não conte com uma vida muito longa e produtiva. Por causa da artrite e de muitas outras complicações, você enfrentará uma enorme batalha para manter até a mobilidade que tem hoje."

Ele sabia o que estava dizendo. Quinze anos se passaram depois do acidente quando escrevi este livro. Já comecei a sentir o começo da artrite. As mudanças de tempo me afetam; fico cansado com mais facilidade. Parte disso pode ser decorrente da idade, mas acho que se trata de reflexos do fato de eu ter de usar minhas pernas e meus joelhos de uma maneira diferente daquela que Deus projetou.

Mesmo hoje em dia, meu joelho esquerdo é hipertrofiado, por isso, se alguém chega por trás e, sem querer, me dá uma pancada nas costas, preciso me segurar, senão contínuo seguindo em frente. Não consigo manter meu joelho no lugar para evitar perder o equilíbrio e cair para frente.

Tentei fazer graça de tudo isso com piadas do tipo: "Já caí em alguns dos melhores lugares do Texas"; ou: "Pensei em fazer umas plaquinhas com os dizeres: 'Don Piper caiu aqui'."

Certa vez, dirigi uma conferência ao ar livre no interior do Texas. O chão não era plano. Eu estava caminhando quando, de repente, caí. Não me machuquei, mas caí três vezes no primeiro dia.

Apesar de tudo o que fizeram por mim, uma de minhas pernas é 2,5 centímetros mais curta que a outra. Só isso já faz com que minha coluna seja torta. Aliás, ela está começando a se deteriorar, assim como as articulações do meu quadril. Meu cotovelo esquerdo ficou tão comprometido que não posso esticá-lo. Os médicos fizeram tudo o que lhes foi possível, incluindo várias cirurgias. O cotovelo fraturou por dentro, e quando as partes se juntaram de novo, não permitiram mais que eu o esticasse. Usando os termos do próprio médico, "é uma junta firme demais".

Um problema como esse, ele explicou, não é fácil de resolver. Quando fica comprometido, é muito complicado consertar.

Isso tudo faz parte de minha nova versão de normalidade.



Certa vez, depois de uma consulta ao consultório do Dr. Tom Greider, ele pediu para falar comigo em particular. Apesar de ser um especialista muito solicitado, senti que ele tinha interesse real em

meu caso, e conversamos sobre muitas coisas. Por mero capricho, perguntei:

—Tom, até que ponto eu estava mal quando me trouxeram para o

hospital no dia do acidente?

Ele não hesitou para responder:

—Já vi casos piores...

Ele fez uma breve pausa, inclinou-se sobre a mesa e prosseguiu:

— ... Mas em nenhum deles a pessoa sobreviveu.

Tive de descobrir maneiras diferentes de fazer as coisas. No entanto, estou vivo e pretendo servir a Jesus Cristo por todo o tempo de existência que me resta. Mesmo assim, já sei o que espera por mim mais adiante.

Estou pronto para deixar esta Terra a qualquer momento.

Capítulo15

Tocando vidas

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo,
Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, que
nos consola em todas as nossas tribulações, para que,
com a consolação que recebemos de Deus, possamos
consolar os que estão passando por tribulações.
2 Coríntios 1:3,4

Às vezes, ainda pergunto a Deus por que não me foi permitido ficar no céu. Não tenho uma resposta para essa pergunta. Descobri, porém, que Deus atraiu à minha vida pessoas que precisavam de mim ou de ouvir minha mensagem, dando-me a oportunidade de tocar sua vida.

Em uma das primeiras vezes em que consegui ministrar a alguém em virtude de meu acidente foi quando me convidaram para pregar em uma grande igreja. Eu deveria falar especificamente sobre minha viagem ao céu. Uma mulher que se sentou à frente, à minha esquerda, começou a chorar logo depois que comecei a pregar. Eu podia ver as lágrimas correndo por sua face. Assim que a reunião terminou, ela correu na minha direção e segurou firme a minha mão.

Minha mãe morreu na semana passada - ela contou.

Sinto muito por sua perda... - falei.

Não, não, o senhor não entendeu. Deus o enviou aqui esta noite. Eu precisava dessa confirmação para me sentir mais segura. Não que eu tenha deixado de acreditar no céu, mas meu coração ficou muito pesado por causa da perda. Agora sinto-me muito melhor. Ela está em um lugar melhor. Oh, reverendo Piper, eu precisava ouvir o que o senhor falou esta noite.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ela me abraçou e completou:

- Deus também me enviou aqui esta noite porque eu precisava dessa confirmação. Veja bem, eu acreditava e sabia, pois sou uma cristã e minha mãe também era. Contudo, eu tinha de ouvir suas palavras esta noite. Precisava saber mais sobre o céu de alguém que esteve lá.

Até onde me lembro, ela foi a primeira pessoa a falar comigo daquele jeito, mas, com certeza, não foi a última. Vi esse tipo de reação centenas de vezes. Ainda fico impressionado por saber que posso ser uma bênção na vida de tanta gente só por compartilhar minha experiência.

Para aqueles que já crêem, meu testemunho é uma forma de confirmação para os céticos, serve para abrir-lhes o coração, pois precisam levar Deus mais a sério.

Dois anos depois do acidente, quando eu ainda usava muletas para andar, levei um grupo de jovens da igreja a uma conferência na Primeira Igreja Batista em Houston. Dawson McAllister, o orador era um ótimo professor de jovens. Ele é tão popular que o lugar ficou lotado.

Como acontece quando se trabalha com adolescentes, saímos atrasados da igreja South Park. Eu não disse nada, mas fiquei muito irritado com o atraso. Queria chegar mais cedo porque sabia que os melhores lugares estariam ocupados se não conseguíssemos chegar lá com, pelo menos, uma hora de antecedência.

Tentei não demonstrar, mas ainda estava aborrecido quando chegamos à Primeira Igreja Batista em Houston. Quando entramos no imenso prédio, vimos (como eu já esperava) que todos os assentos do andar térreo estavam ocupados. Teríamos de subir as escadas.

Resmunguei só de pensar em ter de caminhar mais. Embora eu tivesse mobilidade, ter de usar suportes e sofrer a pressão das muletas sob as axilas me cansava muito. Para piorar, o elevador não estava funcionando. "Se aquela pessoa não tivesse atrasado", continuei pensando, "eu não teria de subir toda essa escadaria com tanta dificuldade."

Não era apenas uma questão de ter de me arrastar pelas escadas: o auditório estava tão lotado que só sobravam os assentos das últimas fileiras. Nossos jovens, é claro, subiam à frente para ocupar as cadeiras. Eles prometeram guardar uma para mim no fim. Contei 1 SO degraus enquanto fazia aquele trajeto torturante até a parte mais alta.

Quando finalmente alcancei o topo, estava completamente exausto. Mal conseguia vencer o último lance de escadas e cruzar a parte de trás do auditório para sentar no lugar que os garotos haviam reservado para mim. Antes de me sentar (algo que também demandava um grande esforço), descansei encostado na parede. Enquanto procurava recuperar o fôlego, perguntei a mim mesmo: "O que estou fazendo aqui?"

Eu poderia ter pedido para outros adultos levarem a garotada, mas queria muito estar com eles. Desejava ser útil novamente. Também sabia que aquele seria um evento muito empolgante para a juventude, e eu queria fazer parte do momento. O lugar foi tomado pelos jovens, que gargalhavam ruidosamente e gritavam uns com os outros. Eles estavam prontos para serem abençoados e desafiados, mas, naquele momento, não pensei nos garotos nem quanto eles aproveitariam a reunião. Pensei apenas em como estava me sentindo exausto.

Foi nessa hora que a autocomiseração tomou conta de mim. Conforme continuava encostado na parede, olhei demoradamente todo o auditório. A certa distância, vi um adolescente em uma cadeira de rodas. Ele estava sentado com a cabeça apoiada entre as mãos, de costas para mim. Quando olhei para ele, eu sabia que tinha de ir até lá e falar com aquele rapaz. De repente, parei de ponderar minhas ações e me esqueci do fato de estar cansado.

Apoiei minhas muletas contra a parede e então, bem devagar e com muito sacrifício, fiz o trajeto até o lugar no qual ele estava sentado, alguns degraus abaixo. Era um garoto grande, bonito, talvez na faixa dos dezesseis anos. Quando me aproximei, percebi que precisava conversar com ele. O jovem

usava um aparelho de Ilizarov que eu não conseguira distinguir de onde eu estava antes, quando o vi pela primeira vez. Meu cansaço desapareceu e, com ele, minha raiva e a pena que antes sentia de mim mesmo. Era como se estivesse me vendo naquela cadeira de rodas e repassando todo o calvário de dor dos meses anteriores.

Ele estava olhando para outra direção quando coloquei minha mão sobre seu ombro. Ele virou a cabeça e me encarou.

- Isso dói de verdade, não é? - perguntei.

Ele olhou para mim como se dissesse: "Que tipo de maluco você é?" Em vez disso, respondeu:

Sim, dói bastante.

Eu sei - comentei, dando-lhe um tapinha nas costas. -Acredite em mim, eu sei o que é isso.

Sabe mesmo? - reagiu, admirado.

Sim, sei. Também usei um desses.

É horrível.

Sei disso. E simplesmente horrível. Usei um em minha perna esquerda por onze meses.

Ninguém consegue entender - ele comentou em um tom melancólico.

Ninguém. Não é uma coisa da qual podemos falar com a certeza de que as pessoas entenderão o que é essa dor.

Pela primeira vez consegui distinguir alguma coisa no olhar daquele garoto. Talvez fosse esperança, ou então apenas uma sensação de paz por finalmente ter encontrado alguém que soubesse do sofrimento pelo qual ele estava passando. Havíamos nos identificado, e me senti privilegiado por estar de pé, perto dele.

- Meu nome é Don - eu disse -, e você acaba de conhecer alguém que entende a dor e a falta de ânimo pelos quais você está passando.

Ele ficou olhando para mim, e então seus olhos marejaram.

- Não sei se vou conseguir - falou.

-Vai conseguir, sim. Acredite em mim, você vai conseguir. -Talvez.

- O que aconteceu?

Foi então que percebi: a cirurgia dele não havia sido por opção.

- Sofri um acidente quando estava esquiando.

Notei que ele estava usando uma jaqueta de couro e perguntei: -Você é jogador de futebol americano?

- Sim, senhor.

Contei a ele, de forma resumida, como havia sido o meu acidente, e ele me falou mais a respeito do que lhe acontecera.

- Vou dizer uma coisa a você - eu disse. - Um dia você voltará a andar.

Vi incredulidade no rosto do garoto.

- Pode ser que não consiga mais jogar futebol, mas voltará a andar - insisti, entregando a ele um cartão de apresentação. - Meu número de telefone está neste cartão, e você pode me ligar a hora que quiser, do dia ou da noite, 24 horas por dia.

Ele pegou o cartão e ficou olhando.

-Vou voltar para cima, onde estão os meus garotos - comentei, apontando para o lugar onde eles estavam sentados. - Quero que você fique olhando para mim. Enquanto estiver me vendo, saiba que, um dia, você voltará a andar também.

Eu dei uma gargalhada e completei:

- E aposto que conseguirá andar melhor do que eu.

Ele se ergueu e puxou-me para um abraço longo e apertado. Eu podia sentir a respiração contida e a luta que ele travava para segurar as lágrimas. Por fim, ele parou de me abraçar e agradeceu.

- Você acaba de encontrar alguém que entende seu sofrimento - eu disse. - Por favor, ligue para mim.

Aquele garoto precisava de alguém que o compreendesse. Não sei dizer se eu tinha muita coisa a oferecer, mas passara por experiência semelhante e poderia conversar com ele sobre a dor. Se não tivesse passado por tudo aquilo, eu só me limitaria a dizer ao rapaz: "Espero que você se sinta melhor. Você ficará bem" - palavras bem-intencionadas que a maioria das pessoas costuma usar.

Quando cheguei à fila mais alta de cadeiras, meu corpo inteiro estava banhado de suor devido ao esforço, mas não estava muito preocupado com isso. Virei-me e reparei que ele ainda olhava para mim. Sorri e acenei, e o garoto correspondeu. O abatimento e o desespero haviam desaparecido de sua face.

Ao longo dos seis meses seguintes, recebi três ligações daquele jovem, duas delas apenas para conversar e outra, tarde da noite, quando ele se sentiu muito desanimado. Sempre me lembrarei das ligações: um peregrino batalhador conversando com outro.

Certa vez, uma emissora de televisão de Houston me convidou para participar de um programa de entrevistas ao vivo. Enquanto eu esperava na sala de estar, o produtor entrou e começou a explicar como funcionava o programa. Falou sobre algumas perguntas que me seriam feitas:

Tudo bem - eu disse. - Quem mais será entrevistado no programa?

O senhor - ele respondeu.

Espere um minuto. Vocês farão um programa de uma hora só comigo?

Sim, isso mesmo.

Fiquei pensando sobre o que eu falaria durante uma hora. Meu processo de recuperação ainda era muito recente e, naquela época, eu ainda não tinha idéia do interesse que as pessoas poderiam ter em meu relato. O médico havia acabado de remover o aparelho de Ilizarov, e eu estava usando suportes e muletas. Tinha levado fotos minhas do período que passei internado, que eles mostraram na televisão. Também levei o aparelho de Ilizarov.

Quando a entrevista na TV começou, contei a minha história. O apresentador do programa fez as perguntas. Aquela hora passou muito rápido. Enquanto eu ainda estava sendo entrevistado ao vivo, uma mulher ligou para a emissora de TV e insistiu: "Preciso conversar com o reverendo Piper imediatamente."

Eles não poderiam interromper o programa, mas assim que a entrevista terminou, alguém me passou um pedaço de papel com o número do telefone daquela mulher. Liguei para ela.

O senhor tem de conversar com o meu irmão - ela disse.

Qual é o problema dele? - eu quis saber.

Ele se envolveu em uma briga de bar, e outro homem puxou uma arma e acabou com a perna dele. Hoje ele usa um desses aparelhos como o que o senhor costumava ter implantado na perna.

É claro que conversarei com ele. Onde está o seu irmão? - perguntei.

Está em casa, na cama.

Informe o endereço dele que irei...

Ah, não, o senhor não deve vir. Ele é uma pessoa má, vive com raiva de tudo. E é muito violento. Ele não conversa com ninguém que queira vê-lo.

Ela me deu o número de telefone e orientou:

- Por favor, ligue para ele. Mas meu irmão está perturbado demais.Tenho certeza de que ele vai xingar o senhor. Provavelmente vai desligar o telefone na sua cara, mas ligue novamente. Por favor.

Assim que voltei para casa, liguei para o irmão daquela mulher e apresentei-me. Antes que eu terminasse a terceira frase, ele fez exatamente o que ela havia antecipado. Gritou comigo. Berrou e usou praticamente todos os palavrões que eu já tinha ouvido na vida. Repetiu aquela lista de impropérios várias vezes. Quando ele parou, eu disse, calmamente:

- Eu também usei uma dessas coisas que você tem em sua perna. O fixador.

Ele ficou calado por alguns segundos. Então eu disse:

Eu usei um desses aparelhos de Ilizarov na minha perna esquerda. Sei bem pelo que você está passando.

Cara, isso está me matando. Dói o tempo todo. É simplesmente...

Ele voltou a falar de maneira ostensiva, como se não tivesse me ouvido, destilando a raiva por meio de mais uma infinidade de palavrões. Quando parou de novo, eu disse:

-Eu compreendo como é ter de usar uma coisa dessas.

-Você não usa mais? - ele quis saber.

-Não, finalmente me livrei disso. Se você fizer o que recomendam,

um dia também se verá livre do seu.

Não parecia um grande consolo, mas foi a única coisa que me veio à mente.

Se eu tivesse a ferramenta apropriada, tiraria isso de minha perna agora mesmo - ele disse.

Se você tirar, então é melhor cortar a perna junto, pois esse aparelho é a única coisa que consegue sustentá-la.

Sei disso, mas essa dor está me matando. Não consigo nem dormir...

Em seguida, ele voltou a reclamar, dizendo que era uma pessoa miserável e que detestava tudo.

Foi então que me ocorreu uma coisa, e resolvi interrompê-lo:

Como está a sua perna? Parece que fica mais quente perto dos orifícios por onde passam as hastes, não é? Sua pele fica toda da mesma cor? Há alguns orifícios que doem mais do que os outros?

Sim, é isso mesmo - ele respondeu. - Um deles, em especial. Cara, isso dói demais.

Sua irmã ainda está por aí?

Quando ele disse que estava, pedi que a chamasse ao telefone. Ele não contestou, então ela pegou o fone.

Obrigado - ela disse. - Agradeço demais...

Ouça o que vou dizer - falei, interrompendo o agradecimento -, quero que você ligue para uma ambulância agora mesmo. Pegue o seu irmão e leve até um hospital o mais rápido possível. Ele tem uma infecção muito séria na perna. Se não chegar logo no hospital, vai perder a perna.

O senhor acha?

Estou dizendo. Ele tem todos os sintomas. É provável que ele esteja com febre também. Você já mediu a temperatura dele?

Sim, é isso mesmo. Ele está com febre.

Leve-o ao hospital imediatamente. Depois ligue-me de novo.

No dia seguinte, ela telefonou:

Puxa, o senhor tinha razão! Ele está com uma infecção, e a situação era muito ruim. Ministraram vários antibióticos. Disseram que ele chegou em cima da hora. Hoje meu irmão está bem melhor.

Presumo que ele ainda esteja na unidade de isolamento - comentei.

Quando ela confirmou, eu disse:

-Vou até lá para vê-lo.

Como sou pastor, eu podia entrar para visitar os pacientes. Fui até o hospital, conversei com ele e oramos juntos. Com o tempo, aquele rapaz se converteu a Jesus Cristo.

Se eu não tivesse participado daquele programa de televisão e se a irmã dele não estivesse assistindo, o rapaz teria perdido uma perna e ainda correria o risco de morrer. Deus não só me usou para salvar a vida física daquele jovem, como também fui instrumento de sua salvação. Essa foi apenas mais uma evidência de que Deus ainda queria me usar para realizar muitas coisas nesta Terra.

Na mesma hora, reconheci o problema do rapaz porque havia acontecido comigo enquanto eu ainda estava internado. Peguei uma infecção que piorou muito a dor. Eu pensava que aquilo fazia parte do processo, mas uma enfermeira descobriu a infecção em um dos orifícios pelos quais passavam as hastes.

Lembrei-me, então, de que, dias antes, uma das enfermeiras aparentemente havia contaminado os orifícios. Era uma pessoa muito rude. Nunca demonstrava o mesmo cuidado do restante da equipe. Ela entrava no quarto e fazia seu trabalho, mas agia como se estivesse aborrecida por ter de tratar do meu caso.

Eles usavam hastes flexíveis de algodão para fazer a limpeza, e foram instruídos a usar uma haste para cada orifício. Eu notei que, certa vez, essa enfermeira não usou esse procedimento, provavelmente por ser bem mais rápido usar uma haste só. Aquilo nunca me preocupara até um dos orifícios inflamar. A dor adicional era resultado da preguiça da enfermeira mal-humorada. Quando eles descobriram a infecção e notaram a elevação de minha temperatura, me levaram correndo até a unidade de isolamento, onde fiquei por duas semanas. Enquanto fiquei lá, ninguém pôde me visitar.

Eva reclamou e contou ao médico o que havia acontecido. Nunca mais vi aquela enfermeira, por isso não sei se ela foi despedida ou transferida.

Por mais que eu goste de falar em público, em poucas vezes me senti tão empolgado quanto no dia em que seria orador na Universidade Estadual de Lousiana (LSU, a sigla em inglês), onde me formei. Minha esposa e eu nos conhecemos lá, e dois de nossos filhos também haviam estudado naquela instituição.

Uma das organizações que trabalham dentro do Campus, e na qual eu já havia falado em muitas ocasiões, é o Ministério Acadêmico Batista (BCM, a sigla em inglês). Durante o período em que Nicole estudou na LSU e trabalhou na BCM, a organização me convidou para ser o orador. Saber que ela estaria na platéia tornou a experiência ainda mais agradável.

Entre as diversas atividades no campus patrocinadas pela BCM. havia uma reunião de adoração nas noites de quinta-feira chamada TNT. O comitê me pediu para falar sobre o meu acidente.

Os estudantes anunciaram minha palestra por todo o campus desta maneira: "O morto vai falar." Como apareceu muita gente, eles programaram dois cultos consecutivos. Enquanto eu falava, a platéia parecia magnetizada com a história de um homem que morrera e voltara a viver. Falei sobre o céu, as orações respondidas e os milagres. Contei a eles que cantei 0 grande amigo no carro, acompanhando Dick Onerecker.

Ao fim de cada reunião, o grupo de música conduzia a platéia naquela canção tão significativa. Eu não sabia que eles fariam isso. Não tenho dúvida de que foram guiados pelo Espírito Santo para fazer aquilo, e 0 grande amigo continua sendo uma música que me emociona muito quando a ouço ou canto.

Depois disso, um grande número de estudantes me cercou para fazer várias perguntas. Entre eles havia um estudante negro chamado Walter Foster. Ele fez muitos questionamentos, assim como permaneceu para ouvir as questões levantadas pelos outros alunos. Quando deixei o auditório, Walter me seguiu. Embora eu não me importasse, achei que estava me perseguindo com muita determinação - como se não soubesse de detalhes suficientes sobre o céu, ou não tivesse ouvido o que precisava a respeito de minha experiência.

Alguns meses depois, Nicole me telefonou: "O senhor se lembra de Walter Foster?" A voz de minha filha embargou; ela começou a chorar. Quando comentei que me lembrava dele, ela disse: "Ele... ele morreu. Teve um enfarte! Foi fulminante. Morreu na mesma hora."

Aparentemente Walter sabia que tinha um sério problema cardíaco, pois estava sob cuidados médicos; todo mundo acreditava que ele estava seguindo todas as recomendações. Obviamente, a morte de Walter chocou todos os estudantes que o conheciam.

"Um estudante de 22 anos não era para morrer assim", comentou um de seus amigos.

Depois de eu desligar o telefone, lembrei o dia em que conheci Walter. Fiquei imaginando se ele tivera uma premonição em relação à própria morte. O fato de ele ter me seguido o tempo todo em que estive na LSU e me assediado com uma infinidade de perguntas sobre o céu me deixou pensativo. As questões que ele levantou pareciam ultrapassar a simples curiosidade. "Talvez", pensei, "Deus o estivesse preparando para a jornada que faria para o lar celestial."

A morte súbita de Walter arrasou os amigos, especialmente os envolvidos com o Ministério Acadêmico Batista. Tratava-se de um grupo muito unido, e todos lamentaram a morte daquele companheiro querido. Na noite posterior à morte do rapaz, todos se reuniram no prédio do BCM - o lugar do qual Walter mais gostava.

Durante aquela noite, em um encontro cheio de emoção, vários amigos falaram minuciosamente sobre como tinha sido significativo para Walter o fato de eu ter compartilhado minha experiência sobre o céu. Muitos mencionaram o entusiasmo que ele demonstrou com tudo o que ouvira no dia de minha palestra. Durante muitos dias depois, ele ainda falava sobre o assunto.

"Por diversas vezes, no dia em que o reverendo Piper esteve aqui", um deles disse, "Walter me falou: 'Um dia, sei que também estarei no céu!'"

Por causa de afazeres na igreja, não pude comparecer ao culto em memória de Walter na Primeira

Igreja Batista de Baton Rouge. Nicole representou a nossa família e falou naquela noite sobre a celebração da vida de Walter. Os amigos fizeram dois pedidos especiais: que o orador compartilhasse a mensagem do evangelho e que alguém cantasse uma música em particular. E claro que foi 0 grande amigo. A platéia descobriu o significado especial daquele hino na vida de Walter.

Nicole, uma especialista em música pela LSU e excelente solista, cantou a música diante do público que lamentava a morte do amigo. Todos reagiram com grande tristeza, mas também com uma esperança gloriosa. Muita gente chorou, mas também sorriu, sentindo paz no coração.

Depois do culto, vários estudantes ficaram mais tempo no local para falar sobre quanto a crença inabalável de Walter no céu o consolava e encorajava.

Outro resultado de meu testemunho no BCM e do falecimento de Walter foi a construção de uma área de oração na sede da organização na Universidade Estadual de Louisiana. Ela foi dedicada a Deus Achei muito apropriado, pois a cada vez que compartilho minha história, insisto na importância primordial da oração. Afinal de contas, ainda estou vivo porque a oração foi respondida.

Assim como muitas outras pessoas cuja vida se cruzou com a minha por orientação divina desde o meu acidente e de meu retorno do céu,

Walter representa aqueles que estarão esperando por mim da próxima vez que Deus me chamar para a morada celestial.

O primeiro marido de Sue Fayle morreu de câncer. Sua morte sofrida exigiu muito dela. Sue achava que teria de viver o restante de sua existência como viúva, mas o vizinho Charles, que também havia perdido a esposa, mudou a situação. Não eram mais apenas vizinhos: por conta do sentimento de perda que compartilhavam, tornaram-se bons amigos. Conforme o tempo passou, um parecia suprir as carências do outro de uma maneira que só quem passa pela experiência de perder uma pessoa amada sabe entender. A amizade evoluiu e transformou-se em amor. Com muita cautela, avaliaram a possibilidade de se casar.

Sue tinha sérias reservas em relação ao casamento com Charles porque ele era oriundo daquilo que ela considerava uma vizinhança muito rude, formada por operários. Ele tinha um histórico de excessos com bebida, e ela dizia: "Não posso conviver com isso."

Conforme o sentimento entre os dois foi crescendo, Sue impôs apenas uma condição para o casamento: "Não me casarei com um sujeito que vive bêbado."

Charles não apenas parou de se embriagar como também parou de beber de vez. Agora estavam prontos para falar sobre casamento.

Um dia, eles conversaram sobre a morte dos respectivos cônjuges. Ambos haviam morrido de câncer. "Se um dia eu receber um diagnóstico de câncer", ele disse, "eu me mato." Charles tinha noção do sofrimento pelo qual passa a pessoa que tem essa doença. Também sabia que os parentes mais próximos sofrem demais. "Não posso impor um fardo dessa natureza sobre outra pessoa."

Eles casaram-se e viviam felizes. Charles nunca mais bebeu. Sue sempre fora muito ativa em nossa igreja, mas, depois do casamento, ele também passou a se envolver.

Um dia, porém, ele recebeu o único diagnóstico que sempre temera: tinha câncer. Agora precisava encarar seu terror mais profundo. Ele tinha medo de que o diagnóstico obrigasse Sue a passar pelas mesmas circunstâncias terríveis de seu primeiro casamento.

Ele também enfrentou outro medo: aquele diagnóstico o obrigava a pensar a respeito da própria morte. "Tenho muito medo de morrer", confessou Charles. Embora fosse membro da igreja e declarasse ser um cristão, era uma dessas pessoas que duvidam da própria salvação. Sue disse ao marido que, da mesma forma que se dedicaria a cuidar dele durante a crise, estava preocupada com a falta de segurança de Charles em relação à salvação. Sue ouviu meu testemunho sobre o céu várias vezes, e repassou minha história a muitos outros.

"Será que o senhor poderia conversar com Charles?", ela me pediu, certo dia. "Ele precisa ouvir seu testemunho."

Naquela época, eu havia assumido o ministério de adultos solteiros da Primeira Igreja Batista de Pasadena, onde continuo ainda hoje. Sue e eu trabalhamos juntos em diversos projetos.

"Por favor, converse com ele sobre salvação, mas também fale sobre como é a vida depois da morte. Creio que uma conversa de homem para homem com Charles poderá ajudá-lo muito."

Eu conhecia Charles, é claro, e por causa de seu histórico, suspeitava de uma coisa: talvez ele se imaginasse indigno diante de Deus. Eu concordei em conversar com ele.

Charles e eu nos entendemos na mesma hora. Ele era um ótimo sujeito, muito fácil de lidar. Eu me comprometi a visitá-lo regularmente. Toda vez que eu ia, Sue pedia licença e saia da sala até eu fazer menção de ir embora.

Mesmo quando a saúde de Charles piorou, ele nunca demonstrou o menor traço de raiva ou depressão. Chegamos a conversar sobre a grande dificuldade de se depender dos outros até para as atividades mais essenciais, como banho e limpeza de patinhos e comadres.

Mais ou menos na quarta vez em que o visitei, Charles finalmente se abriu. "Estou com medo. Quero ir para o céu, mas preciso de uma confirmação. Quero ter certeza de que, quando morrer, irei para lá."

Conforme conversávamos sobre sua vida, ficou claro que sua experiência com Deus era genuína. Como c muito comum nesses casos, por muitos anos, antes de se casar com Sue, Charles não foi um bom discípulo de Cristo. Por diversas vezes, tive de lembrá-lo sobre os versículos da Bíblia que prometem o céu como destino definitivo de todos os que crêem.

"Eu sei, eu sei", ele disse. "Antes de encontrar a salvação, eu sabia que não iria para o céu, e sim para o inferno. Agora eu quero ter certeza a respeito do céu."

Minha descrição do céu o encorajou. "Sim, sim, é isso que eu desejo", ele falou.

Em uma das visitas, conforme conversávamos, ele sorriu e disse: "Estou pronto. Estou em paz. Finalmente sei que estou indo para o céu."

Nas duas últimas visitas que fiz, Charles comentou: "Diga-me novamente. Diga-me de novo como é o

céu."

Contei outra vez, embora ele já tivesse ouvido tudo o que eu tinha a dizer. Era como se sua certeza crescesse a cada vez que eu falava sobre o céu.

Pouco antes de Charles morrer, Sue o internou no Centro Médico de Houston. Ele ficaria em um quarto bem próximo ao que eu fiquei internado por muito tempo.

No último dia de sua vida na Terra, Charles disse à esposa: "Vai ficar tudo bem. Estou trocando a dor pela paz. Um dia estaremos juntos novamente."

Quando Sue me telefonou e contou sobre a morte do marido, disse: "Ele morreu sem nenhum medo no coração."

A segurança e a convicção de Charles proporcionaram a Sue grande paz enquanto ela teve de lidar com o luto e a perda. Ela me disse que, algumas semanas antes da morte do marido, Charles comentou que ouvir a minha experiência e ver como ela foi positiva em minha vida fez toda a diferença: "Já está bem claro para mim", ele disse, "sei que estou indo para um lugar melhor."

Enquanto Sue compartilhava suas lembranças de Charles, deu um sorriso e falou: "Será que serei a mulher mais sortuda do céu? Tenho dois homens esperando por mim. Um dia, quando minha hora chegar, terei um de cada lado, ex-maridos que também são irmãos em Cristo, e eles me acompanharão em um passeio pelas ruas de ouro."



Quando Joe, um de meus filhos gêmeos, chegou à adolescência, decidimos comprar um carro usado para ele. Como ele preferia uma picape, procuramos até encontrar uma da qual ele gostou, uma Ford Ranger 1993.

O nome do vendedor era Gary Emmons. Ele era dono de uma agência de automóveis na região onde moramos havia muito tempo. Tendo decidido a picape que Joe queria, entramos na agência para fazer a negociação. O Sr. Emmons nos ofereceu um ótimo preço, e Joe comprou o veículo.

Por causa daquela experiência, minha família estabeleceu um bom relacionamento com Gary Emmons. Compramos mais três ou quatro carros com ele depois.

Gary sabia um pouco a respeito do que havia acontecido comigo, mas não conhecia os detalhes. Além de dono de agência de automóveis, ele era piloto de corridas. Pareceu fascinado com a minha história. Disse que, um dia, gostaria de conhecer a história completa, mas estava sempre muito ocupado ou eu, com pressa.

Um dia, Joe foi até a agência para fazer um pagamento. Gary acenou para ele.

Você não vai acreditar - disse, sorrindo. -Aconteceu uma coisa impressionante ontem.

O que aconteceu? - Joe quis saber.

Fui vistoriar um carro que havíamos acabado de comprar. Entrei no veículo para fazer as checagens de costume. Sabe como é, mexer em tudo para saber se está funcionando. São coisas como ouvir o motor para ver se tem algum defeito, ligar o ar-condicionado e testar o rádio. Notei que havia uma fita dentro do toca-fitas. Apertei o botão para ejetar.

Ele fez uma pausa e sorriu.

Aposto que você nunca adivinharia o que estava gravado naquela fita.

Não tenho a menor idéia - disse Joe.

Era a história de seu pai. Havíamos comprado o carro em um leilão, por isso não tinha para quem devolvermos a fita. Peguei para escutá-la. A única coisa em que eu pensei quando ouvi foi: é impressionante.

Ao olhar para trás, concordo: foi mesmo impressionante. Gary queria ouvir minha história, mas nunca tivemos a oportunidade de nos encontrar.

- Quais seriam as probabilidades de eu ir a um leilão de automóveis com milhares de carros à disposição -- prosseguiu Gary -, e entrar em um deles, apertar um botão e ouvir seu pai falando?

Durante dias depois disso, acho que Gary contou a todo mundo o que encontrou sobre meu acidente.

É claro que aquele testemunho me emocionou. Também ouvi muitas outras histórias sobre o modo de Deus usar a minha história.

Eu havia gravado uma fita sobre a minha experiência enquanto pregava em minha igreja, a Primeira Batista de Pasadena, e fiz várias cópias. Devo ter distribuído milhares delas. Também sei de pessoas que pegaram a fita e fizeram cópias para os amigos. Conheço gente que pediu umas vinte cópias da fita em um período de alguns meses.

Aquela gravação testemunhai continua se espalhando. Muitas pessoas que ouviram a minha história copiaram para outras que enfrentavam traumas físicos, ou gente que estava lidando com a perda de um ente querido.

Só posso concluir que Deus tinha um plano quando levou Gary Emmons a ouvir a fita.



Um dia, enquanto eu caminhava pelo corredor da Primeira Igreja Batista de Pasadena, uma mulher me parou. Não chega a ser nada fora do comum, é claro. Na verdade, minha esposa brinca dizendo que levo trinta minutos para andar seis metros porque todo mundo tem alguma coisa para me perguntar ou dizer. A igreja tem mais de 10 mil membros; é um bocado de gente para atender.

- Ah, reverendo Piper, vim só para vê-lo. Quero lhe dizer uma coisa. É algo que, acredito, o senhor precisa ouvir.

Geralmente, quando alguém começa a conversa desse jeito, completa dizendo: "E para o seu bem", e não costuma ser alguma coisa que eu goste de ouvir. Muitas outras pessoas estavam comigo, e eu não tinha certeza de como deveria reagir. No entanto, quando olhei para ela, senti um traço de urgência e muita intensidade em seu rosto. Virei-me para os demais e pedi:

-Vocês poderiam nos dar licença?

Eles foram gentis, é claro.

- Sou uma enfermeira - disse a mulher -, e o senhor não vai acreditar no que aconteceu.

Passei por muitas coisas inacreditáveis - comentei. - Experimente contar.

Isso aconteceu no hospital. Uma mulher cuja mãe estava muito doente e internada teve a oportunidade de ouvir sua fita, e isso mudou a vida dela.

Já tinha ouvido aquilo antes, mas gostava de ouvir novas histórias, por isso eu disse:

Diga mais.

Alguém lhe entregou essa fita. A mulher não era uma cristã, mas a pessoa insistiu para que ela ouvisse a gravação, mesmo assim. Os amigos dessa mulher tentaram falar com ela sobre Deus. Presentearam-na com bíblias, todos os tipos de livros e panfletos, mas nada a tocava. A mulher dizia: "Não quero falar sobre Deus, religião ou salvação." Embora fosse uma paciente em estado terminal, não abria o coração para mensagens sobre a eternidade.

Ela fez uma pausa para enxugar uma lágrima antes de continuar.

- Alguém lhe entregou uma fita: a gravação sobre a experiência pela qual o senhor passou no céu. Perguntou a ela se ouviria. A pessoa não insistiu demais, mas disse algo casual, como: "Você vai achar muito útil. É sobre um homem que morreu, foi ao céu e voltou à vida."

A enfermeira me contou que a mulher se comprometeu a ouvir se achasse importante. A pessoa que deu a fita foi embora. A gravação ficou sobre o móvel de cabeceira perto da cama, mas não foi ouvida. A saúde da mulher logo piorou de tal maneira que os médicos disseram à filha: a morte da mãe era apenas uma questão de uma semana ou duas, no máximo.

Desesperada, a filha, que era uma cristã, insistiu muito para a mãe ouvir a fita com o meu testemunho. A gravação contém duas mensagens. Um dos lados narra os milagres que precisavam ocorrer para que eu continuasse vivo, e reconta a história da oração respondida - como mencionei anteriormente, neste livro. O segundo lado da fita fala sobre como é o céu. Chamei isso de "A cura para os problemas do coração". Foi essa a parte que a filha quis que a mãe ouvisse.

O problema era a recusa da mulher. "Não quero ouvir toda essa bobagem", ela disse.

Os dias se passaram, e o estado de saúde daquela senhora foi se tornando desesperador. A enfermeira que estava falando comigo (e era cristã) percebeu o que estava acontecendo. Depois de conversar com a filha, decidiu ela mesma falar com a paciente sobre o destino da alma - algo que nunca havia feito antes. Ela raciocinou da seguinte maneira: às vezes, é mais fácil para um estranho

ou alguém menos conhecido dar um testemunho positivo.

Depois de cumprir seu turno, a enfermeira entrou no quarto e perguntou à paciente idosa: "Posso sentar-me e conversar com a senhora por alguns minutos?"

A mulher concordou.

Com cuidado e discrição, a enfermeira falou sobre fé, a paz de Deus e a diferença que Jesus Cristo fazia em sua vida.

O tempo todo, a mulher nada disse.

A enfermeira comentou sobre a fita. "Eu ouvi, e acho que se trata de algo que a senhora gostaria de conhecer. Será que poderia ouvir a gravação?"

A senhora concordou, então a enfermeira colocou a fita no gravador e deixou no quarto.

No dia seguinte, a paciente idosa disse à filha e à enfermeira que havia ouvido a gravação. "Achei muito interessante. Estou pensando seriamente em me tornar uma cristã."

Embora a enfermeira e a filha vibrassem, não tentaram pressionar aquela senhora. Dois dias se passaram até que a mulher disse: "Eu me tornei uma cristã." Contou primeiro para a filha, depois para a enfermeira. Depois daquilo, a senhora dizia para qualquer pessoa que entrasse no quarto para vê-la: "Eu me tornei uma cristã. Aceitei Jesus Cristo como meu Salvador, por isso vou para o céu."

Horas depois de aquela senhora declarar publicamente que havia se convertido, seu estado de saúde piorou. Ela perdeu e recobrou a consciência várias vezes. No dia seguinte, quando a enfermeira chegou, descobriu que a paciente idosa havia morrido alguns minutos antes.

A enfermeira me contou tudo aquilo e disse:

- O gravador estava na cama, ao lado dela, e a filha havia colocado a fita no segundo lado, onde o senhor descreve o céu. Conforme a vida daquela mulher foi se esvaindo, ela ouvia seu relato a respeito do céu.

A última coisa que ela ouviu antes de deixar este mundo para encontrar-se com Deus no céu foi uma descrição do céu.

Apesar de meu esforço para manter a frieza, meus olhos se encheram de lágrimas.

Eu só achei que o senhor gostaria de ouvir isso - disse a enfermeira.

Sim - concordei -, obrigado por me contar. Isso me encoraja muito.

Enquanto ela repetia parte da história às pessoas que estavam comigo, agradeci a Deus por me trazer de volta à Terra. "Oh, Deus, consigo ver algum propósito em minha permanência aqui. Obrigado por me permitir ouvir essa história."



Certa vez, fui convidado para falar na Igreja Batista Chocolate Bayou, no sul de Houston. Ele pediram para que eu falasse da minha experiência no céu.

Eu estava organizando minhas últimas reflexões. Em igrejas batistas, geralmente alguém faz um solo ou há uma música especial pouco antes de o orador convidado assumir o púlpito. Uma mulher que não estava no culto e, aparentemente, não sabia do que eu iria falar, entrou por uma das portas laterais para cantar.

Essa mulher tinha uma voz linda, e começou a cantar uma música chamada Broken and Spilled Ou [Quebrado e derramado], sobre o vaso de alabastro que a mulher usou quando lavou os pés de Jesus.

Assim que ela se sentou, levantei-me e comecei a contar a respeito de meu acidente. Não fiz nenhuma conexão entre a música que a mulher cantara e minha mensagem, mas notei que muita gente franziu o cenho para ela.

Depois do culto, ouvi alguém dizer à solista:

- Foi uma canção interessante sobre se quebrantar e derramar, tudo a ver com a mensagem de Don.

Pela maneira como ele disse a palavra "interessante", parecia querer dizer "insossa".

- Oh! - foi a reação dela.

A expressão de choque no rosto daquela mulher me fez perceber que ela não sabia a respeito de que eu falaria. Obviamente, ela também não havia feito a conexão.

Nossos olhos se cruzaram e ela começou a chorar.

- Sinto muito... sinto muito.

-Tudo bem - eu disse. - De verdade, está tudo bem. Eu segui em frente.

- Quebrado e derramado - alguém disse. - Foi o que aconteceu com o senhor, não foi?

Pelo menos uma dúzia de pessoas fez comentários similares. Alguns presumiram que havíamos planejado que ela cantasse aquela música, em particular.

Parei e olhei para trás. A solista estava de pé, perto do piano, e continuava a chorar. Pedi licença e caminhei em sua direção.

- É uma linda canção sobre uma experiência maravilhosa. Você não sabia sobre o que eu iria falar, mas está tudo bem, pois não consigo pensar em uma música melhor.

Ela sorriu como sinal de gratidão e começou a se desculpar mais uma vez.

- Está tudo bem. De verdade, está tudo bem - garanti.

Quando fui embora, pensei que talvez eu tivesse sido mesmo quebrado e derramado. Mas sorri ao pensar em outra coisa: "Também estou sendo restaurado."

Capítulo 16

Descobrindo o propósito

Convencido disso, sei que vou permanecer e continuar

com todos vocês, para o seu progresso e alegria na fé...

Filipenses 1:25

Brad Turpin, um policial do subúrbio de Pasadena, em Houston, que trabalhava usando uma moto, quase perdeu uma perna. Sua moto bateu na traseira de um caminhão. Ele teria sangrado sem parar sobre o concreto se os paramédicos não tivessem colocado um torniquete em sua perna.

Sonny Steed, ex-pastor de educação religiosa em nossa igreja, conhecia Brad pessoalmente e pediu-me para vê-lo. "É claro", eu disse, especialmente depois de saber que ele teria de usar um fixador. Telefonei para ter a certeza de que ele me receberia. Não sei por que, mas pouco antes de sairmos, peguei algumas fotos que mostravam meu acidente c meu processo de recuperação.

Sonny me levou de carro até a casa do policial. Quando entramos, era quase como se eu estivesse vendo como minha sala de estar ficou durante meses. Brad estava deitado em um leito hospitalar instalado em casa, com a barra de trapézio no alto. Seu aparelho era similar, mas não igual ao meu, pois nos doze anos que se passaram desde o meu acidente até essa visita, a tecnologia havia se desenvolvido.

Outras pessoas estavam ali, por isso sentei-me para bater um papo. Brad nos recebeu com muita simpatia, mas eu percebi que estava muito cansado por ter recebido tantas visitas. Assim que a última delas saiu, eu disse:

- Certamente, você está muito cansado de conversar com as pessoas, não está?

Brad balançou a cabeça, concordando.

- Entendo o que é isso - prossegui. - É como se você estivesse

em uma vitrine. O telefone nunca pára de tocar. Todo mundo quer aparecer

para vê-lo.

Ele concordou de novo e comentou:

Aprecio a visita das pessoas, mas preciso de um pouco de paz e tranqüilidade.

Peço desculpas por interromper você, mas Sonny me trouxe para vê-lo porque eu queria conversar

sobre o que deve esperar dessa situação.

Apontei para o aparelho de Ilizarov e disse:

Usei um desses fixadores externos.

Ah, usou?

Mostrei a ele minhas fotos, começando com aquelas tiradas no dia seguinte ao da implantação do aparelho de Ilizarov em minha perna. Cada imagem mostrava a evolução de meu estado. Ele ficou olhando para todas com muita atenção e viu que a minha situação tinha sido pior do que a dele.

E o senhor se recuperou, não foi? - ele perguntou.

Sim, eu me recuperei, e você também vai conseguir.

É bom saber que o senhor se recuperou bem, mas não sei se vou conseguir. Eles não me dão garantia alguma de que podem salvar minha perna. Os médicos estão pessimistas, o que faz tudo isso ainda mais difícil para mim.

Bem, os médicos são assim mesmo - comentei, lembrando-me muito bem de como me senti naqueles primeiros dias. - Eles tentam manter as estimativas mais conservadoras e não alimentar demais as esperanças. Eles sabem que, daqui a alguns meses, você poderia continuar usando esse fixador e tudo estaria funcionando perfeitamente bem, mas bastaria uma infecção grave para perder tudo o que conseguiu até então.

É isso o que quero dizer. Não tenho muita certeza de que vale a pena passar por toda essa dor.

A boa notícia é que a dor vai diminuindo conforme você melhora. A esposa de Brad entrou na sala de estar durante a conversa e ouviu.

Estou muito cansada com a falta de progresso, e ninguém nos diz nada - ela reclamou. - Estamos a ponto de mudar de médicos.

Pode ser que vocês encontrem um médico melhor - eu disse -, mas esperem mais um pouco. Sejam pacientes. Tenho certeza de que o médico está fazendo o melhor que pode.

Foi então que contei a eles sobre o período de meu tratamento no qual perdi minha paciência.

- Quando meu médico entrou para me ver, eu estava furioso. "Sente aqui", gritei. Ele obedeceu, e por mais ou menos cinco minutos reclamei de tudo o que me aborrecia. Quando olhei para o rosto dele, percebi que o havia magoado. Eu não tinha pensado nele, é claro. Eu estava me sentindo mal, nunca conseguia me livrar da dor, não dormia e exigia respostas. "Estou cansado dessa falta de informação", eu disse. "Fico perguntando ao senhor por quanto tempo terei de usar esse aparelho, e a resposta é: 'Talvez mais um mês, talvez mais dois meses, talvez mais três meses.'" Eu ainda não havia terminado de falar, e estava espumando de raiva quando comecei mais uma sessão de reclamações. Terminei dizendo: "Por que você não pode me dar uma resposta objetiva?" Ele baixou a cabeça e disse, de maneira branda:

"Estou fazendo o melhor que posso. Não tenho as respostas que o senhor deseja. E por isso que não

posso dizer nada." Eu insisti: "Só estou procurando. .." Ele me interrompeu: "Eu sei o que o senhor procura, mas isso não é ciência exata. Estamos reinventando a roda. Não temos tanta experiência nessa área, e essa tecnologia é nova demais para nós. Estamos fazendo o melhor que podemos.."

Depois que contei a Brad e à sua esposa sobre aquele incidente, ainda comentei:

-Por favor, seja paciente com seu médico. Ele não pode dar respostas das quais não dispõe. Também dará muitas orientações sobre o que fazer e vai enchê-lo de receitas. Ele determinará muita fisioterapia, e a única coisa que você terá de fazer será aprender a lidar com isso... com tudo isso.

Sim, eu sei - disse Brad -, mas não consigo mais controlar minhas emoções. Sou um policial. Já vi muitas coisas ruins, complicadas, difíceis. Acho que estou ficando muito abalado... quero dizer, em termos emocionais. Entende o que quero dizer?

Completamente. Apenas siga em frente e se deixe abalar. Isso vai acontecer outras vezes.

-Sinto-me fora de controle.

-Você está fora de controle!

Brad ficou olhando para mim. Continuei:

Pense nisso. O que você consegue controlar? Nada.

Não consigo sequer fazer a minha higiene.

É isso mesmo. Você está totalmente desamparado. Não há nada que possa fazer ou controlar.

Antes disso, eu levantava pesos e fazia musculação - ele disse. -Tinha um físico invejável.

Não tenho dúvida alguma disso - concordei, pois podia ver que ele havia sido um sujeito musculoso e bem forte. - Mas você não tem mais isso. Pode ser que volte a ter um corpo cheio de músculos algum dia, mas a incapacidade de se levantar e fazer as coisas que costumava fazer obrigará você a mudar. Esteja pronto para essa mudança. Você vai perder peso. Os músculos vão atrofiar. Não há mais como controlar seu corpo do mesmo jeito que controlava antes.

A esposa de Brad também estava sujeita a todo aquele estresse, a ponto de chorar.

Ele se sente tão mal, mesmo usando a medicação. Não sei mais o que fazer - ela disse.

Posso sugerir algumas coisas a vocês - falei. - Antes de tudo, administre as visitas e os telefonemas. Vocês não precisam permitir que todo mundo venha a hora que bem entender. Sejam firmes. Se deixarem que todo mundo venha, acabarão se desgastando na tentativa de serem simpáticos. Seus amigos entenderão.

Em seguida me dirigi a Brad:

-Prepare-se para a fisioterapia, pois terá de fazer todo tipo de atividade difícil. Faça tudo, se quer reaprender a andar. Seja paciente porque esse processo levará muito tempo. Uma das melhores coisas que posso dizer a você provavelmente é esta: não tente dar uma de herói solitário.

Fiz uma breve pausa e quase sorri, pois me lembrei de como enfrentara esse processo.

- Permita que as pessoas saibam o que dói em seu corpo e como elas podem ajudar, especialmente aquelas nas quais você confia. Mostre a elas para que possam fazer as coisas de que você precisa. Permita que orem a seu favor. Muitos amigos já passaram por aqui querendo trazer um doce, ajudar a fazer uma refeição ou qualquer outra coisa por você. Deixe que expressem sua amizade e seu amor.

Depois de alguns minutos, quando terminei de falar, levantei-me para ir embora. Escrevi o número de meu telefone em um papel e disse:

-Ligue para mim. Se você estiver enfrentando alguma dificuldade para dormir às três da madrugada ou se sentir irritado, me telefone. Vou ouvi-lo. Vou entender porque posso entender. Fazemos parte de uma peque na fraternidade, mesmo sem termos optado por nos unir a ela.

Antes de eu sair, Brad disse:

-Não tenho palavras para dizer como gostei de sua visita. Só o fato de conversar com alguém que conhece essa dor já me ajuda muito. O senhor é a primeira pessoa que conheci que entende o que é conviver com a dor 24 horas por dia.

-Visitar pessoas que estão passando pelo que eu passei não é algo que eu faça o tempo todo - comentei -, mas estou ansioso para fazer isso. Quero ajudar, mas você precisará fazer o esforço de me telefonar. Lembre-se disto: não tente enfrentar essa luta sozinho.

A esposa de Brad foi comigo até o carro e disse:

Ele precisava disso. Em público, ele tenta ser a própria fonte de força. Quer parecer sempre positivo. Nos momentos a sós, porém, ele se revela um sujeito frustrado e emotivo. Fica arrasado. Tenho me preocupado muito com ele. Em toda a nossa vida de casados, nunca o vi desse jeito.

Eu me lembro de ver minha esposa trabalhando duro o dia inteiro, dando aulas, e depois chegando para passar a noite comigo - comentei. - Não deixe de apoiá-lo. Ele vai melhorar.

Contei a ela que, certa vez, quando eu estava me sentindo péssimo, Eva tentara me encorajar dizendo alguma coisa mais ou menos assim:

- Apenas dê tempo ao tempo. Você vai se sentir melhor.

Em minha frustração e raiva, eu explodi:

- O que faz você pensar que vou me sentir melhor? Quais são as chances de eu um dia melhorar? Ninguém pode me dizer isso. Ninguém pode me prometer algo assim.

Eva não discutiu. Apenas me envolveu em seus braços. Eu chorei. Nunca havia feito isso na presença dela antes.

Depois de eu contar essa história à esposa de Brad, eu disse:

- Esteja preparada para mudanças em sua vida e na dele também.

Ele não pode controlar as próprias emoções, por isso não encare como um ataque pessoal caso ele grite ou berre com você. A culpa é da dor e da frustração, não sua.

Eu a cumprimentei e completei:

-E, pelo amor de Deus, ligue-me se precisar de mim. Incentive Brad a me telefonar.

Depois disso, vi Brad mais quatro ou cinco vezes. Semanas depois, quando ele já conseguia se levantar e sair de casa com o andador, eu o vi em um restaurante. Aproximei-me da mesa na qual ele estava e sentei.

Como você está? - perguntei.

Estou muito bem. Muito bem mesmo - ele respondeu.

Brad me agradeceu mais uma vez por visitá-lo em um de seus momentos de maior depressão. Ele ainda não estava totalmente em forma, mas voltara a ficar mais saudável. Quando ele segurou minha mão por um bom tempo, eu sabia que era a maneira que tinha de expressar sua gratidão de uma forma que não conseguia colocar em palavras.

Eu me senti grato a Deus por ser capaz de ajudar Brad em um momento tão difícil.

Cerca de dois anos depois de meu carro ser atingido pelo caminhão, ouvi dizer que Chad Vowell também havia se envolvido em um sério acidente automobilístico. Ele era membro de nosso ministério de jovens na South Park, e seus pais sempre lhe deram muito apoio. A mãe, Carol, fez parte do comitê que me visitou no quarto do hospital para planejar nossos retiros. Não fui muito útil, mas foi a maneira que encontraram de me fazer sentir necessário.

Chad era um jogador de futebol extraordinário, e passara a integrar nosso grupo de jovens mais ou menos um ano antes de ir para a faculdade.

Quando telefonei para sua mãe, ela contou que Chad tinha sido transportado de helicóptero até o hospital John Sealy, em Galveston. Eu não tinha idéia de como o estado dele era sério até ela dizer: "Segundo o prontuário médico, a parte de baixo da perna foi destruída, e ele está usando um fixador."

Assim que ouvi a palavra "fixador", eu sabia que precisava ver o rapaz. Eu iria de qualquer maneira, pois se tratava de um membro da South Park, mas a palavra "fixador" dobrou meu senso de urgência.

Ao entrar no quarto de Chad, vi que ele estava deitado e deprimido. Era óbvio que não queria conversar. Aquele não era o Chad que eu conhecia. Antes, sempre demonstrava muita alegria ao me ver, e seu rosto brilhava quando me reconhecia. Dessa vez, ele reconheceu minha presença, mas não fez nenhum esforço para começar uma conversa.

-Você está bem? Vai ficar tudo em ordem? - perguntei, e depois olhei para a perna do rapaz. -Vejo que eles colocaram um fixador em você.

-Sim, colocaram - ele respondeu.

-Chad, você se lembra de quando eu sofri um acidente? Eles colocaram um aparelho igual a esse em mim.

-É mesmo? - ele se admirou.

Pela primeira vez, ele olhou para mim com interesse. Não sei se já tinha me visto antes usando o aparelho ou se apenas não se lembrava. Inclinei-me para ficar mais perto de Chad e disse:

-Procure se lembrar apenas do seguinte: eu sei o que é usar uma coisa dessas.

O problema era na parte de baixo da perna. Por ser composta por dois ossos, é mais fácil curar. Como fiquei sabendo antes de sair, a previsão para ele era muito boa.

Eu consegui conversar com aquele garoto, segurar sua mão e orar por ele de uma maneira que fez com que percebesse como eu me identificava com sua situação. Pela primeira vez, ele tinha a noção do que deveria esperar em relação ao tratamento pelo qual passaria. Até então, assim como acontecera comigo depois do acidente, ninguém tinha passado informação alguma a Chad. Como eu, ele se sentia irritado e deprimido.

-A dor vai durar muito tempo, e a recuperação parecerá uma eternidade, mas você vai melhorar. E foi o que aconteceu.

Joyce Pentecost descobriu que tinha câncer uma semana antes de completar 39 anos de idade. Eu gostava muito dela. Era casada com o irmão de Eva, Eddie, e deixou dois lindos meninos ruivos, Jordan e Colton.

Joyce não era apenas uma das pessoas mais cheias de vida que já conheci, além de uma grande cantora. Era uma pessoa capaz de iluminar um ambiente com sua simples presença. Raramente limitava-se a cantar uma música: ela a interpretava na melhor tradição de Ethel Merman[1].

Eu me senti honrado por ser o orador do culto realizado em memória de Joyce na Primeira Igreja Batista de Forrest City, em Arkansas. Mais de seiscentas pessoas lotaram o auditório. Como Joyce havia gravado muitos CDs de música cristã, deixou um legado. Naquela tarde ensolarada, ouvimos sua voz louvando a Deus.

Depois da execução daquela gravação, o pai de Joyce, o reverendo Charles Bradley, ministrou uma mensagem de esperança e salvação. Ele disse à multidão: "Há anos, Joyce e eu fizemos um pacto. Se eu morresse primeiro, ela cantaria em meu funeral. Se ela partisse antes, eu falaria no funeral de minha filha. Hoje estou cumprindo a promessa que fiz à minha garotinha."

Até hoje guardo aquele momento. As pessoas sorriam com melancolia, derramavam lágrimas, mas não acredito que alguém sentisse raiva ou desespero.

Depois que o pai de Joyce concluiu a mensagem, era a minha vez de falar: "Alguns podem perguntar hoje: 'Como uma pessoa como Joyce poderia morrer?' Mas eu diria a você que a questão mais apropriada é: 'Como ela viveu?' Viveu bem, foi amada. Ela viveu muito bem."

Eu disse àquela multidão tão sofrida que Joyce foi um cometa ruivo que cruzou o palco da vida; que ela viveu para fazer as pessoas felizes, e adorava isso; que era uma amiga dedicada, uma filha exemplar, uma tia abnegada, uma irmã carinhosa, uma mãe amorosa e uma esposa maravilhosa.

Admiti, sem reservas, que não tinha a resposta à pergunta que deve ter penetrado no coração de muitas pessoas ali presentes: "Por quê?" Eu disse:

Quando não há respostas, há consolação. Joyce acreditava firmemente que, se morresse, estaria com Deus na mesma hora. Ela cria que, se vivesse, Deus estaria com ela. Essa era a razão da vida de Joyce. Também pode ser a nossa razão para seguir adiante.

Concluí compartilhando um momento pessoal. Na última longa conversa que tive com Joyce antes de ela voltar para casa depois de receber alta no hospital, falamos sobre o céu. Ela nunca se cansava de me ouvir descrevendo a viagem que fizera para o céu, por isso fizemos uma última visita à morada celestial. Conversamos sobre os anjos, o portão e as pessoas amadas. (A própria mãe de Joyce havia morrido de câncer.) Ela sempre queria que eu descrevesse a música, e nossa última conversa não foi diferente. Eu falei à congregação:

Acredito que, há alguns dias, Deus estava sentado do lado de dentro daqueles portões e disse aos anjos: "Querem saber do que precisamos por aqui? De uma boa soprano ruiva." E os anjos responderam: "Então tem de ser Joyce Pentecost!" Deus mandou um sinal a Joyce, e ela respondeu ao chamado. Neste momento, ela está cantando com os anjos. Joyce Pentecost está ausente no corpo, mas na presença do Senhor.

Minhas palavras finais naquele culto constituíam uma pergunta: "Dá para dizer que perdemos alguém quando sabemos onde essa pessoa está?"

Eu tinha 38 anos quando morri naquele acidente automobilístico. Joyce tinha a mesma idade quando recebeu o diagnóstico de câncer. Eu sobrevivi àquela provação; ela não. Mas sei de uma coisa: por ter experimentado o céu, fui capaz de prepará-la, assim como às pessoas que amava, para o que estava por vir. E agora estou preparando você.

Por várias vezes, desde o meu acidente, desejei receber, no hospital, a visita de alguém que tivesse passado pelo calvário de usar um fixador durante meses. Sei que isso teria aliviado boa parte de minha ansiedade.

Toda vez que ouço falar sobre pessoas que têm de usar um fixador, tento entrar em contato com elas. Ao falar com gente que enfrenta alguma doença prolongada, tento ser absolutamente honesto. Não há atalhos ou caminhos mais fáceis nesse processo de recuperação, e as pessoas precisam saber disso. Por ter passado por tudo isso, posso dizer a elas (e elas me ouvem) que, embora demore muito, vão melhorar. Também falo a elas sobre alguns dos problemas de curto prazo que terão de enfrentar.

Minhas visitas a Chad e Brad, assim como a outras pessoas, lembram que Deus ainda tem um propósito para mim na Terra. Durante aquele longo período de recuperação, às vezes ansiei pelo céu. Olhando para trás, porém, posso ver como as experiências pessoais que compartilhei contribuíram para minha volta à Terra quando estive no céu. "Quando Deus estiver pronto para me levar", finalmente fui capaz de dizer, "ele me libertará." Enquanto isso, tento oferecer tanto consolo quanto possível aos outros.

Assim como eu, quando outras vítimas vêem pela primeira vez o fixador implantado na perna (especialmente quando elas passam a sentir a dor e a incapacidade de se mover), a depressão toma conta. Elas não têm idéia do que acontecerá dali em diante. Embora os médicos tentem assegurá-las

de que a recuperação é possível, elas sentem muita dor para encontrar confrontos nas palavras dos especialistas.

Às vezes, porém, os pacientes podem ser inadvertidamente iludidos a me dizer:

- Eu vou superar isso em breve.

Eu digo:

- Pode ser que você supere, mas não será em breve. Trata-se de um compromisso de longo prazo, e não há nenhuma maneira de acelerar o processo. Quando você se machuca desse jeito, não há nenhum modo de escapar com facilidade. Precisa aprender a conviver com isso desde já.



Eu poderia compartilhar outras histórias, mas foram essas experiências que me ajudaram a atravessar alguns dos períodos mais obscuros de minha vida. Voltei a descobrir um propósito para continuar vivo. Ainda anseio pela chance de voltar ao céu, mas, por enquanto, é a esta Terra que pertenço. Estou servindo ao meu propósito aqui na Terra.

---

[1] Cantora norte-americana (1908-1984) que se notabilizou pela grande extensão vocal, considerada uma das divas dos musicais da Broadway e de Hollywood. (N.T.)

Capítulo 17

Saudades do lar

. por causa da esperança que lhes

está reservada nos céus,

a respeito da qual vocês ouviram

por meio da palavra da verdade, o evangelho...

Colossenses 1:5

Uma de minhas histórias favoritas é sobre uma garotinha que saiu de casa. A mãe não sabia aonde a filha tinha ido. Tendo perdido a menina, a mãe estava preocupada, achando que algo de ruim pudesse ter acontecido. Ela ficou de pé, na varanda da frente da casa, e gritou o nome da filha muitas vezes.

Quase na mesma hora, a garotinha veio correndo da casa ao lado. A mãe a abraçou, disse que estava preocupada e, por fim, perguntou:

Onde você estava?

Eu fui até a casa vizinha, estava com o Sr. Smith - respondeu a menina.

Por que você estava lá?

A esposa dele faleceu, e ele está muito triste.

Puxa, sinto muito. Eu não sabia disso. O que você fez? - quis saber a mãe.

Só o ajudei a chorar.

Em certo sentido, é isso o que faço. Compartilhar minhas experiências é minha maneira de chorar com outras pessoas que sofrem com a dor.



Descobri uma razão pela qual posso proporcionar conforto às pessoas que enfrentam a morte ou que sofreram a perda de alguém que amavam: eu já estive lá. Posso dar a elas a certeza de que o céu é um lugar de alegria sem paralelos, indescritível.

Sem a menor sombra de dúvida, sei que o céu é real. É mais real do que qualquer coisa que eu já

experimentei em toda a minha vida. Às vezes, eu digo: "Pense na pior coisa que já aconteceu a você, na melhor coisa que já aconteceu a você e em tudo o que estiver entre uma coisa e outra; o céu é mais real do que tudo isso."

Desde o meu retorno à Terra, fiquei ainda mais convicto de que todos nós estamos em uma peregrinação. No fim desta vida, aonde quer que as pessoas forem - céu ou inferno -, a vida será mais real do que esta que vivem atualmente.

Nunca pensei nisso antes de meu acidente, é claro. O céu era um conceito, algo em que eu acreditava, mas não pensava a respeito com freqüência.

Nos anos que se passaram desde o meu acidente, pensei repetidamente sobre a última noite em que Jesus esteve com seus discípulos antes de ser traído e crucificado. Apenas algumas horas antes de começar sua jornada rumo ao céu, ele sentou-se ao lado dos discípulos no Cenáculo. Insistiu com eles para que não se perturbassem e que confiassem nele. Em seguida, contou que estava indo embora e afirmou: "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu lhes teria dito. Vou preparar-lhes um lugar. E se eu for e lhes preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver." (João 14:2,3)

Nunca havia notado isso antes, mas por duas vezes Jesus usou a palavra "lugar" - um local. Talvez isso não mobilize muita gente, mas penso a respeito desse assunto com freqüência. Trata-se de um lugar no sentido literal, e posso testificar que o conheço. Estive lá. Sei que o céu é real.

Desde o meu acidente, sinto-me uma pessoa mais intensa e profunda do que nunca. Um ano preso em uma cama de hospital pode fazer isso com qualquer um, mas foi mais do que isso. Aqueles noventa minutos no céu deixaram tal impressão em mim que nunca mais serei a mesma pessoa. Jamais voltarei a me contentar com este mundo, pois vivo na expectativa do céu.

Eu passei por mais dor que imaginava que um ser humano seria capaz de suportar, e continuo vivo para contar essa história. Apesar de tudo o que aconteceu comigo durante aqueles meses de dor ininterrupta, ainda sinto o céu como uma realidade muito maior do que o sofrimento pelo qual passei.

Por ser uma pessoa determinada e que raramente se abate, costumo sentir a necessidade de explicar por que não posso fazer determinadas coisas. Quando estou totalmente vestido, a maioria das pessoas não tem como imaginar que convivo com problemas que me debilitam. No entanto, quando estou diante de uma atividade que este corpo reconstruído simplesmente não é capaz de fazer (e as pessoas às vezes se surpreendem ao ver como algumas dessas atividades são simples), em geral reajo de forma estranha.

"Você parece muito saudável", mais de uma pessoa já disse. "Qual o problema com você?"

De vez em quando, quando desço um lance de escadas com alguém (uma experiência complicada para mim), essa pessoa ouve meus joelhos rangendo e se viram para dizer:

Esse barulho esquisito vem de você?

Sim - sorrio e respondo. - Não é ridículo?

Minha mobilidade relativa é muito enganosa. Eu a disfarço mais do que as pessoas podem imaginar.

Mas eu sei - mesmo que isso não apareça - que tenho limitações quando se trata daquilo que posso fazer. Eu me esforço para caminhar corretamente, pois não quero atrair a atenção das pessoas. Já fui alvo de olhares e expressões de espanto suficientes quando usava meu fixador.

Tentar agir e parecer normal e manter minha determinação constituem minha maneira de lidar com meus problemas físicos. Aprendi que, se eu me mantenho ocupado, especialmente ajudando os outros, não tenho tempo de pensar sobre minha dor. De uma forma curiosa, minha dor é a própria terapia que a combate. Pretendo continuar até que não possa mais prosseguir.

Somos tão vítimas da invenção humana do tempo que nos obrigam a pensar em termos temporais; é assim que funcionamos. Esse, aliás, é um ponto importante que devo esclarecer. Minha inclinação humana é a de ficar pensando no que meu comitê de boas-vindas está fazendo durante esses anos nos quais estou de volta à Terra.

Ao pensar sobre isso, não acho que meu comitê de recepção tenha dito: "Ah, não, ele não quis ficar." Eles ainda estão lá, no portão. Estão esperando. Para eles, o tempo não passa. Tudo agora é em termos de eternidade - mesmo que eu não seja capaz de colocar isso em palavras. Ainda que se passem mais dez ou trinta anos, no céu não passaria de um instante de espera por minha volta.

Ir para o céu naquela manhã de janeiro não foi minha escolha. A única escolha em tudo isso é que, um dia, aceitei Jesus Cristo como meu Salvador. Por mais indigno que eu seja, ele me permitiu ir para o céu, e sei que, da próxima vez que eu for, ficarei de vez.

Não desejo a morte para mim. Não sou um suicida, mas todos os dias penso em voltar para o céu. Anseio pelo retorno. No tempo de Deus, tenho certeza absoluta de que irei para lá. Neste momento estou esperando por esse tempo divino, ansioso pela chegada. Não tenho medo algum da morte. Por que teria? Não há nada a temer - só experiências de alegria.

Como mencionei antes, quando recuperei a consciência na Terra, uma decepção amarga irrompeu em meu ser. Eu não queria voltar, mas a escolha não era minha.

Durante muito tempo, tive dificuldades para aceitar que Deus havia me enviado de volta. Mesmo desapontado, eu sabia que o Senhor tinha um propósito em tudo o que tinha acontecido. Havia uma razão para eu ir para o céu e um propósito para retornar. Com o tempo, compreendi que Deus me deu uma experiência especial e um lampejo de como será a eternidade.

Embora eu anseie por voltar à minha morada celestial, estou preparado para esperar até receber a convocação definitiva do Senhor.



Passar por 34 cirurgias e muitos anos de dor também me ajudou a perceber a verdade contida nas palavras de Paulo aos Coríntios: "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai da misericórdias e Deus de toda consolação, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que, com a consolação que recebemos de Deus, possamos consolar os que estão passando por tribulações." (2 Coríntios 1:3,4)

Enquanto eu estiver aqui, na Terra, Deus continuará tendo um propósito para mim. Saber disso me capacita a suportar a dor e a lutar com minhas limitações físicas.

Nos meus momentos mais sombrios, lembro-me do verso de uma antiga canção: "Tudo valerá a pena quando estivermos diante de Jesus."

Eu sei que valerá.

Capítulo

18 OS PORQUÊS

Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.

1 Coríntios 13:12

Por várias vezes vi pessoas na televisão dizendo que tiveram uma experiência de quase-morte (EQM). Confesso que o assunto me fascina, mas também admito ser meio cético em relação a isso. Na verdade, sou muito cético. Antes e depois de essas pessoas falarem, eu pensava: "Elas provavelmente tiveram algum tipo de lapso de memória. Ou então, sempre houve alguma coisa escondida na memória que apenas tiveram a oportunidade de reviver." Não duvidava da sinceridade delas; essas pessoas queriam acreditar naquilo de que estavam falando.

Assisti a muitos programas de entrevista e li a respeito de gente que morreu e foi heroicamente ressuscitada. As descrições que essas pessoas faziam da provação pela qual diziam passar pareciam muito ensaiadas e coincidentes, como se uma pessoa copiasse a história da outra. Um homem, que alegava ter estado morto por mais de 24 horas, escreveu um livro e disse que conversou com Adão e Eva. Algumas das coisas que o primeiro casal da Terra supostamente teria dito a ele não estavam de acordo com a Bíblia.

Apesar de meu ceticismo - ainda hoje sou assim - em relação a muitos desses testemunhos, jamais questionei a minha morte. Na verdade, foi uma experiência muito poderosa. Ela mudou tanto a minha vida que não consegui contá-la a ninguém até David Gentiles me indagar a respeito, quase dois anos depois do acidente.

Fiz uma pesquisa sobre experiências de quase-morte, e tenho pensado nisso com freqüência ao longo dos anos.

Em dezembro de 2001, o boletim Lancet, da Sociedade Médica Britânica, publicou uma pesquisa sobre EQM. Antes, a maioria dos especialistas da ciência e da medicina repudiava esses acontecimentos dramáticos, classificando-os como o desejo da mente ou reflexos desordenados do cérebro quando recebe pouco oxigênio.

A pesquisa, realizada na Holanda, constitui um dos primeiros estudos científicos. Em vez de entrevistar as pessoas que alegavam ter passado por uma EQM, eles acompanharam centenas de

pacientes que ressuscitaram depois de sofrer morte clínica (o coração parou de bater). Os pesquisadores acreditavam que esse tipo de abordagem da questão - ou seja, registrar as experiências logo depois de elas acontecerem, em vez de baseá-las em lembranças muito posteriores - forneceria relatos mais precisos.

Os resultados foram estes: cerca de 18% dos pacientes que participaram do estudo falaram sobre recordações do tempo em que estiveram clinicamente mortos. Entre 8% e 12% fizeram relatos parecidos com aqueles geralmente aceitos sobre experiências de quase-morte, como a visão de luzes brilhantes, a travessia de um túnel ou mesmo a entrada no céu, onde dialogara com parentes e amigos mortos. Os pesquisadores concluíram que as experiências depois da vida ou, EQM, são apenas "algo que todos nós desejamos desesperadamente que seja verdade".[1]

Por outro lado, outros acadêmicos tiraram conclusões baseadas em um estudo que fizeram com 344 pessoas (com idades que variavam de 26 a 92 anos) que foram ressuscitadas. A maioria delas foi entrevistada em um espaço de cinco dias depois de passar por essa experiência. Os pesquisadores entraram em contato com essas mesmas pessoas duas outras vezes: dois e oito anos depois de ressuscitarem.

Eles descobriram que as experiências não combinavam com nenhum dos parâmetros psicológicos, fisiológicos ou médicos dos pacientes - ou seja, não tinham relação com os processos de morte cerebral. A maioria dos pacientes lembrava-se com clareza das coisas pelas quais passaram. Segundo os pesquisadores, isso enfraquece a tese de que as lembranças eram falsas.

O mais importante, em minha opinião, é o fato de as pessoas que passaram por essas experiências terem registrado mudanças de personalidade. Elas perderam o medo da morte. Tornaram-se mais compassivas, doadoras e amorosas.

Na verdade, o estudo não provou nada sobre a realidade da EQM. Como costuma acontecer antes de se iniciar pesquisas dessa natureza, um grupo acreditava que as experiências de quase-morte eram apenas estados psicológicos das pessoas que as viveram; outro grupo achava que aquelas evidências apoiavam a legitimidade das ocorrências e sugeriam que os cientistas repensassem as teorias que rejeitavam experiências fora do corpo físico.

Não tenho a intenção de tentar colocar um fim nesse debate. Só posso relatar o que aconteceu comigo. Não importa o que os pesquisadores possam tentar me dizer ou deixar de dizer, eu sei que estive no céu.

Dediquei uma grande parte de meu tempo para analisar por que aquilo aconteceu, e não o que aconteceu. Só cheguei a uma conclusão sólida: antes de morrer em um acidente de carro, eu era cético em relação a experiências de quase-morte. Simplesmente não conseguia entender como uma pessoa era capaz de morrer, ir ao céu e retornar para contar a história. Nunca duvidei da morte, da realidade do céu ou da vida depois da morte.

O que eu questionava eram as descrições das EQM. Sempre achei as histórias muito ensaiadas e parecidas demais. Foi então que morri, fui ao céu e voltei. Só posso falar a respeito do que aconteceu comigo. Nem por um momento pensei se tratar meramente de uma visão, de algum tipo de cruzamento de fios mentais ou fosse resultado de histórias que eu tivesse ouvido antes. Eu sei que o

céu existe. Estive lá e voltei.

Tudo se resume no seguinte: até alguma pessoa permanecer morta por um longo período e voltar depois com provas irrefutáveis da vida depois da morte, as EQM continuarão sendo uma questão de fé ou, no mínimo, mera conjectura. Mas quando isso acontecer, como diz um de meus amigos, "o que mais poderá ser considerado novidade?"

Certa vez, compartilhei as minhas experiências com uma grande congregação da qual faziam parte os pais de minha esposa, Eldon e Ethel Pentecost. Eles sempre me apoiaram muito e fizeram enormes sacrifícios durante meu acidente e o longo processo de recuperação.

Depois do culto, fomos até a casa deles. A certa altura, Eldon e eu ficamos conversando sozinhos, e ele me disse:

- Fiquei muito zangado quando você contou a história de sua viagem ao céu pela primeira vez.

Eu não fazia a menor idéia de que ele havia se sentido assim. -Você terminava dizendo que nunca quis voltar à Terra. Limitei-me a balançar a cabeça, concordando, sem saber aonde aquela conversa nos levaria. Ele prosseguiu:

Não entendi na hora, mas agora mudei. Hoje, quando ouço você falar sobre a beleza do céu, compreendo um pouco melhor o motivo de você desejar, naquele momento, se separar de minha filha e de meus netos. Você sabe que eles se juntarão a você lá um dia, não é?

Sem dúvida alguma - respondi.

Aquela confissão de Eldon me pegou de surpresa. Ele tinha razão, é claro. Eu tive o privilégio de batizar meus filhos e assistir ao batismo de minha esposa também. Eu sabia que a profissão de fé dela era autêntica. Pela fé, tinha certeza de que, um dia, todos morariam no céu. Separar-me deles nunca passou pela minha cabeça enquanto estive no céu. As pessoas no céu não têm noção de quem não está lá. Eles sabem quem está chegando.

Mesmo hoje, posso dizer, com toda a honestidade, que gostaria de ter permanecido no céu, mas a minha hora final ainda não chegou. Depois de deixar o céu, se eu soubesse que passaria duas semanas internado em uma UTI, um ano em um leito de hospital e enfrentaria 34 cirurgias, certamente me sentiria ainda mais desanimado desde o início. No entanto, essa não era uma prerrogativa minha, e voltei ao som de uma voz em oração, botas pisando estilhaços de vidro e a equipe do Jaws of Life cortando meu carro todo destruído.

Uma pergunta ainda me intriga: Por quê? Ela assume várias formas:

Por que morri naquele acidente de carro?

Por que tive o privilégio singular de ir ao céu?

Por que tive um vislumbre do céu e, em seguida, voltei à Terra?

Por que quase morri no hospital?

Por que Deus me permite viver em dor constante desde 18 de janeiro de 1989?

A resposta mais simples: eu não sei. E aquela simples questão - por quê? - continua sendo a maior dúvida da humanidade. Por natureza, somos curiosos. Queremos saber.

Depois de todos esses anos, ainda não é fácil, para mim, relatar o que aconteceu. Por várias vezes tentei escrever a respeito, mas não consegui. Foi por isso que pedi a meu amigo Cec Murphey para me ajudar com este livro - se dependesse só de mim, nunca teria sido escrito. O trauma emocional de reviver todos os eventos é muito grande. Só depois de contar com alguém para escrever de fato é que consegui, finalmente, passar por essa provação.

Ainda não sei por que essas coisas aconteceram. Sei que Deus está comigo nos momentos mais sombrios da vida.

Além de perguntar: "Por quê?", há outras questões. Acho que são ainda mais importantes.

Será que Deus quis que eu experimentasse os extremos da dor para poder entender a dor dos outros?

Será que o Senhor quis me mostrar como é o verdadeiro céu?

O que Deus desejava me ensinar com todas essas experiências, tanto a da morte quanto a do longo período de recuperação?

Como minhas experiências podem beneficiar os outros?

Depois de tantos anos, não tenho as respostas para a maioria dessas perguntas. Aprendi algumas coisas e percebi que Deus ainda tem motivos para me manter vivo na Terra. Pode ser que eu nunca descubra que razões são essas, e Deus não tem obrigação de me explicar.

Embora eu não tenha respostas completas para muitas de minhas dúvidas, estou em paz. Sei que estou onde Deus deseja que eu fique. Sei que estou fazendo a obra da qual o Senhor me incumbiu.

Encontro consolo em uma história registrada no Evangelho de João. Um homem que nascera cego encontra Jesus e é curado. Depois disso, ele sai correndo e louvando a Deus, mas a cura daquele sujeito é um constrangimento para os líderes religiosos que tentavam colocar o povo contra Jesus. Eles interrogam o homem que voltara a enxergar, tentando obrigá-lo a admitir que Jesus é um pecador (ou seja, uma fraude).

O homem diz, com sabedoria: "Não sei se ele é pecador ou não. Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo!" (João 9:25). Da mesma forma, algumas pessoas podem não acreditar em meu relato; talvez achem que tudo não passou de algum tipo de realização de desejo durante um momento de grande trauma. Não preciso ficar defendendo a legitimidade de minha experiência.

Sei o que aconteceu comigo. Para aqueles de nós que acreditam na realidade do céu, não há necessidade de muitas provas. Eu sei o que aconteceu comigo.

Acredito que Deus tenha me dado uma pista de como será a eternidade no céu.

Também creio que parte da razão de eu ainda estar vivo, como já mencionei, foi a oração das pessoas. Dick Onerecker orou para que eu voltasse à vida sem nenhuma seqüela cerebral. David Gentiles e outros oraram para que Deus ainda não me levasse de volta para o céu.

Estou aqui, estou vivo, e isso porque os propósitos de Deus ainda não foram cumpridos em minha vida. Quando Deus tiver terminado de realizar sua obra em mim, voltarei ao lugar onde anseio estar. Já fiz minha reserva definitiva para o céu, e um dia voltarei para lá - para sempre.

Oro para encontrar você naquele lugar também.

---

[1] Pim van Lommel, Ruud van Wees, Vincent Meyers, Ingrid Alffench, "Near-death Ex-perience in Survivors of Cardiac Arrest: A Prospective Study in the Netherlands" ["Experiências de quase-morte entre sobreviventes de ataques cardíacos: um estudo em perspectiva na Holanda"], em Lancet, 358, n.° 9.298, ed. 15/1 /2001, p. 2.039-2.045.